Caleidoscópio da Vida
José Feldman

copyright © José Feldman

Digitação, organização, editoração: José Feldman

Montagem da Capa e Marca D'Água: Microsoft Bing

FELDMAN, JOSÉ

Caleidoscópio da Vida/ José Feldman – Floresta/PR: Ed. Plat Poe. Biblioteca Sunshine, 2026.

1. Contos 2. Crônicas

Permitida a divulgação, desde que citada a fonte

Proibida a comercialização sem autorização do autor e dos trovadores.

Apresentação do Livro

É com grande alegria que apresento este livro, uma coletânea de crônicas e contos que navegam pelas ricas águas da trova, uma forma de expressão poética que ecoa tanto em terras brasileiras quanto portuguesas. Em "Caleidoscópio da Vida: Crônicas e Contos", convido você, leitor, a embarcar em uma jornada literária que mescla humor, lirismo e reflexões filosóficas, oferecendo um mosaico de sentimentos e pensamentos que enriquecem a experiência de leitura.

Desde o início de 2025, venho pesquisando e escrevendo textos que exaltam a beleza e a sabedoria das trovas, uma tradição que se estende por séculos e que captura a essência do cotidiano com uma simplicidade magistral. Cada crônica e conto aqui presentes fala de um aspecto da vida, seja de forma cômica ou reflexiva, permitindo que você desenhe um sorriso ou uma pausa mais profunda ao longo do caminho.

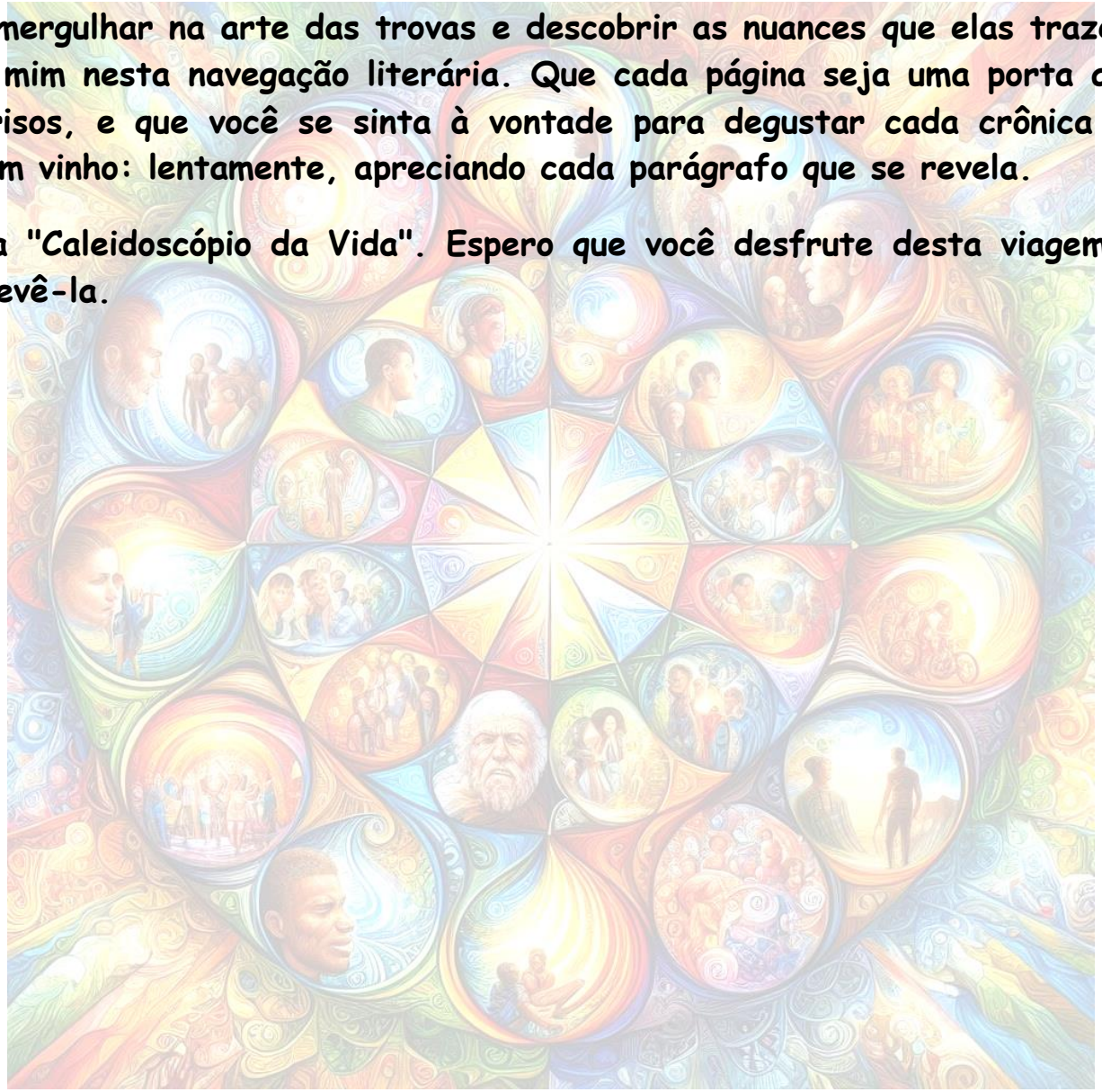
Os textos estão organizados de maneira a proporcionar uma dinâmica envolvente: uma reflexão séria ou um conto humorístico surge para aliviar a tensão e celebrar a leveza da existência. Essa disposição visa não apenas entreter, mas também instigar a leitura como uma experiência rica e multifacetada.

Alguns desses escritos já foram apresentados em meus blogs, "Singrando Horizontes" e "Pérgola de Textos", onde compartilho pensamentos e histórias. Tenho o prazer de agora reuni-los nesta obra, 38 textos de 36 trovadores que me serviram de inspiração e que espero que reverberem em seus corações e mentes.

Prepare-se para mergulhar na arte das trovas e descobrir as nuances que elas trazem. Agradeço por você se juntar a mim nesta navegação literária. Que cada página seja uma porta aberta para novos horizontes e sorrisos, e que você se sinta à vontade para degustar cada crônica e conto como se degustasse um bom vinho: lentamente, apreciando cada parágrafo que se revela.

Seja bem-vindo a "Caleidoscópio da Vida". Espero que você desfrute desta viagem tanto quanto eu desfrutei ao escrevê-la.

José Feldman



ÍNDICE DOS TÍTULOS E RESPECTIVOS TROVADORES QUE INSPIRARAM OS TEXTOS

Corpo e coração (Dulcídio de Barros Moreira Sobrinho) 08

Sala vazia (Luzia Brisolla Fuim) 11

Coração de Palhaço (Cláudio de Cápua) 15

O bombeiro Clemente (Fabiano Wanderley) 19

União de mãos e vidas (Aparício Fernandes) 23

Visita sacana (Ademar Macedo) 27

O esposo atrasado (Belmiro Braga) 30

Dia de canja (A. A. de Assis) 33

A bebedeira... mais ou menos (Miguel Epstejn Russowsky) 36

O falso barbeiro (Dorothy Jansson Moretti) 41

Loucuras sem fim (Fernando Vasconcelos) 47

Meu reino por um banheiro (Selma Patti Spinelli) 51

A estrada e o coração (Luiz Poeta) 56

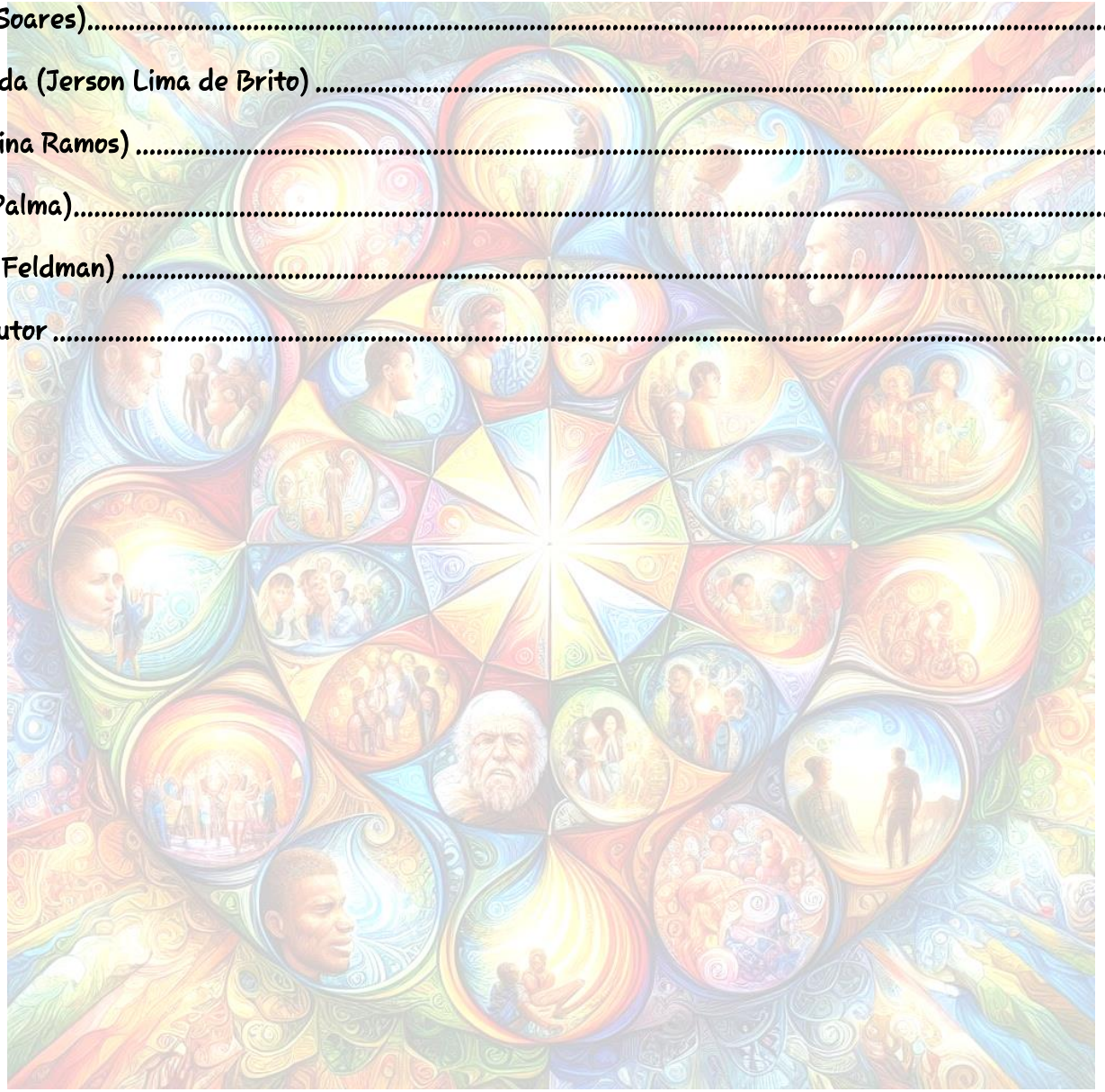
Os calos das mãos (Mara Melinni Garcia) 60

O reflexo do Criador (Nei Garcez) 63

Dois amigos e um mentiroso (José Feldman) 67

O sol dentro de mim (Therezinha Dieguez Brisolla) 70
A visita da felicidade (Lucília A. T. Decarli) 74
O reacender da luz (Vanda Fagundes Queiroz) 77
O lamento da terra (José Lucas de Barros) 81
O mistério da pimenta (Élbea Priscila de Souza e Silva) 86
No coração da arte (Antônio Juraci Siqueira) 91
A quarta vez (Darly O. Barros) 96
O valor dos gestos (João Costa) 101
A alma sentida (Adolfo Macedo) 106
A batalha silenciosa (Angélica Villela Santos) 110
Máscaras da vida (Renato Alves) 114
Previsões e ilusões (Arthur Thomaz) 118
A verdadeira face (Filemon Martins) 123
Amores na mocidade (Professor Francisco Garcia) 127
A angústia da noite (Wanda de Paula Mourthé) 131
O coração sonhador (Therezinha Dieguez Brisolla) 135
O jogo das ilusões (Solange Colombara) 139

À sombra do lago (Edy Soares)..... 144
A tempestade e a jornada (Jerson Lima de Brito) 148
O sonho do poeta (Carolina Ramos) 151
Mais um adeus (Eliana Palma)..... 155
A espetaria fatal (José Feldman) 160
Dados Biográficos do Autor 164



Corpo e Coração

Dulcídio de Barros Moreira Sobrinho

(Juiz de Fora/MG)

O migrante em sua andança
parte do amado rincão.
Leva consigo a esperança
mas deixa o seu coração.

A poeira levantada pelas rodas do ônibus de linha parecia não querer baixar, como se o próprio chão do sertão tentasse segurar, pelos tornozelos, aquele que decidira partir. No calendário pendurado na parede de barro da memória, o ano era 2026, mas o sentimento era secular. Lupércio olhava pela janela embaçada, vendo o contorno das cercas de arame farpado se tornarem borrões cinzentos, e sentia o peso exato de cada verso de uma trova que costumava cantarolar ao pé do fogo.

"O migrante em sua andança / parte do amado rincão."

O rincão de Lupércio não era apenas uma coordenada geográfica; era o cheiro da terra molhada após a primeira chuva de caju, o som das cigarras que anunciavam o meio-dia e o gosto do leite tirado na hora. Partir não era um desejo, era uma sentença. A seca, a falta de oportunidade ou o sonho de uma vida onde o esforço fosse pago com algo mais que apenas o cansaço, empurravam-no para fora. Ele deixava para trás o umbigo enterrado sob a sombra do juazeiro e a segurança de ser conhecido pelo nome, para se tornar apenas mais um vulto na multidão das metrópoles.

Naquela pequena sacola de nylon que apertava contra o peito, não havia muitos pertences. Algumas peças de roupa puídas, um terço de contas gastas e o retrato amarelado da família. Contudo, o volume maior não ocupava espaço físico. "Leva consigo a esperança".

A esperança do migrante é uma substância curiosa: é leve o suficiente para não cansar os ombros, mas forte o bastante para suportar o peso de um mundo novo e hostil. Lupércio levava a esperança de mandar dinheiro para o remédio da mãe, a esperança de reformar o telhado que ameaçava cair e a promessa de que, no próximo Natal, voltaria "estribado", como diziam os antigos. Era essa luz teimosa, essa chama que teima em não apagar sob o vento da incerteza, que o fazia encarar as tantas horas intermináveis de estrada com um brilho resiliente nos olhos.

Entretanto, conforme o ônibus avançava e a paisagem familiar era substituída por viadutos e prédios de vidro, um vazio se instalava no peito. É que a física do destino é cruel: ninguém parte por inteiro. Na trova, em sua sabedoria, já avisava: "mas deixa o seu coração".

O coração de Lupércio não embarcou na rodoviária. Ele ficou lá, sentado no banco de madeira da varanda, esperando o café que nunca seria servido por suas mãos naquela tarde. Ficou preso no olhar marejado da namorada que acenou até o ônibus sumir na curva da estrada.

O coração do migrante é um órgão que se recusa a viajar; ele prefere a segurança do conhecido, o calor do afeto e a paz do território onde as raízes estão fincadas.

Assim, o migrante vive essa dualidade eterna. Em 2026, com toda a tecnologia das videochamadas, ele via o rosto dos seus através de uma tela de celular em uma pensão barata no centro da cidade grande. A imagem era nítida, o som era claro, mas o toque era inexistente. Ele percebeu, então, que a crônica de sua vida era escrita entre o "lá" e o "cá".

Ele caminha pelas calçadas de concreto, movido pela esperança que trouxe na mala, mas caminha como um sonâmbulo, pois a bússola que orienta seus sentimentos — o seu coração — continua batendo devagar, no ritmo do balanço de uma rede, lá no amado rincão que ele teve de deixar para trás. Ser migrante é isso: é ter os pés no futuro, mas a alma eternamente estacionada no passado, aguardando o dia do reencontro onde, finalmente, o corpo e o coração poderão voltar a habitar o mesmo lugar.

Sala Vazia

Luzia Brisolla Fuim

(São Paulo/SP)

Sua voz pausada e fria:
- Feche a porta, por favor,
Conduz-me à sala vazia...
Vazia do seu amor!

O relógio de parede na antessala batia as seis badaladas de uma tarde de outono. O som do pêndulo parecia cortar o silêncio como uma guilhotina cega. Lúcia estava ali, parada diante da porta de carvalho, a mão hesitando sobre a maçaneta fria. Do outro lado, estava o homem com quem dividira dez anos de sonhos, mas de quem não recebia uma palavra calorosa há meses.

Quando finalmente entrou, encontrou Artur sentado junto à janela. Ele não se virou. O perfil dele, recortado contra a luz alaranjada do crepúsculo, era de uma beleza estatuária e gélida. O ar condicionado do apartamento parecia ter sido ajustado para uma temperatura ártica, ou talvez fosse apenas a presença dele que resfriasse o ambiente.

Sem desviar os olhos do horizonte de prédios, ele falou. A sonoridade de suas palavras foi o primeiro golpe. Era a materialização exata da trova que ela lera um dia: *"Sua voz pausada e fria"*. Não havia raiva, não havia gritos, nem o tremor da hesitação. Era a voz de quem já havia tomado uma decisão há muito tempo e apenas aguardava o momento de comunicá-la.

— *"Feche a porta, por favor"* — disse ele, as sílabas saindo como pedras de gelo batendo em um copo de cristal.

Lúcia obedeceu. O clique da fechadura soou definitivo, como o fechamento de um ciclo. Ela deu dois passos para dentro, sentindo que o tapete sob seus pés era agora um terreno estrangeiro. Artur finalmente se levantou e, com um gesto contido, apontou para o ambiente onde costumavam receber amigos, brindar vitórias e planejar o futuro.

Ele a "*conduz à sala vazia*".

À medida que avançavam para o centro do cômodo, Lúcia sentiu um calafrio. Fisicamente, a sala estava decorada com o luxo sóbrio que o sucesso deles permitira: quadros de artistas modernos, móveis de design assinado, prateleiras repletas de livros encadernados. Mas, para ela, o espaço parecia um deserto de ecos. Não havia o calor do cotidiano, não havia o som do riso dele que antes inundava os cantos, não havia o cheiro do perfume que ela costumava associar ao porto seguro.

Eles pararam no centro do tapete persa, a distância de um braço, mas separados por um abismo que nenhuma ponte poderia cruzar. Artur a olhou nos olhos, e ela viu ali o vazio que a trova profetizara. Não era uma sala vazia de móveis ou de gente; era algo muito mais devastador.

Era uma sala "*vazia do seu amor*".

— Onde foi que ele se escondeu? — Lúcia perguntou, a voz falhando, tentando buscar um rastro de afeto naquela imensidão de mármore e silêncio.

Artur deu um sorriso triste, um movimento de lábios que não chegava aos olhos.

— O amor não se esconde, Lúcia. Ele se gasta. Como uma lâmpada que fica acesa tempo demais até que o filamento se rompe.

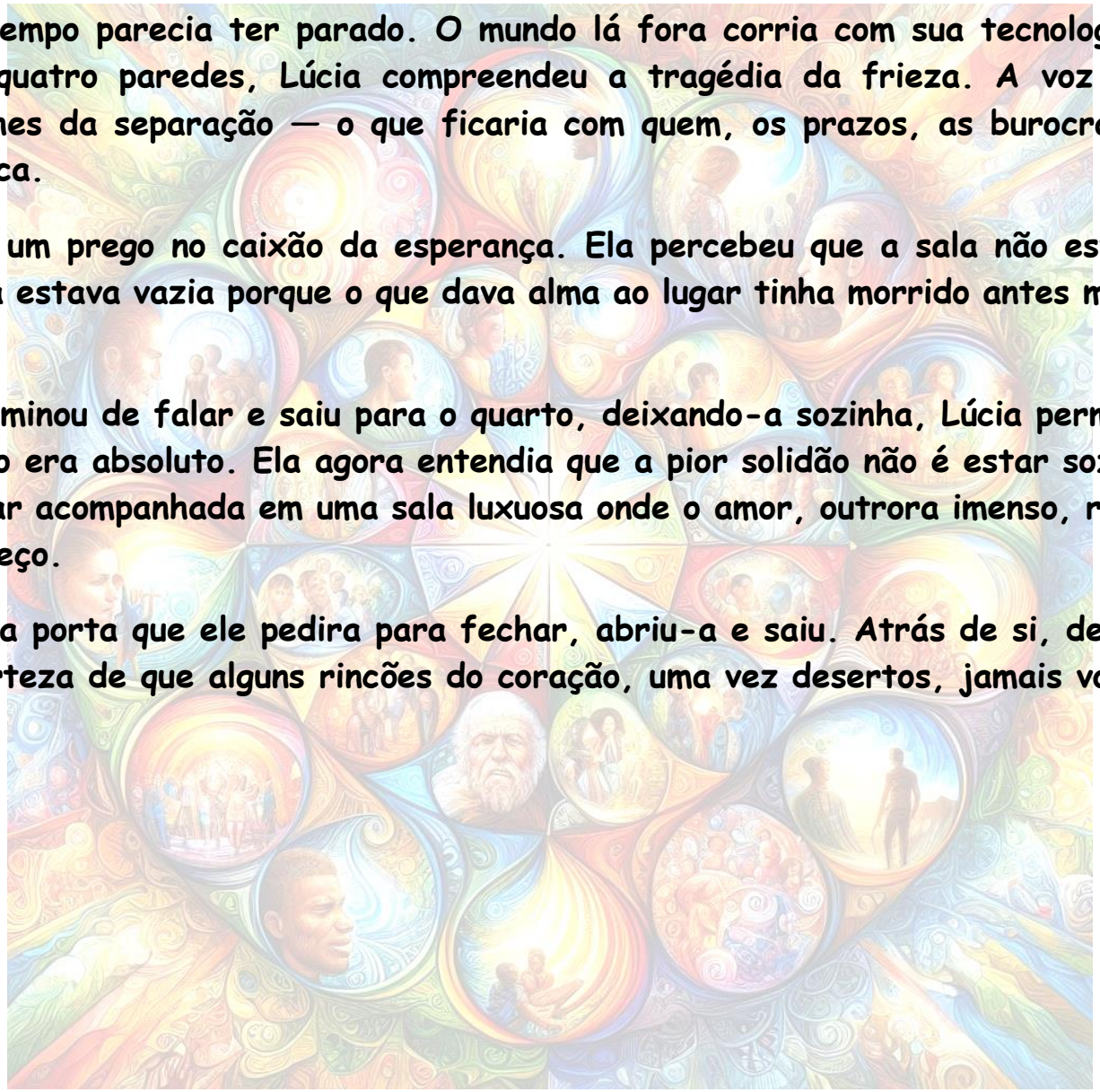
Ela olhou ao redor, e cada objeto parecia uma lápide. A poltrona onde liam juntos agora era apenas madeira e tecido. A mesa de centro, onde serviam o chá, era apenas uma superfície fria. O amor, que antes preenchia os vãos entre os móveis e as pessoas, havia evaporado, deixando para trás apenas a estrutura oca de uma convivência.

Naquela sala, o tempo parecia ter parado. O mundo lá fora corria com sua tecnologia e pressa, mas dentro daquelas quatro paredes, Lúcia compreendeu a tragédia da frieza. A voz dele continuou a explicar os detalhes da separação — o que ficaria com quem, os prazos, as burocracias — de forma pausada e metódica.

Cada palavra era um prego no caixão da esperança. Ela percebeu que a sala não estava vazia porque ele ia embora; ela estava vazia porque o que dava alma ao lugar tinha morrido antes mesmo de as malas serem feitas.

Quando Artur terminou de falar e saiu para o quarto, deixando-a sozinha, Lúcia permaneceu no centro da sala. O silêncio era absoluto. Ela agora entendia que a pior solidão não é estar sozinha em um lugar deserto, mas estar acompanhada em uma sala luxuosa onde o amor, outrora imenso, resolveu se retirar sem deixar endereço.

Ela caminhou até a porta que ele pedira para fechar, abriu-a e saiu. Atrás de si, deixou a sala vazia, a voz fria e a certeza de que alguns rincões do coração, uma vez desertos, jamais voltam a florescer.



Coração de Palhaço

Cláudio de Cápua

(São Paulo/SP, 1945 – 2021, Santos/SP)

Palhaços de profissão?
Ah, Como é bom, fazem bem.
O triste é ter coração
e ser palhaço de alguém!

O picadeiro do Circo era um universo de serragem, luzes ofuscantes e o cheiro onipresente de pipoca caramelizada. Para o público, Geraldo era "Gingibre", o palhaço que tropeçava nos próprios pés e arrancava gargalhadas até dos mais céticos. Mas, sob a maquiagem branca e o nariz de borracha, Gingibre carregava o peso de uma máscara que nunca podia ser removida.

Como dizia a trova que ele ouvira certa vez de um velho poeta de estrada: "Palhaços de profissão? Ah, Como é bom, fazem bem." E era verdade. Geraldo sentia um orgulho genuíno ao ver o brilho nos olhos das crianças. Havia uma dignidade quase sagrada em ser o receptáculo do riso alheio, em transformar a própria queda em alívio para os outros. Ser palhaço de profissão era sua cura; o problema era a vida que pulsava fora do picadeiro.

O drama de Geraldo atendia pelo nome de Lucinda.

Lucinda era a trapezista estrela, a mulher que parecia flutuar acima das misérias do mundo. Geraldo a amava com a devoção silenciosa dos mártires. No entanto, para ela, ele não era o artista, o colega ou o homem. Ele era o seu entretenimento particular.

— Gingibre, venha aqui! — chamava ela, sempre que o dono do circo a repreendia ou quando o jovem domador de leões não lhe dava atenção. — Conte-me aquela história engraçada do padre e o papagaio. Preciso me distrair.

E Geraldo contava. Ele fazia malabarismos com laranjas, fingia sustos e permitia que ela o diminuísse com piadas ácidas diante de todo o elenco. Ele aceitava ser o bobo da corte dela, o ombro onde ela chorava por outros homens, o alvo de seus caprichos mais fúteis.

A cada risada de Lucinda, uma parte de Geraldo morria. Ele percebia que a trova terminava com uma nota de amargura que ele sentia na carne todos os dias: "O triste é ter coração e ser palhaço de alguém."

Naquela sexta-feira de inverno, o circo estava lotado. Geraldo preparava-se para entrar em cena quando viu Lucinda nos bastidores, discutindo com o domador. Ela chorava, uma lágrima borrando o rímel azul. Ao ver Geraldo, ela estalou os dedos, num gesto mecânico de quem chama um cão doméstico.

— Geraldo, rápido! Faça aquela careta que eu gosto. Ele me deixou furiosa, preciso rir ou vou cair daquele trapézio!

Geraldo parou diante do espelho. Ele olhou para a própria imagem: a boca pintada num sorriso eterno, as sobrancelhas arqueadas em surpresa perpétua. O coração, porém, batia com uma lentidão dolorosa, como um tambor de funeral. Ele percebeu que a profissão de palhaço era uma honra, mas a servidão emocional era uma masmorra.

— Hoje não, Lucinda — ele disse, com a voz rouca, sem olhar para trás.

— Como? — ela bufou, incrédula. — Você é o meu palhaço, Geraldo. Sempre foi.

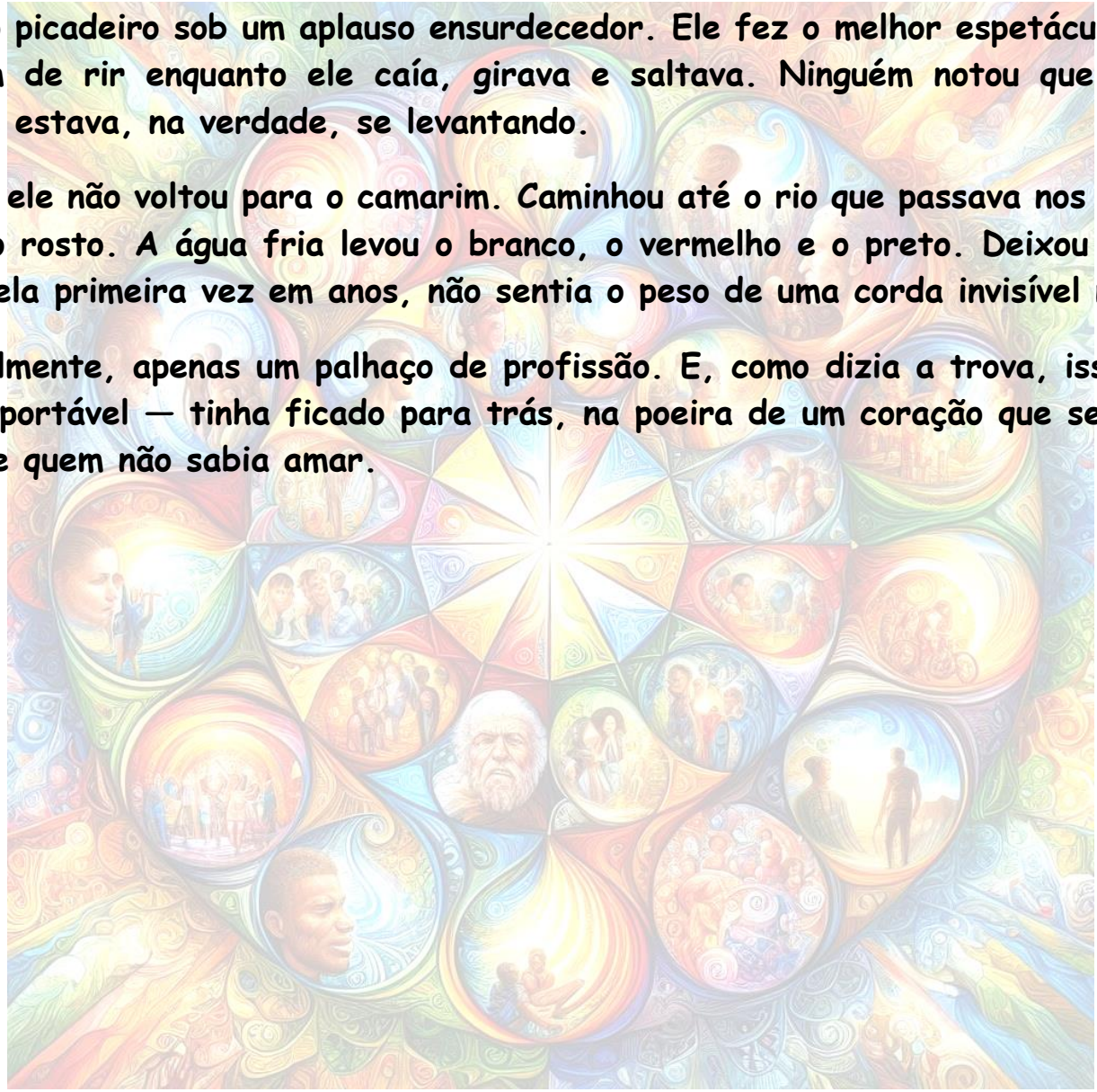
Ele finalmente se virou. O contraste era brutal: a maquiagem festiva de Gingibre contra o olhar desolado de Geraldo.

— No picadeiro, eu sou o palhaço de todos, e isso me faz bem — ele afirmou, sentindo as mãos tremerem. — Mas aqui fora, eu tentei ser o palhaço do seu coração. E é aí que mora a tristeza. Eu tenho um coração, Lucinda. E ele cansou de ser o seu brinquedo.

Geraldo entrou no picadeiro sob um aplauso ensurdecedor. Ele fez o melhor espetáculo de sua vida. As pessoas choravam de rir enquanto ele caía, girava e saltava. Ninguém notou que, a cada "tombo" coreografado, ele estava, na verdade, se levantando.

Ao final do show, ele não voltou para o camarim. Caminhou até o rio que passava nos fundos do terreno do circo e lavou o rosto. A água fria levou o branco, o vermelho e o preto. Deixou apenas a face de um homem que, pela primeira vez em anos, não sentia o peso de uma corda invisível no pescoço.

Geraldo era, finalmente, apenas um palhaço de profissão. E, como dizia a trova, isso era muito bom. O triste — o insuportável — tinha ficado para trás, na poeira de um coração que se recusava a ser o entretenimento de quem não sabia amar.



O Bombeiro Clemente

Fabiano Wanderley

(Natal/RN)

O bombeiro, seu Clemente,
no boteco, faz seu jogo,
já se apaga, na aguardente,
combatendo o próprio fogo!

Esta é a história de Clemente, um homem que levava seu ofício tão a sério que a linha entre o dever profissional e o lazer pessoal era mais fina que um fio de mangueira velha.

Clemente era o sargento mais respeitado do destacamento local. Em trinta anos de carreira, ele nunca tinha deixado uma labareda para contar história. Mas, como dizem os colegas de farda, "quem muito lida com brasa, um dia busca o gelo". E o gelo do Clemente vinha sempre mergulhado em um copo de cristal legítimo (ou de requeijão, dependendo da pressa) no Boteco do Almeidinha.

Toda sexta-feira, exatamente às 18h02, Clemente entrava no bar com a postura rígida de quem vai salvar um orfanato. Ele não pedia uma dose; ele anunciava uma ocorrência.

— Almeida! — bradava ele, batendo no balcão. — Relato de incêndio nas mucosas! Preciso de intervenção hídrica de alto teor alcoólico, agora!

Almeida, que já conhecia o protocolo, nem perguntava. Sacava a garrafa da "Marvada", uma aguardente que, se caísse no chão, corroía o azulejo, e servia o sargento. Clemente olhava para o copo com a seriedade de um perito criminal.

— Veja só, Almeida... — dizia ele, girando o líquido transparente. — O fogo, ele começa silencioso. É uma queimação no peito, uma secura na alma que só a unidade de elite da caninha de Alambique pode debelar.

O primeiro gole era o que Clemente chamava de "Ataque Direto". Ele jogava a cachaça garganta abaixo sem piscar. A expressão no rosto dele passava por sete estágios de dor e três de iluminação espiritual.

— Fogo controlado no esôfago! — exclamava ele, com os olhos lacrimejando. — Mas ainda sinto focos de calor na região do fígado. Mande mais um caminhão-pipa!

Lá pela quarta dose, Clemente já não era mais um bombeiro; ele era o próprio incêndio. O rosto estava vermelho como um caminhão da corporação, e o nariz brilhava como uma sirene em alerta máximo. Era o momento em que ele começava a "fazer seu jogo".

O "jogo" do Clemente consistia em tentar convencer os outros bêbados de que ele estava, na verdade, trabalhando. Se um cliente acendia um cigarro, Clemente gritava: — Cuidado com o retorno de chama! Mantenha a ventilação tática!

Se alguém pedia uma cerveja gelada, ele intervinha: — Negativo! O choque térmico pode comprometer a estrutura do seu bueiro gástrico! Fique na aguardente, que mantém a temperatura estável!

A situação atingiu o ápice na noite em que o Almeida serviu uma porção de linguiça flambada na mesa ao lado. Quando o garçom riscou o fósforo e o prato subiu em chamas azuis, o instinto de Clemente falou mais alto.

Ele não tinha uma mangueira, mas tinha um copo de 300ml de cachaça pura na mão.

— INCÊNDIO DE PROPORÇÕES CATASTRÓFICAS! — urrou Clemente.

Em um movimento heroico (e completamente desastroso), ele arremessou o conteúdo do copo — cachaça de 45 graus — diretamente sobre a linguiça em chamas.

O resultado não foi a extinção do fogo. Foi uma explosão termobárica de botequim. A labareda subiu até o teto, chamuscou as sobrancelhas do Almeida e derreteu o ventilador de teto. O bar inteiro entrou em pânico, enquanto Clemente, cambaleando mas firme, tentava abafar as chamas com o próprio chapéu.

Dez minutos depois, com o fogo apagado (graças a um extintor de verdade usado pelo segurança), Clemente estava sentado no meio-fio, com a farda desalinhada e um cheiro de churrasco de algodão.

Seu capitão, que passava por ali por coincidência, parou o carro e olhou a cena:

— Clemente? O que aconteceu aqui, homem? Você está todo chamuscado!

Clemente olhou para o superior com a dignidade que resta a um homem que acabou de travar uma guerra contra o próprio fígado e perdeu para uma linguiça. Deu um soluço que quase acendeu o ar ao redor e recitou, com voz pastosa:

— Capitão... o dever me chamou. O fogo estava em todo lugar... no bar, na mesa e, principalmente... aqui dentro. — Ele deu um tapinha na barriga. — Mas pode ficar tranquilo. O bombeiro Clemente... já se apaga... na aguardente... combatendo o próprio fogo!

E assim, Clemente foi levado para casa, não em um caminhão de bombeiros, mas no banco de trás de um táxi, ressonando tão alto que parecia uma sirene ligada, finalmente em paz com o seu "incêndio" particular.

União de Mãos e Vidas

Aparício Fernandes

(Acari/RN, 1934 – 1996, Rio de Janeiro/RJ)

Os noivos fazem questão
de ter as mãos sempre unidas.
- É fácil unir as mãos...
difícil é unir as vidas!

Na pequena cidade de Esperança, onde a rotina era tão previsível quanto o som do sino da igreja marcando as horas, havia um casal que gerava sussurros e sorrisos: Luana e Carlito. A história deles tinha todos os ingredientes para um romance de conto de fadas. Se você passasse pela praça central, veria as mãos entrelaçadas dos dois, como uma imagem de moldura em uma boníssima pintura — serena, colorida e quase perfeita.

Era com frequência que o casal se apresentava como amantes eternos, sempre falando da "sagrada união" das mãos. O que todo mundo não percebia, porém, era que por trás daquela imagem idílica, existia uma realidade muito mais complicada.

Certa vez, durante um encontro na praça, Carlito começou a divagar sobre como seria o futuro deles.

"Vamos unir nossas vidas de uma maneira absolutamente mágica", dizia, com uma certeza quase poética.

Luana, sorrindo, balançava a cabeça, como quem dança ao ritmo da música que só ela escuta. As mãos permaneciam unidas, mas havia um leve tensionamento nos braços, como se, de alguma forma, ele quisesse puxa-la para mais perto, enquanto ela hesitava em dar passos adiante.

O tempo passou, e o dia do casamento se aproximou. A cidade inteira estava ansiosa. As flores foram escolhidas com cuidado, o vestido era um sonho de rendas, e a decoração da igreja, digna de cartões postais. Mas no fundo, havia um eco de perguntas sem respostas. Luana tinha suas dúvidas sobre a vida a dois, e Carlito, mesmo cercado por otimismo, lutava contra inseguranças que não ousava compartilhar.

Na noite que precedeu o grande dia, enquanto todos estavam ocupados com os últimos preparativos, ela decidiu caminhar sozinha até o lago da cidade. O reflexo das estrelas na água a fez pensar. "É fácil unir as mãos...", sussurrou para si mesma. "Difícil é unir as vidas!"

Ali, sob a luz da lua, suas preocupações tomaram forma e ecoaram como um mantra, abrindo uma janela sobre o que realmente significava a vida em conjunto.

Quando finalmente voltou para casa, encontrou Carlito sentado na varanda, seu olhar distante. Ele havia tentado manter a compostura, mas suas mãos estavam desfeitas, caídas entre eles, numa evidência silenciosa de que as promessas eram mais fáceis de fazer do que de cumprir.

No dia do casamento, o altar era um espetáculo. Amigos e familiares rodeavam o casal, e as mãos se entrelaçaram novamente durante o juramento. Mas, no fundo, ela se lembrou de seu momento sob as estrelas.

Quando ele fez a pergunta: "Você se une a mim?" a resposta dela cobrou mais significado do que esperavam. "Sim, mas precisamos fazer isso juntos."

Uma humilidade se instalou ali.

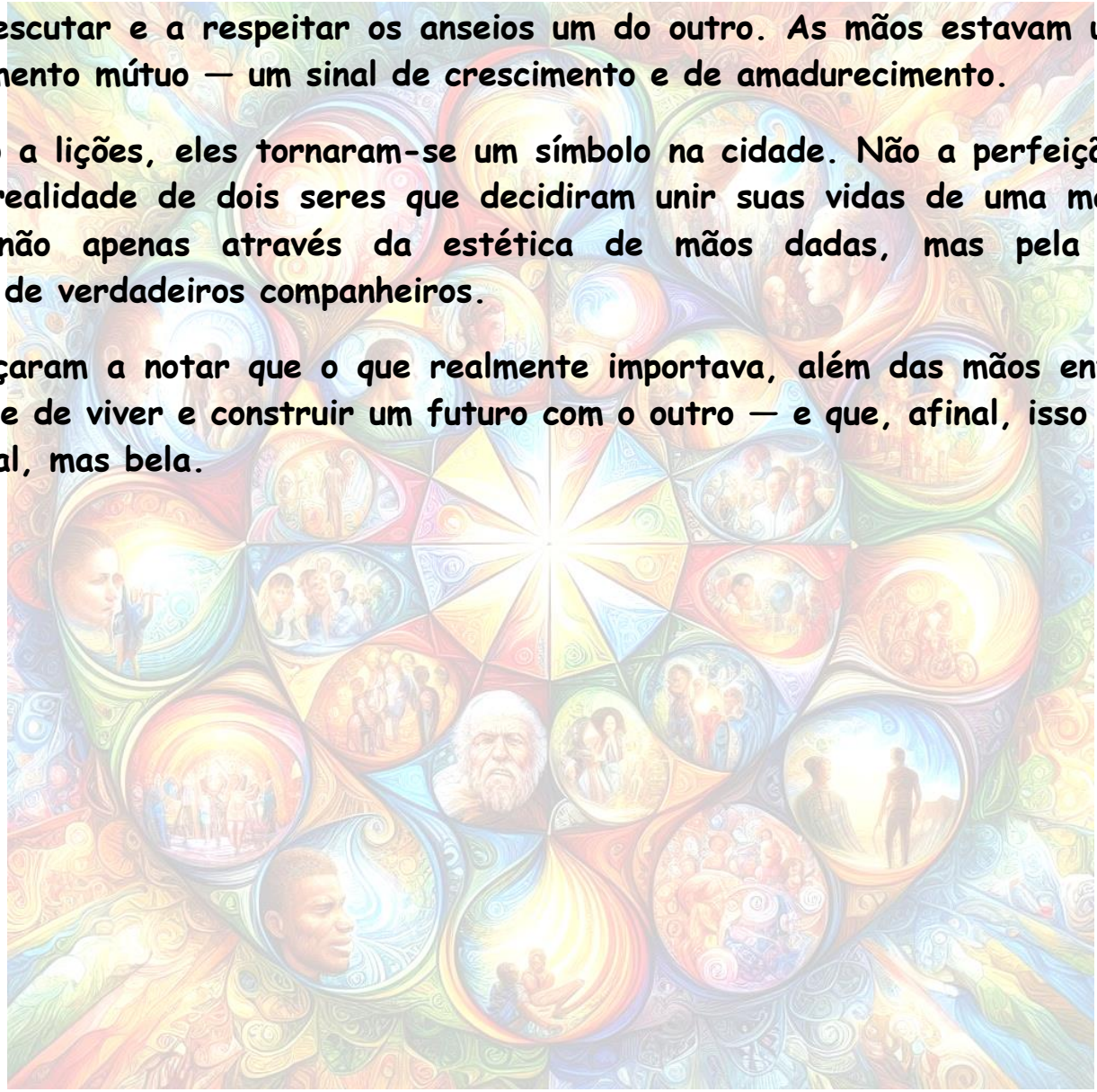
Com os votos feitos, a linha tênue entre união e individualidade começou a ganhar novo sentido. A vida não era um conto de fadas, mas uma dança contínua — um passo à frente, um passo ao lado, e às vezes um giro inesperado.

À medida que o tempo passava, eles aprenderam que, embora fosse simples unir as mãos, a verdadeira arte estava em equilibrar suas individualidades ao dançar juntos no compasso da vida. Aprenderam a

se comunicar, a escutar e a respeitar os anseios um do outro. As mãos estavam unidas, mas agora havia um entendimento mútuo — um sinal de crescimento e de amadurecimento.

E assim, em meio a lições, eles tornaram-se um símbolo na cidade. Não a perfeição de um romance clássico, mas a realidade de dois seres que decidiram unir suas vidas de uma maneira muito mais significativa — não apenas através da estética de mãos dadas, mas pela profundidade do comprometimento de verdadeiros companheiros.

As pessoas começaram a notar que o que realmente importava, além das mãos entrelaçadas, era a genuína capacidade de viver e construir um futuro com o outro — e que, afinal, isso era o que tornava a união não só real, mas bela.



Visita Sacana

Ademar Macedo

(Santana do Matos/RN, 1951 – 2013, Natal/RN)

Chega a causar agonia,
uma visita sacana,
que vem pra passar um dia,
passa mais de uma semana!

Era uma vez a pacata residência de Juvenal e Lurdes, um casal que valorizava o silêncio e o café coado na hora. A paz reinava até que, numa terça-feira chuvosa, um Fiat Uno 2002 estacionou na calçada. Dele saltou o Tio Genivaldo, carregando uma mala de couro descascada e um sorriso que ocupava todo o rosto.

— Ô de casa! — gritou Genivaldo, entrando sem bater. — Só vim entregar um queijo pra Lurdes e já vou embora! Juro por Deus que é coisa de um dia só, tenho que cuidar das minhas galinhas lá em Xerém.

O "um dia" começou com Genivaldo ocupando o sofá. Na quarta-feira, ele descobriu que o chuveiro da suíte era "uma maravilha" e que a Wi-Fi do Juvenal era "mais rápida que pensamento". Na quinta, o queijo que ele trouxe — e que já estava com um cheiro suspeito — foi devorado pelo próprio Genivaldo no café da manhã, junto com meio quilo de mortadela que Lurdes guardava para o jantar.

A agonia de Juvenal começou a subir pelas paredes quando, na sexta-feira, Genivaldo apareceu na sala de cueca samba-canção, assistindo ao programa de fofoca no canal da TV.

— Genivaldo, meu querido — tentou Juvenal, com a voz tremendo de educação — as galinhas em Xerém não estão com fome, não?

— Que nada, Juvenal! Pedi pro vizinho jogar um milho. A hospitalidade de vocês é tão boa que eu até cancelei o ônibus de volta. Vou ficar pro churrasco de domingo!

O problema é que o domingo passou, a segunda chegou, e Genivaldo já estava agindo como o síndico do imóvel. Ele começou a dar palpites na cor da parede e sugeriu que Lurdes trocasse o amaciante das roupas dele, pois o atual "dava coceira nas dobrinhas".

Na quarta-feira seguinte — completando oito dias de "um dia só" — a casa estava em estado de sítio. Juvenal e Lurdes sussurravam na cozinha como conspiradores.

— Ele instalou uma rede na varanda, Juvenal! — choramingou Lurdes. — Ele disse que a luz da manhã é boa pra tratar a sinusite!

— Calma, mulher. Tenho um plano.

Naquela noite, Juvenal desligou o disjuntor da casa e começou a tossir perto de Genivaldo, dizendo que a casa estava com uma infestação de cupins carnívoros e que a vigilância sanitária chegaria ao amanhecer para dedetizar tudo com um gás tóxico, porém "muito eficiente".

Bastou uma menção a "gás tóxico" para Genivaldo pular da rede. Em menos de dez minutos, a mala de couro estava fechada.

— Olha, gente, adoro vocês, mas lembrei que esqueci o ferro de passar ligado lá em Xerém! — mentiu o Tio, saindo em disparada para o Fiat Uno sob o luar.

O silêncio finalmente voltou. Juvenal suspirou, sentou no sofá agora livre e recitou para a esposa:

— Viu, Lurdes? Visita é igual a peixe: depois de três dias, começa a cheirar mal. Mas essa aí já estava virando bacalhau!

O Esposo Atrasado

Belmiro Braga

(Vargem Grande/MG, 1872 – 1937, Juiz de Fora/MG)

Casa em março Ester Macedo
e em julho é mãe... Ora, o alarde!
O filho não veio cedo,
o esposo é que veio tarde...

A pequena cidade de Caranaguá nunca foi fã de matemática, exceto quando o assunto era o calendário gestacional das vizinhas. Naquele ano, o assunto das calçadas era um só: o casamento relâmpago de Ester Macedo com o pacato bancário Getúlio.

Diz uma trova, com a sabedoria ácida das fofoqueiras de plantão: "Casa em março Ester Macedo / e em julho é mãe... Ora, o alarde! / O filho não veio cedo / o esposo é que veio tarde..."

O enlace ocorreu num sábado ensolarado de março.

Ester estava radiante em um vestido de cetim que, segundo a costureira Dona Zuleide, "tinha umas pregas estratégicas para acomodar a felicidade da noiva". Getúlio, coitado, suava tanto no altar, como vaca no cio, com o ar de quem tinha acabado de ganhar na loteria, mas perdido o bilhete logo em seguida.

— Que pressa é essa, Ester? — perguntavam as tias, enquanto devoravam os bem-casados.

— É o amor, titia! O amor não pode esperar o inverno! — respondia ela, com um sorriso enigmático.

Os meses passaram como um trem-bala. Abril trouxe as chuvas; maio, as flores; junho, as festas juninas. E em julho, antes mesmo de as bandeirinhas de São João serem recolhidas, o grito ecoou na maternidade local. Nasceu o pequeno e robusto "Getulinho", com 3,8 kg e pulmões de tenor.

— Março, abril, maio, junho, julho... Cinco meses! — digitou Dona fofoqueira-mor, com a precisão de uma calculadora suíça. — Esse menino não é prematuro nem aqui, nem na China. Olha as bochechas dele! Parece que já nasceu querendo um prato de feijoada!

A cidade entrou em polvorosa. No mercado, na farmácia e até na fila do banco, o julgamento era unânime: Ester tinha "atropelado" as leis da biologia.

Foi então que o Padre Justino, cansado de ouvir confissões que eram, na verdade, fofocas sobre a barriga alheia, resolveu intervir durante a missa de domingo.

— Meus filhos — começou o padre, olhando fixamente para as beatas da primeira fila — parem de dizer que o bebê veio cedo demais. O bebê veio no tempo de Deus.

Ester, que estava no banco de trás com o filho no colo e Getúlio ao lado, levantou-se com uma dignidade de rainha. Ela não estava nem um pouco abalada. Virou-se para a congregação e, com uma voz que silenciou até o ventilador de teto da paróquia, soltou a pérola final:

— Parem de olhar para o berço e olhem para o altar! O meu filho não se adiantou nem um minuto. Ele é um bebê de nove meses rigorosamente contados. O problema é que o Getúlio é que foi um noivo atrasado! Se ele tivesse criado coragem de pedir minha mão no ano passado, o batizado seria junto com o casamento!

A revelação caiu como uma bomba. O "escândalo" não era uma gravidez precoce, mas sim a lentidão crônica de Getúlio em assumir o compromisso. Ele, o esposo, é que "veio tarde" para o cartório, enquanto a vida, apressada, já tinha resolvido florescer por conta própria.

A partir daquele dia, mudou de tom. Não era mais sobre pecado, era sobre a pontualidade masculina. Getúlio virou o santo padroeiro dos namorados enrolados, e Ester, a padroeira das mulheres que não perdem tempo com calendários burocráticos.

Dia de Canja

A. A. de Assis

(Maringá/PR)

Alarme no galinheiro.
- Será que há gambá na granja?...
- Bem mais grave: é o cozinheiro
que avisa: "Hoje vai ter canja!"...

Era uma vez uma granja pacata, onde as galinhas viviam suas vidas de modo tranquilo. Todas as manhãs, cacarejavam alegremente, ciscando pelo pátio, até que um dia, um alarme começou a tocar desesperadamente no galinheiro, e todas as galinhas começaram a se agitar.

— O que será, meu Deus!? — cacarejou a Dona Pinta, a galinha mais velha e sábia do galinheiro.

— Será que há um gambá na granja? — sugeriu o galo, em tom preocupado.

As demais galinhas entraram em alvoroço, cacarejando em demasia. "Gambá! Gambá!" era a única coisa que conseguiam dizer. Elas imaginavam que o intruso estivesse ali para fazer uma festa à fantasia à base de milho e grãos. O pânico foi instigado, e a galinhada começou a se organizar para um plano de defesa.

Mas enquanto as galinhas se mobilizavam, uma voz ecoou de longe. Era o cozinheiro, um homem baixinho e gordo, que apareceu correndo, ofegante, e gritou: "Hoje vai ter canja!"

Nesse instante, um silêncio absoluto tomou conta do galinheiro. As galinhas se entreolharam, e um arrepio percorreu suas penas.

— O que ele quis dizer com "canja"? — perguntou a Galinha Coração, que era a mais medrosa do grupo.

— É o fim! — gritou a Dona Pinta. — Preparem-se para o pior!

A galinha Maluca, decidiu que era hora de uma reunião de emergência.

— Meninas, temos que nos unir! Precisamos de um plano!

Logo, as galinhas formaram um comitê de emergência — "As Defensoras da Vida Gallinácea". Maluca propôs que elas se camuflassem com penas de várias cores, como se fossem um belo arco-íris, para confundir o cozinheiro.

— Se ele não conseguir nos ver, não conseguirá nos pegar! — exclamou.

Então, em um frenesi, as galinhas começaram a buscar tintas e a se pintar. Ficaram tão bem disfarçadas que pareciam um desfile de Carnaval.

Quando o cozinheiro entrou no galinheiro para checar a situação, ele parou de repente.

— O que é isso? Um festival de galinhas? — ele riu.

As galinhas, com medo de serem descobertas, começaram a dançar e cacarejar como se estivessem numa festa. O cozinheiro, sem entender nada, se divertiu tanto que esqueceu totalmente da canja!

No final, as galinhas conseguiram ganhar o dia e, em vez de canja, o cozinheiro preparou um delicioso prato de... vegetais!

— Vamos comemorar, galinhas! Hoje não somos canja, somos estrelas do show! — gritou Maluca, levantando as asas.

E assim, o galinheiro se transformou em uma verdadeira festa, onde as galinhas dançavam e riam, felizes por terem se livrado do destino de um prato quente, pelo menos por mais um dia.

A Bebedeira... mais ou menos

Miguel Epstejn Russowsky

(Santa Maria/RS, 1923 – 2009, Joaçaba/SC)

– Não bebo mais!... – diz o Souza,
com intentos bons e plenos.
Discorda deles a esposa:
– Não bebe mais ... e nem menos!

Numa pequena cidade cercada por montanhas, vivia o Souza, um homem com um coração enorme e um apetite ainda maior por cervejas artesanais. Todo fim de semana, ele se juntava aos amigos na taberna local, onde as risadas e as histórias aconteciam em meio a canecos tilintando. Mas, como toda história divertida, havia uma reviravolta.

Certa manhã, Souza acordou com um leve mal-estar; sua cabeça parecia uma panela de pressão prestes a estourar. Ao olhar no espelho e se deparar com o seu reflexo horrendo, ele fez uma resolução importante:

— Não bebo mais! — declarou para si mesmo, como um verdadeiro homem de coragem.

Quando sua esposa, Dona Marta, entrou na cozinha com um sorriso, ele se sentiu inspirado a compartilhar sua nova decisão.

— Querida, não bebo mais! Acabou a farra! — anunciou, como se tivesse acabado de ganhar um campeonato mundial.

Marta, que conhecia bem o marido e suas "resoluções", arqueou uma sobrancelha e respondeu:

— Não bebe mais… e nem menos!

Souza deu uma risada nervosa, como quem tenta achar graça em um assunto delicado. Ele sabia que Marta, com seu senso de humor afiado, estava apenas começando.

— Olha, amor, o que aconteceu foi só uma noite ruim. Amanhã vou fazer tudo diferente! — tentou ele, segurando uma fatia de pão com manteiga.

Mas Marta não era mulher de se deixar enganar por promessas de um marido crica.

— Ah, claro, a mesma história de sempre… — disse ela, cruzando os braços. — Lembremos da sua "resolução" do mês passado, quando você disse que pararia de comer doces. Como foi mesmo? Comprou um bolo só para "ver como estava"?

Souza tentou esconder um sorriso. Era verdade: ele havia comprado um bolo e esquecido da dieta. Naquele momento, decidiu que precisava de um plano mais sério.

— Então, vou fazer um desafio! — anunciou, com os olhos brilhando. — Uma semana sem álcool! Se eu conseguir, você me dá $50!

Marta, divertindo-se com o entusiasmo do marido, apenas balançou a cabeça.

— Que tal um concurso? Se você não beber durante uma semana, ganha um prêmio. Mas se falhar, você vai ter que lavar toda a louça da casa por um mês.

Num impulso de coragem, Souza topou. O desafio estava lançado! No dia seguinte, ele acordou se sentindo um verdadeiro atleta. Fez uma caminhada até o mercado e logo passou pela seção de bebidas. Tentou desviar o olhar, mas a seção parecia brilhar como um farol em meio à névoa!

— Um refrigerante é só pra refrescar! — pensou ele, enquanto pegava uma lata de guaraná. — Isso conta como não beber, certo?

Toda vez que um amigo o convidava para um "pizzaiada com a loira", Souza se lembrava do desafio e inventava desculpas:

— Preciso ajudar minha esposa a organizar a gaveta de talheres, e você sabe como isso é importante!

Os dias passaram e, embora estivesse seguindo à risca seu desafio, Souza estava prestes a sucumbir. Um sábado à tarde, ele e Marta foram ao parque, e lá estavam seus amigos, rindo, se divertindo e bebendo.

"Só um gole", pensou ele. Mas ao se aproximar, foi recebido com um brinde caloroso.

— Vem, Souza! O refrigerante é só para os fracos!

Nesse momento, uma inundação de lembranças das risadas e das conversas animadas fez seu coração palpitar. Olhou para Marta, que apenas ergueu uma sobrancelha, e decidiu que não poderia quebrar sua promessa.

— Não, pessoal, estou firme e forte na minha resolução!

Os amigos ficaram impressionados, e os preparativos do "grande desafio" se tornaram ainda mais épicos, com todos eles se unindo a ele em apoio. Para não perder o espírito da festa, eles começaram a inventar bebidas "não alcoólicas" divertidas, como "suco de uva em copos de cerveja".

Aquela noite, no entanto, não terminaria sem os clássicos desafios e uma piada. No meio da festa, um amigo levantou seu copo de suco de uva e declarou:

— A esse herói que não bebe mais! Que a gente nunca tenha que olhar para cima na prateleira de bebidas!

Todos riram, e Souza se sentiu como um campeão. Finalmente, quando as risadas cessaram, Marta se virou para ele e disse:

— Como se sente, Dr. Souza?

— Como um verdadeiro campeão! — ele sorriu, já se imaginando com o prêmio em mãos.

No dia de pagamento do desafio, a primeira coisa que Souza fez foi ir ao mercado com Marta. Ao chegarem na seção de bebidas, ele hesitou e deu uma risada nervosa.

— Olha, querida, estou muito animado por ter conseguido! Ele não existe mais…

Marta deu um tapinha no ombro dele e respondeu:

— Muito bem, meu amor! Só não esqueça que agora você participa de um novo desafio: não comer sobremesas por um mês!

E assim, o ciclo de desafios do Souza continuou. Afinal, se não podiam se livrar das tentações da vida, pelo menos poderiam fazer isso juntos, rindo e se divertindo!

O Falso Barbeiro

Dorothy Jansson Moretti

(Três Barras/SC, 1926 – 2017, Sorocaba/SP)

- Ai, doutor, não acredito...
Picada por um "barbeiro"?
Veja só, pois o maldito
me disse que era engenheiro!

O salão "Corte & Charme" ficava na rua principal da cidade, bem entre a padaria que servia pão de queijo quentinho e a loja de consertos que sempre prometia "se voltar, o conserto é por nossa conta". Dono do salão era o Seu Tonico, homem meticuloso que gostava de organizar suas tesouras por tamanho e contar clientes como se fossem gols: "Hoje entrou um, saiu outro — empate técnico!"

Numa terça-feira calorenta, Dona Gertrudes entrou arrastando uma bolsa que parecia ter sobrevivido a três gerações. O rosto carregava a expressão de quem já vira de tudo nessa vida — menos um corte de cabelo que valesse a pena. Ela sentou-se na cadeira com a calma de quem já sabe o roteiro da vida: troca de cumprimentos, revista velha, e a certeza de que aquilo seria só mais uma tentativa.

Um dos barbeiros do salão, o João "Meia-Volta", era conhecido por dois talentos: falar alto e inventar currículos. Dizia ele, sem cerimônia, que já fora marinheiro, piloto e uma vez até "engenheiro civil por uma semana, num projeto que deu certo por acidente". O dito "engenheiro" vestia um avental manchado de tinta, usava um relógio que não marcava as horas certas e tinha uma confiança que dava gosto — ou medo.

— Pode deixar comigo, dona Gê — falou João com aquele sotaque de quem já resolveu problemas estruturais imaginários. — Vou fazer um corte moderno, funcional e com sustentação estética!

Dona Gertrudes, que tinha ouvido rumores sobre as engenharias do rapaz, hesitou. Mas o calor pesava, o cabelo caía pelo rosto e a promessa de "funcional e com sustentação" parecia promissora. Numa fração de segundo aceitou. Sentou, colocou a capa e tentou sorrir.

Enquanto João afiava a navalha (ou fingia afiá-la), o salão foi se enchendo de conversas. Seu Tonico falava da fuga do tacho da cozinha; a vizinha Margarida reclamava do barro no quintal; um menino

perguntava se micro-ondas podia assar bolo (resposta unânime: não recomendamos). Ao fundo, um rádio tocava samba antigo, criando a trilha sonora perfeita para o que viria a ser uma obra — de arte ou tragédia, ainda não se sabia.

João começou o procedimento com a segurança de um profissional que havia resolvido um problema de ponte no fim de semana. Primeiro veio o "levantamento topográfico" (ele pediu que Dona Gertrudes inclinasse a cabeça) e depois o "marcador de eixo" (um risco leve com lápis de olho que por sorte não era do tipo permanente). A cada movimento, João explicava termos técnicos que ouviu numa série de televisão e misturava com jargões de pedreiro:

— Aqui vamos reforçar o flanco lateral… cortar em camadas, para garantir a estabilidade do volume. Depois fazemos o alívio de tensão na nuca.

As clientes começaram a rir. Até o barbeiro da esquina parou para ver o espetáculo. Dona Gertrudes, começando a ficar desconfiada, mas João, sem perder a pose, disse com a autoridade de um homem que tinha visto muitos desenhos técnicos no fundo de uma caixinha de fósforos:

— Minha senhora, sou engenheiro de corte! Calculamos ângulo, tensão, resistência capilar…

Nesse instante, uma cigarra muito barulhenta começou a trilhar o seu solo, como se a própria natureza quisesse enfatizar a cena. O salão inteiro caiu numa gargalhada — menos Dona Gertrudes, que sentia arrepios a cada toque de tesoura.

Os cortes começaram a tomar formas curiosas: um nobre "gradiente de arranque" no topo, que lembrava um pequeno farol; um recorte lateral que mais parecia um mapa de ilhas; e uma franja estruturada em

camadas que poderia, em teoria, abrigar um passaporte. João falava de cargas e rebarbas, do ponto de colapso do frizz e de como o uso de mousse poderia reduzir a sobrecarga capilar em 23%.

Quando a navalha entrou em cena, Seu Tonico deu um pulo — não de medo, mas de interesse pelo drama. A navalha de João tinha nome: "Euler". Ele pronunciou o nome como se chamasse um amigo de matemática. Dona Gertrudes fechou os olhos e rezou para todas as santas. A navalha deslizou com a elegância de um cortador de fita em inauguração. Um fio de cabelo caiu e dançou no ar como se quisesse sair correndo para a liberdade.

Ao final, João fez a pose triunfal: suspendeu o espelho, virou a cliente para o espelho maior e anunciou:

— Agora veja a engenharia aplicada! Projeto finalizado!

Dona Gertrudes abriu os olhos, olhou para o reflexo... e quase caiu da cadeira. O que ela viu era, ao mesmo tempo, uma obra de arte e um código de barras. O topo parecia ter sido esculpido por um escultor moderno; a lateral formava uma rampa que poderia ser utilizada por carrinhos de miniatura; e a nuca tinha um corte tão geométrico que era possível traçar ângulos retos com a régua da padaria.

Silêncio. Depois, uma explosão de risos — não de zombaria, mas de deleite com a situação inusitada. Dona Gertrudes, após uns segundos de confusão, não resistiu ao riso. Levantou as mãos, acariciou o corte e exclamou:

— Meu filho, você é um gênio! Quem diria que eu sairia daqui parecendo tão… arquitetônica!

Os demais clientes aplaudiram. João, todo orgulhoso, constipou-se como se tivesse recebido um diploma invisível. Seu Tonico, satisfeito com a repercussão, ofereceu um cafezinho para celebrar a "inovação capilar".

A notícia do "corte de engenharia" voou pela cidade. A partir daquele dia, o salão tornou-se ponto turístico. Pessoas vinham não só por um corte, mas por uma experiência — queriam ouvir as explicações técnicas, assistir ao "levantamento topográfico" e sair com um penteado que virasse assunto na praça. João passou a cobrar uma taxa extra: "diagnóstico estrutural" incluído.

Dona Gertrudes, por sua vez, ganhou um apelido carinhoso — "A Catedral" — e usou o novo visual para ir à missa e à festa junina, onde causou sensação. Crianças apontavam, marmanjos cochichavam elogios (ou risadinhas), e alguns namorados pediam conselhos de estilo com medo de parecerem antiquados.

Com o tempo, o próprio João começou a aperfeiçoar seus métodos. Passou a desenhar esboços antes de cortar, pedia um "levantamento topográfico" mais detalhado (e um cafezinho para a cliente), e até comprou um capacete de plástico para "medir a resistência dos fios". Seu currículo de engenheiro cresceu: engenharia civil, engenharia de corte, engenharia emocional — tudo com muito orgulho.

No fim das contas, a moral da história chegou numa roda de conversa, entre um corte e outro:

- Não é bom desconfiar sempre, mas também não custa perguntar qual é mesmo a sua formação — e se vem com certificado.

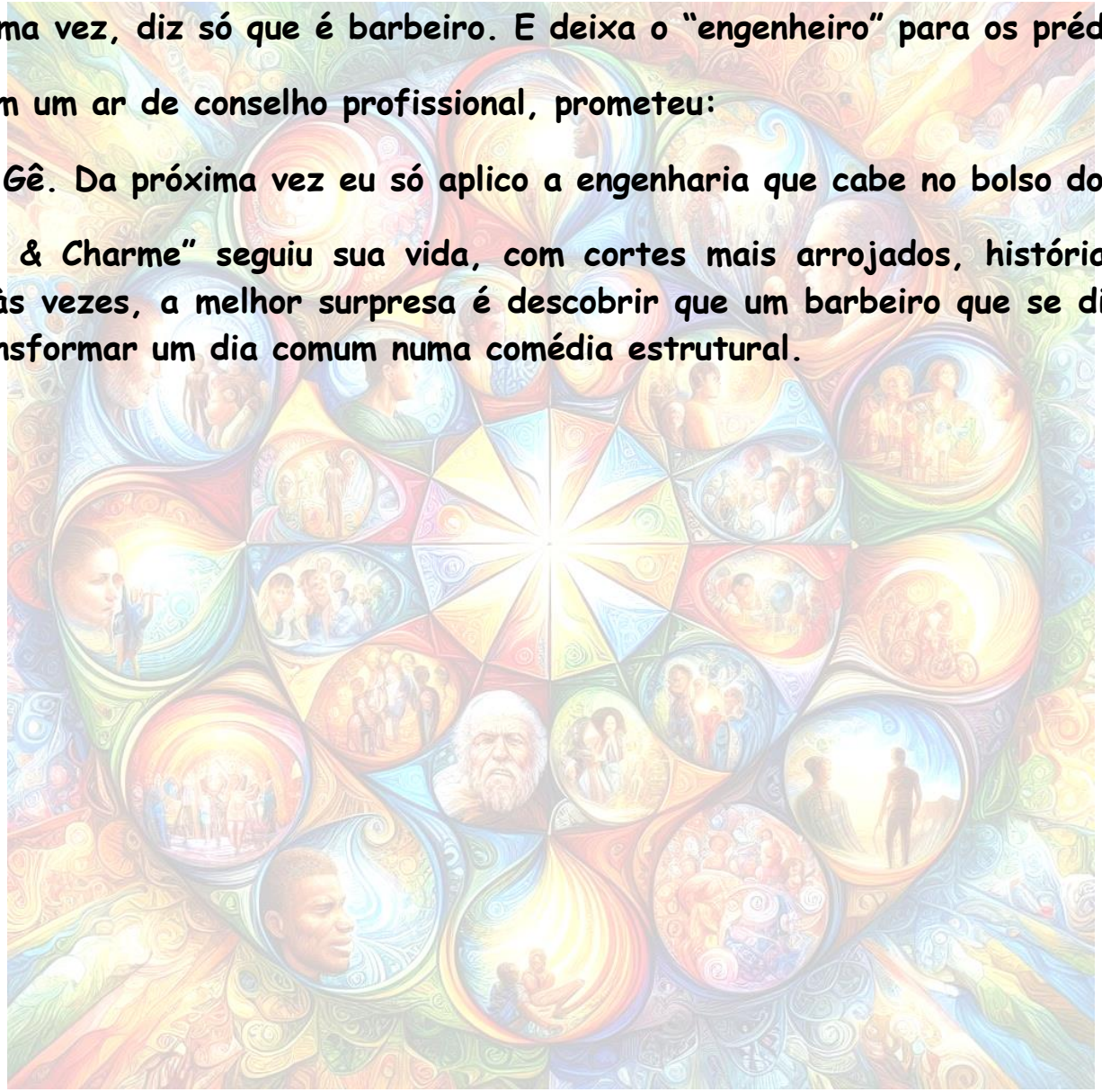
E Dona Gertrudes? Voltou algumas semanas depois, com o cabelo já crescido e um sorriso travesso:

— João, da próxima vez, diz só que é barbeiro. E deixa o "engenheiro" para os prédios, tá bom?

João sorriu e, com um ar de conselho profissional, prometeu:

— Prometo, dona Gê. Da próxima vez eu só aplico a engenharia que cabe no bolso do cliente.

E assim o "Corte & Charme" seguiu sua vida, com cortes mais arrojados, histórias mais altas e a certeza de que, às vezes, a melhor surpresa é descobrir que um barbeiro que se diz engenheiro tem sim o dom de transformar um dia comum numa comédia estrutural.



Loucuras sem Fim

Fernando Vasconcelos

(Diamantina/MG, 1937 – 2010, Ponta Grossa)

O Gildo se fez de louco,
pra burlar aquele "tira",
depois passou um sufoco,
pra sustentar a mentira.

Era uma vez, em uma cidade pequena e tranquila, um homem chamado Gildo. Ele era conhecido não apenas por seu jeito divertido, mas também por suas rápidas ideias para sair de enrascadas. Porém, a fama de Gildo como "o mestre do improviso" iria ser testada em uma situação muito mais complicada do que ele esperava.

Certa tarde, Gildo estava em casa assistindo a um campeonato de futebol quando ouviu um barulho do lado de fora. Curioso, decidiu ver o que estava acontecendo. Ao abrir a porta, ele se deparou com uma cena insólita: uma multidão ao redor do parque, gritando. Correu para se juntar à comunidade, descobrindo que um grupo de bandidos havia decidido realizar um "arrastão" na feira livre da cidade, que acontecia todos os sábados.

Desesperado para evitar ser confundido com os bandidos, Gildo teve uma ideia brilhante. Ele colocou um velho chapéu de palha que estava caído no chão e, com um pouco de terra e folhas, transformou-se rapidamente em um "louco", um tipo de figura engraçada que as crianças adoravam. A ideia era enganar o polícia que estava fazendo a segurança do evento.

Com um jeito desajeitado, Gildo começou a agir de forma excêntrica, rodando em círculos e gritando frases sem sentido sobre porcos que dançavam e nuvens que falavam. Ele esperava que o "tira", o guarda da cidade, o deixasse em paz, acreditando que ele era apenas um maluco ali para fazer graça.

O plano parecia funcionar! O guarda o olhou com desdém, balançou a cabeça e foi atrás dos verdadeiros bandidos. Gildo comemorou internamente, pensando em como tinha sido astuto. Mas logo ele percebeu que a mentira tinha suas consequências: a multidão agora estava mais interessada nele do que nos verdadeiros delinquentes!

Infelizmente, a cidade tinha um costume peculiar: cada vez que alguém fazia algo engraçado, todos os outros começavam a imitar e, para Gildo, esse era o começo do seu "sufoco". Em questão de minutos, ele se viu no centro de uma roda de palhaços improvisados, todos tentando superá-lo em graça. E, para piorar, o guarda voltou.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou o guarda, olhando desconfiado para Gildo, que estava apavorado com a situação.

— Ah, oficial! Está tudo sob controle! — Gildo gritou, enquanto tentava inventar uma explicação.

— Sob controle? Parece mais um circo! — disse o guarda, segurando o riso, mas mantendo a autoridade.

Gildo, sentindo que precisava sustentar a mentira, ergueu o braço e começou a fazer malabarismos com objetos aleatórios que encontrou no chão: uma maçã, uma pedra e um pedaço de corda que alguém havia deixado para trás. A plateia aplaudia e ria, mas o guarda não parecia muito convencido.

— Mandei encerrar essa "comédia"! — ele gritou.

Sem pensar, Gildo decidiu que a única forma de escapar da situação era escalonando essa "loucura". Ele correu até uma barraca de doces, encheu as mãos de pirulitos e começou a distribuir para as crianças, dizendo:

— Aqui, divirtam-se, e não contem a ninguém que eu sou só um "doutor de risadas"!

Os gritos da multidão agora eram de alegria e Gildo estava no seu auge! Mas o guarda continuava a se aproximar, cada vez mais desconfiado. Gildo, percebendo que sua saída estava se fechando, decidiu que precisava de um plano infalível. O que fez foi o mais louco de tudo: começou a dançar.

Ele fez uma dança maluca, misturando passos de salsa com movimentos de robô, enquanto gritava:

— Sou o Rei do Pavilhão! Abracem a loucura!

A multidão, empolgada, passou a imitá-lo, e Gildo percebeu que havia conseguido desviar a atenção do policial. Em um giro inesperado, Gildo se viu rodeado por uma verdadeira festa de improviso.

Por fim, com muito esforço e boas risadas, Gildo conseguiu não apenas escapar da situação, mas transformar o que parecia um sufoco em um grande evento comunitário. O guarda, com a atmosfera festiva, já havia encerrado a perseguição e até se divertiu observando as maluquices.

E assim, Gildo, o "louco" da cidade, fez história! Desde então, ele era chamado para animar eventos e festas, tornando-se o artista mais querido da região. No entanto, sempre que perguntavam sobre aquele dia, ele dizia com um sorriso:

— Lembre-se sempre: se a vida te der limões, faça uma dança maluca e distribua pirulitos!

E, claro, nunca se esqueça de que, às vezes, a verdade é apenas uma versão mais divertida da mentira.

Meu Reino por um Banheiro

Selma Patti Spinelli

(São Paulo/SP)

A plateia se espantou:
o ator saiu do roteiro,
desesperado, e gritou:
"Meu reino por um banheiro!"

Era uma vez, um teatro local conhecido como "Teatro do Riso". O lugar era famoso por suas comédias divertidas, e em uma noite aparentemente comum, a peça da vez era uma comédia romântica chamada "Amor e Outras Coisas".

A peça contava a história de um príncipe e uma donzela, com muitos mal-entendidos, encontros cômicos e uma pitada de drama. Os atores se empenhavam ao máximo, mas ninguém poderia prever que a maior reviravolta da noite viria não do roteiro, mas de um problema inesperado.

O ator principal, Marco, um sujeito carismático e talentoso, estava no auge de sua performance. Ele interpretava o príncipe encantado que, por um capricho do destino, estava prestes a se declarar à donzela, interpretada por sua amiga e colega de palco, a vivaz Luciana. A cena era cheia de emoção e risadas quando, de repente, Marco parou, com os olhos esbugalhados e uma expressão de desespero.

"Meu reino por um banheiro!" ele gritou, interrompendo o encantamento da cena.

A plateia ficou em silêncio. As moças na primeira fila cobriram a boca com as mãos, tentando conter o riso. Os outros atores no palco trocaram olhares confusos. Luciana, que estava em estado de graça, não sabia se deveria rir ou chorar.

"Mas que cena é essa?", sussurrou um velhinho na plateia. "O príncipe pede um banheiro no meio da declaração?"

Marco, percebendo que o improviso tinha pegado todos de surpresa, continuou sua encenação. "Não posso declarar meu amor com a bexiga cheia!", exclamou, gesticulando como se estivesse prestes a desmaiar. A plateia começou a rir, e a cena se transformou em um espetáculo hilário.

Enquanto isso, Marco se virou para o lado do palco, esperando que alguém aparecesse com uma solução. Mas isso não aconteceu. No impulso daquele momento, ele decidiu que precisava se salvar. Com um olhar determinado, ele virou-se para o público e começou a sua empreitada.

"Amigos do teatro, ajudem-me! Precisamos de um plano!", gritou, com a voz dramática. "Vocês, que estão confortavelmente sentados, me digam: qual é o caminho mais rápido para a minha salvação?"

O público respondeu com gritos e sugestões, misturando perguntas sobre o enredo da peça com risadas. O diretor, que estava incorporado em uma esquina com um nariz de palhaço, decidiu aliviar a tensão e pediu calma à plateia.

"Tio, a cena ainda não acabou! O príncipe não pode desistir do amor por um banheiro!" disse ele, em uma tentativa de manter o enredo.

"Então vamos lá, que eu não posso ficar aqui fazendo papel de príncipe encalhado! Alguém me empresta um vaso? Ou quem sabe um arbusto?" Marco continuou. O público estava em delírio. Os risos ecoaram no teatro como nunca antes.

Enquanto as risadas tomavam conta do lugar, Luciana, que estava admirando a audácia de seu colega, decidiu se juntar a ele. "Príncipe, seu amor por mim é maior do que qualquer necessidade física! Você não pode desistir!", disse ela, tentando manter a seriedade, mas não conseguindo evitar um sorriso.

E assim, a peça que tinha tudo para se tornar um fiasco se transformou em uma comédia de improviso. Os outros atores começaram a participar achando que era brincadeira. O conselheiro do príncipe,

interpretado por um quadradão cômico chamado Renato, gritou do fundo do palco: "Se não encontrar um banheiro, traga uma plantinha! Natureza é sempre a solução!"

O aplauso da plateia era ensurdecedor e eles estavam desfrutando não apenas do talento dos atores, mas do improviso que havia surgido de maneira tão inesperada. A apresentação virou uma verdadeira batalha de comédia, com todos os personagens tentando ajudar o príncipe em sua busca por um banheiro.

No fundo do teatro, uma mulher que estava assistindo ao espetáculo não aguentou e começou a discursar com seu marido, em voz alta: "Olha, o enredo está mudando! Agora é uma comédia de ação!"

Marco, já um pouco mais relaxado, decidiu que era hora de dar um desfecho. Ele se virou para a plateia e fez um gesto de súplica. "Amigos, capazes de me ajudar, sei que posso amar esta donzela, mas antes, preciso do meu trono no banheiro!"

Luciana, vendo que o momento pedia um toque especial, decidiu criar uma situação mirabolante. "Então vá! O reino é seu! Não deixe que a natureza lhe impeça de conquistar o meu coração!" Com isso, ela fez uma reverência exagerada, quase como se estivesse indicando uma porta invisível.

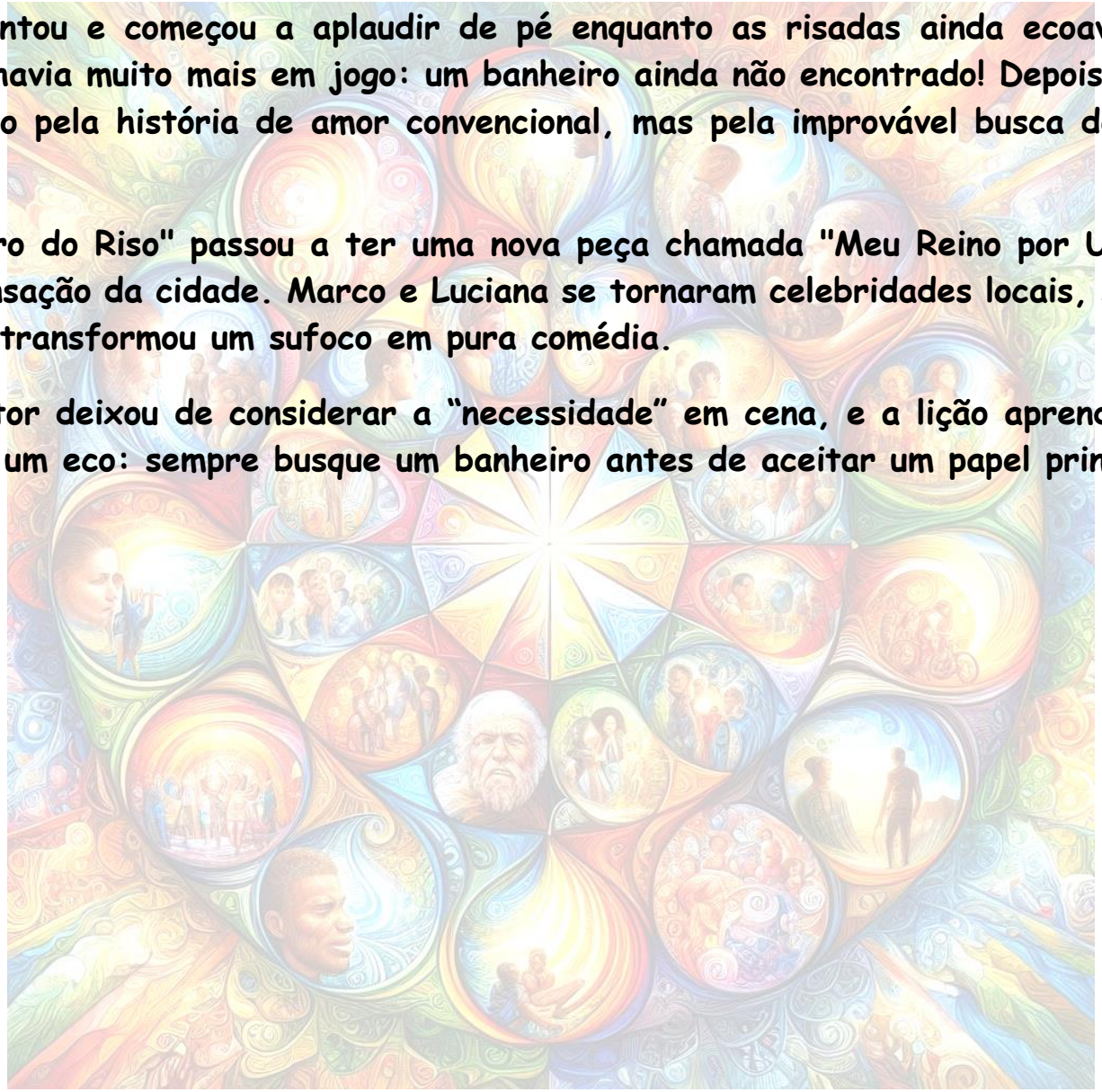
Marco então fez uma corrida cômica pelo palco, passando pela cortina e fazendo um som de corrida que ecoava como um cavalo relinchando. O público estava em prantos de tanto rir com suas tentativas dramáticas, enquanto o diretor tentava reanimar a peça.

Por fim, Marco voltou ao palco, exausto, mas com um sorriso orgulhoso no rosto. "Voltei, e posso amá-la eternamente! Estou pronto para continuar a nossa história!"

A plateia se levantou e começou a aplaudir de pé enquanto as risadas ainda ecoavam. No entanto, Marco sabia que havia muito mais em jogo: um banheiro ainda não encontrado! Depois disso, a fama da peça cresceu. Não pela história de amor convencional, mas pela improvável busca de um príncipe por um banheiro.

E assim, o "Teatro do Riso" passou a ter uma nova peça chamada "Meu Reino por Um Banheiro", que se tornou uma sensação da cidade. Marco e Luciana se tornaram celebridades locais, sempre lembrados como o casal que transformou um sufoco em pura comédia.

Nunca mais um ator deixou de considerar a "necessidade" em cena, e a lição aprendida naquela noite se espalhou como um eco: sempre busque um banheiro antes de aceitar um papel principal!"



A Estrada e o Coração

Luiz Poeta (Luiz Gilberto de Barros)

(Rio de Janeiro/ RJ)

Na saudade intransigente,
o coração se revolta;
a estrada diz: – Segue em frente;
o coração pede: - Volta!

Era final de tarde quando Antero estacionou o carro no acostamento. O horizonte, tingido pelos tons dourados do pôr do sol, parecia tão distante quanto a paz que ele buscava. Naquela estrada deserta, as lembranças pesavam mais que a mala no porta-malas. Ele olhava fixamente para o asfalto que se perdia no infinito, como se esperasse que a resposta para sua inquietude surgisse na próxima curva.

Antero estava fugindo. Não de algo visível, mas de um vazio que havia tomado conta dele. Havia decidido, quase por impulso, deixar tudo para trás: o emprego, os amigos, a cidade. "É melhor recomeçar em outro lugar", dissera a si mesmo enquanto arrumava a bagagem. Mas agora, sozinho no meio do nada, a dúvida o corroía. Será que estava fazendo a coisa certa? Será que era possível deixar para trás o que o coração insistia em guardar?

Lá estava ela, a saudade. Intransigente, como sempre, invadindo cada pensamento. Fechava os olhos e via Márcia. O sorriso dela, o jeito como prendia o cabelo, as risadas que ecoavam pela casa. Tudo parecia tão perto, mas era inalcançável.

Márcia tinha partido. Não por desamor ou desavença, mas porque a vida, com sua maneira cruel de agir, havia decidido que era hora de levá-la para sempre. Um acidente, um instante, e tudo o que Antero conhecia como felicidade havia se despedaçado.

Desde então, a saudade era sua companheira constante. E a saudade, ele descobrira, não era apenas um sentimento… era uma presença. Ela tinha cheiro, som e até peso. Era teimosa, não aceitava explicações, ignorava o tempo e se recusava a partir. Ele sentia que, a cada quilômetro que dirigia, a saudade ficava mais forte, como se o coração dele estivesse preso a um elástico invisível, puxando-o de volta.

Ele desceu do carro e se sentou na beira da estrada. O vento quente tocava seu rosto, mas não trazia consolo. Olhou para o horizonte mais uma vez, como se a estrada pudesse responder àquela luta interna que o consumia. A razão lhe dizia: "Segue em frente. É o único caminho." Mas o coração, rebelde e insistente, sussurrava: "Volta. Volta para onde tudo começou, para onde está o que te resta dela."

Antero pegou do bolso uma foto amassada de Márcia. Era do dia em que haviam feito uma viagem juntos, a primeira de muitas. Na imagem, ela sorria, com o cabelo bagunçado pelo vento e os olhos brilhando.

Ele lembrou-se de como ela adorava dizer que as estradas eram metáforas da vida: "Elas sempre levam a algum lugar, Antero. Mesmo que a gente não saiba para onde."

"Mas e quando a estrada não faz sentido?" ele perguntou em voz alta, como se ela pudesse ouvi-lo. O eco de sua voz foi a única resposta.

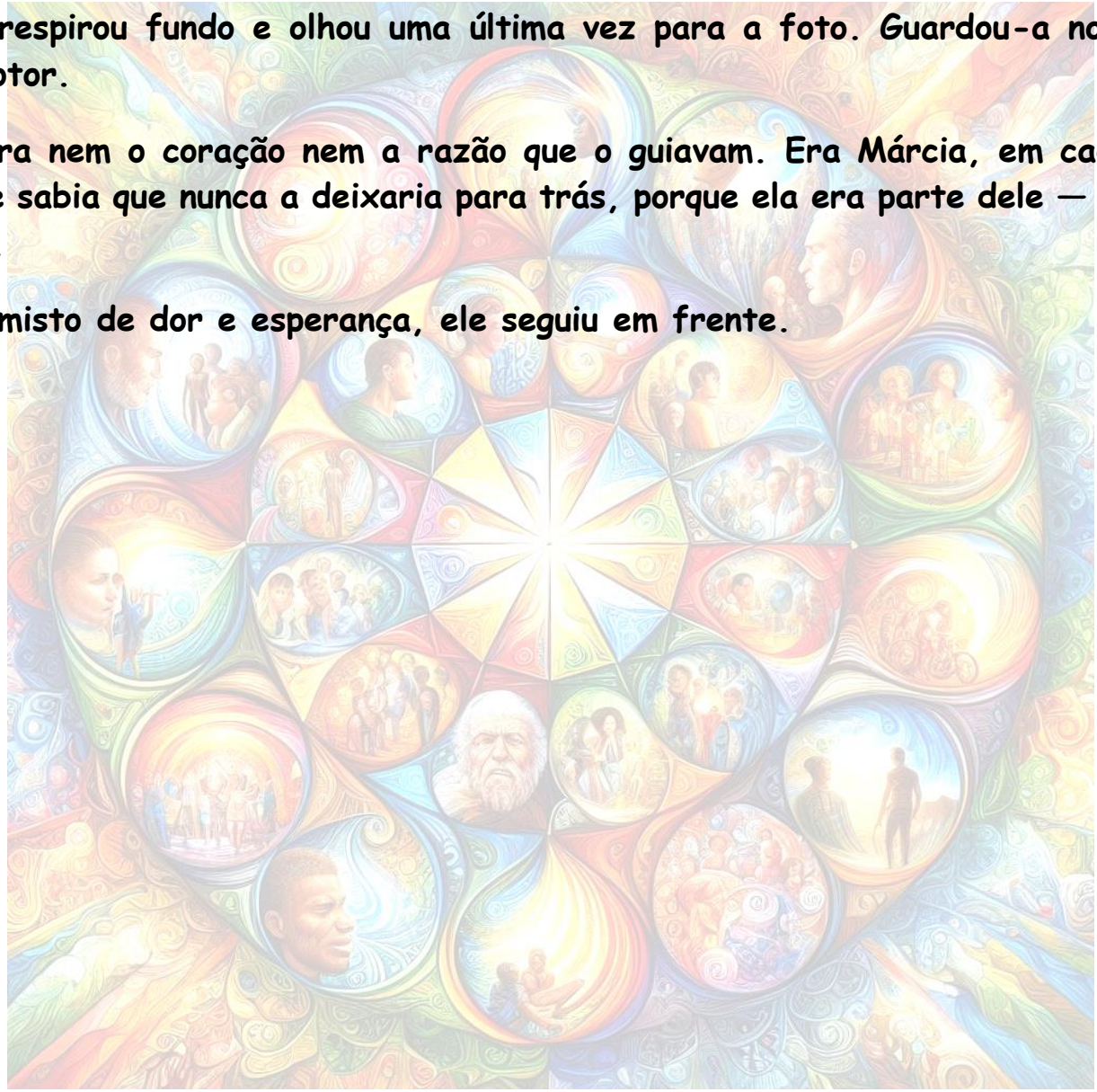
O tempo passou devagar enquanto ele permanecia ali, imóvel, entre o passado que o puxava e o futuro que o empurrava. Até que, num momento de quietude, algo mudou. Percebeu que a saudade não era a inimiga. Ela era, na verdade, uma prova de que Márcia ainda vivia dentro dele, nas memórias, nos gestos, nos sonhos que haviam compartilhado. A saudade não era para ser combatida, mas entendida.

De repente, a estrada à sua frente parecia menos ameaçadora. Talvez ela estivesse certa; as estradas sempre levam a algum lugar. Talvez o futuro não fosse um abandono do passado, mas uma continuação dele.

Ele levantou-se, respirou fundo e olhou uma última vez para a foto. Guardou-a no bolso, entrou no carro e ligou o motor.

Dessa vez, não era nem o coração nem a razão que o guiavam. Era Márcia, em cada lembrança, em cada saudade. Ele sabia que nunca a deixaria para trás, porque ela era parte dele — parte do caminho, parte da estrada.

E assim, com um misto de dor e esperança, ele seguiu em frente.



Os Calos das Mãos

Mara Melinni Garcia

(Caicó/RN)

Meu senhor, por caridade,
não me julgue em atos vãos...
Trago a minha identidade
nos calos das minhas mãos.

Foi num dia quente, desses em que o sol parece querer derreter até as sombras, que o velho homem entrou na padaria. Trajava roupas simples, gastas pelo tempo e pelo trabalho. Seus sapatos, já sem brilho, guardavam histórias de longas caminhadas, e suas mãos... Ah, suas mãos eram um livro à parte. Grossas, calejadas, desenhadas por linhas que pareciam mapas de uma vida inteira de esforço.

Ele pediu um pão e um café, com voz baixa, quase um sussurro. O atendente, um jovem de rosto liso e mãos macias, o olhou como quem avalia uma mercadoria. Desconfiado, hesitou antes de atender o pedido, observando o homem com olhos que julgavam sem compreender. "Será que vai pagar?", parecia pensar. E ali, naquele instante, o velho sentiu o peso de um mundo que insiste em medir o valor das pessoas pelo que aparentam.

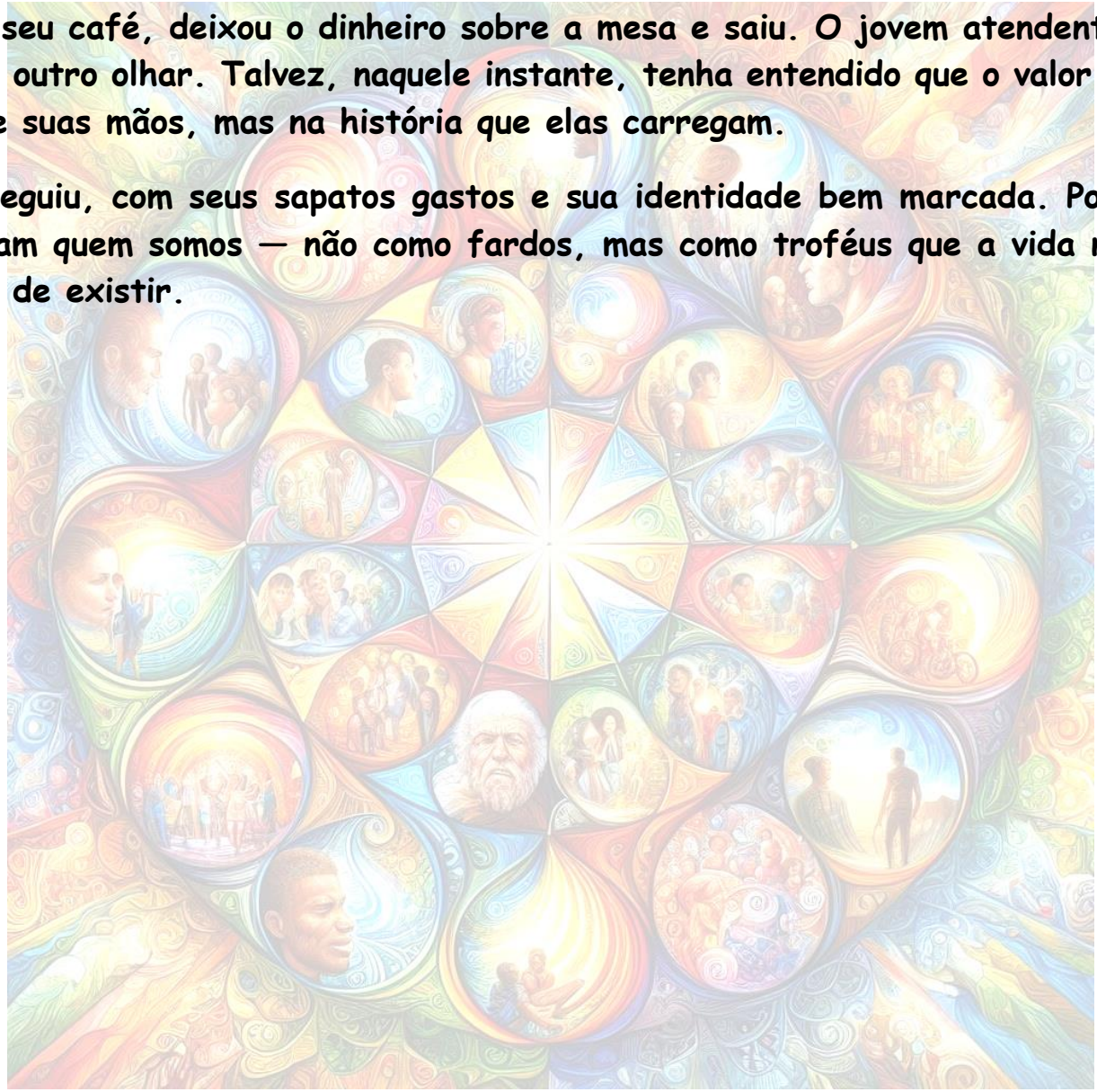
Quando o café chegou à mesa, o homem segurou a xícara com cuidado, como se segurasse algo precioso. O calor do líquido encontrou as marcas de décadas de trabalho, e por um momento ele se perdeu em pensamentos. Lembrou-se das enxadas que havia empunhado, dos sacos de cimento que carregara, dos dias começados antes do sol nascer. Cada calo era uma prova de sua história, uma assinatura invisível que o mundo parecia ignorar.

"Meu senhor, por caridade, não me julgue em atos vãos..." – ele murmurou baixinho, como se falasse para si mesmo. O jovem atrás do balcão lançou outro olhar, talvez arrependido de sua desconfiança inicial, talvez apenas curioso. O velho completou o pensamento em silêncio: *"Trago a minha identidade nos calos das minhas mãos."*

E não era verdade? Cada linha naquelas mãos era um testemunho de dignidade, um grito mudo contra o preconceito. Na sociedade dos rostos lisos e das aparências impecáveis, os calos eram vistos como sinais de fraqueza, quando, na verdade, eram medalhas de força.

O velho terminou seu café, deixou o dinheiro sobre a mesa e saiu. O jovem atendente o observou pela janela, agora com outro olhar. Talvez, naquele instante, tenha entendido que o valor de um homem não está na maciez de suas mãos, mas na história que elas carregam.

E assim o velho seguiu, com seus sapatos gastos e sua identidade bem marcada. Porque, no fim, são os calos que contam quem somos — não como fardos, mas como troféus que a vida nos dá por termos enfrentado a luta de existir.



O Reflexo do Criador

Nei Garcez

(Curitiba/PR)

Só quem vive sem vaidade,
difundindo o que é o amor,
tem a mesma identidade
de seu próprio Criador.

Na pequena cidade de Pedra Branca, havia uma igreja simples no topo de uma colina. Não era grandiosa como as catedrais que se veem em cartões-postais, mas tinha algo que encantava: a luz suave do pôr do sol atravessava seus vitrais antigos, transformando o interior em um espetáculo de cores. Ali, toda tarde, sentava-se Dona Léia, uma senhora de cabelos brancos e mãos sempre ocupadas em tricotar algo – fosse uma manta para um recém-nascido, um cachecol para alguém enfrentar o inverno ou uma toalha para o altar da igreja. Pouco importava; o que fazia, fazia com amor.

Ela era conhecida por sua generosidade. Quem a procurasse, fosse para pedir um prato de comida, uma palavra de consolo ou mesmo um sorriso, nunca saía de mãos vazias. Ela era dessas pessoas que pareciam carregar o mundo nas costas sem nunca reclamar. Muitos diziam que ela era uma santa, mas ela apenas ria e balançava a cabeça. "Não sou santa, minha gente. Só faço o que acho que todo mundo deveria fazer", dizia com simplicidade.

Mas nem todos a viam com bons olhos. Algumas pessoas da cidade, especialmente aquelas que ostentavam roupas elegantes e posses, achavam que Dona Léia era "ingênua demais". "Essa mulher dá tudo o que tem, vive para os outros e não para si mesma", comentavam em rodinhas de fofoca. Para eles, a vida deveria ser vivida com mais ambição, mais cuidado com a própria imagem, mais *vaidade*.

Certa vez, numa manhã de domingo, o padre da igreja decidiu pregar sobre o amor. Ele começou com uma pergunta que ecoou pelos bancos de madeira: "Quem aqui tem a coragem de viver sem vaidade e difundir o amor como Jesus nos ensinou?"

O silêncio foi imediato. Os fiéis olhavam uns para os outros, desconfortáveis. O padre continuou: "Não é fácil. Vivemos num mundo que nos ensina a pensar em nós mesmos, a buscar nosso próprio reflexo no espelho, enquanto esquecemos de olhar para o próximo."

Ao final da missa, Dona Léia foi a última a sair. O padre a chamou e disse:

"Léia, você é a prova viva de que o amor de Deus se manifesta nas ações simples. O que você faz pela nossa comunidade é algo que nenhum sermão pode ensinar."

Ela sorriu, mas desconversou.

"Padre, eu só faço o que meu coração manda. Se isso é amor, então ele não é meu, é de Deus."

Dias depois, uma tragédia abalou a cidade. Uma enchente inesperada atingiu a cidade, destruindo casas, plantações e deixando muitas famílias sem nada. Entre os desabrigados estava a família de Dona Léia — sua casa, construída com esforço ao longo de décadas, foi parcialmente destruída pela correnteza.

Quando os moradores souberam, muitos se ofereceram para ajudá-la, mas, para surpresa de todos, ela não parecia preocupada com sua própria perda.

Ela arregaçou as mangas e começou a organizar um mutirão para ajudar os outros. "Minha casa se foi, mas a vida continua. Vamos reconstruir juntos", dizia com um sorriso sereno. E assim fez. Enquanto muitos ainda choravam suas perdas, ela entregava roupas, dividia o pouco de comida que restava e consolava quem precisava.

Um dia, enquanto ajudava a levantar uma nova moradia para uma família, uma jovem mulher a questionou: "Dona Léia, por que a senhora faz tudo isso? Não sente falta de cuidar de si mesma, de pensar só na sua vida?"

A velha senhora parou por um momento, olhou para as próprias mãos — agora marcadas pelo tempo e pelo trabalho — e respondeu: "Minha filha, cuidar de mim é cuidar dos outros. Não vejo diferença. Quando você dá amor, ele não acaba; ele cresce. E eu acredito que, quando a gente vive assim, sem vaidade, sem esperar nada em troca, nos tornamos mais parecidos com Deus. Não há riqueza maior do que essa."

A jovem ficou em silêncio, refletindo. E, naquele instante, pareceu compreender algo que livros e sermões nunca haviam lhe ensinado.

Meses depois, a cidade de Pedra Branca estava reconstruída. As pessoas, inspiradas por Dona Léia, aprenderam a se ajudar mais, a olhar para o outro com mais empatia. E, embora a casa dela nunca tivesse sido totalmente restaurada, ela continuava a viver com a mesma simplicidade de sempre.

Os moradores, agora mais sábios, passaram a enxergar algo que antes ignoravam: a verdadeira identidade de Dona Léia não estava em suas roupas ou posses, mas no amor que ela espalhava. Era como um reflexo do Criador, um lembrete silencioso de que só quem vive sem vaidade, difundindo o que é o amor, pode se aproximar da essência divina.

E assim, a pequena cidade, antes tão preocupada com aparências, aprendeu que a grandeza está nos gestos simples. Dona Léia, com sua vida despretensiosa, tornou-se um exemplo eterno de que o Criador não se encontra em altares luxuosos ou discursos eloquentes, mas no coração de quem vive para amar.

Dois Amigos e um Mentiroso

José Feldman

(Floresta/PR)

O que me deixa grilado,
é nunca saber jamais,
com dois amigos ao lado,
qual deles que mente mais.

Era uma vez três amigos inseparáveis: João, Pedro e Luís. Eles eram conhecidos por suas aventuras, mas havia uma coisa que deixava João grilado: nunca saber qual dos seus dois amigos mentia mais.

João: (desconfiado) Pedro, você não vai acreditar! Ontem à noite, vi um OVNI no quintal!

Pedro: (sorrindo) Mesmo? Coincidentemente, eu também vi. E o mais engraçado é que o extraterrestre desceu da nave e me pediu indicações para chegar à padaria!

Luís: (entrando na conversa) Padaria? Vocês dois não sabem de nada! Eu fui abduzido por extraterrestres semana passada e joguei uma partida de truco com eles! Ganhei todas as rodadas!

João olhou para os dois amigos com uma sobrancelha levantada. Ele sabia que uma dessas histórias era, definitivamente, uma mentira. Talvez até todas. Mas como saber?

João: (provocando) É mesmo, Luís? Você sempre tem as histórias mais malucas. Mas, e você, Pedro? O que acha disso?

Pedro: Ah, João, você sabe como é. Luís sempre exagera. Mas eu juro que o extraterrestre me pediu indicações. Até tirei uma selfie com ele!

Luís: (rindo) Selfie? Essa é boa! Eu tenho um autógrafo de um alienígena no meu caderno de anotações.

João: (coçando a cabeça) Ah, vocês dois... sempre me deixam confuso. Quem está falando a verdade?

Pedro: (olhando seriamente) João, vou te contar uma coisa. Luís gosta de inventar histórias, mas eu sempre digo a verdade. Só que... hmmm, talvez nem sempre.

Luís: (sarcástico) Ah, claro, Pedro é um santo. João, não acredite nesse mentiroso. Vou te contar a verdade verdadeira: eu sou o Rei da Verdade! Exceto quando não sou.

João suspirou. Ele sabia que nunca conseguiria distinguir a verdade da mentira quando se tratava de seus amigos. Mas, no fundo, ele também sabia que isso fazia parte da diversão de ser amigo de Pedro e Luís.

João: (rindo) Vocês dois são inacreditáveis! Acho que o verdadeiro desafio é saber qual de vocês está mentindo menos, e não mais!

Pedro: (brincando) Talvez a gente devesse fazer um concurso. Quem conta a mentira mais elaborada ganha um prêmio!

Luís: (animado) Boa ideia! Mas o prêmio tem que ser algo grandioso... como uma viagem ao espaço para conhecer meus amigos alienígenas!

Os três amigos riram alto e continuaram a contar suas histórias malucas, sem nunca se importar com a verdade ou a mentira. Afinal, o que realmente importava era a diversão e a amizade.

João: (sorrindo) Sabe, talvez eu nunca saiba qual de vocês mente mais. Mas uma coisa é certa: vocês são os melhores amigos que alguém poderia ter.

E assim, João, Pedro e Luís seguiram com suas aventuras e mentirinhas, sempre juntos e sempre se divertindo, sem nunca se preocupar demais com quem estava falando a verdade.

O Sol Dentro de Mim

Therezinha Dieguez Brisolla

(São Paulo/ SP)

Se vejo o mundo às escuras,
embarco em meu sonho...e assim,
subo a escada e, nas alturas,
acendo um sol para mim!

Em uma manhã nublada, na pequena cidade de Luz do Sol, onde o céu parecia sempre um pouco mais cinza do que o desejado, um homem chamado Vicente caminhava pelas ruas, refletindo sobre a vida. Ele sempre fora um sonhador, alguém que via o mundo através de uma lente cheia de cores, mesmo quando tudo ao seu redor parecia desbotado. Vicente acreditava que, por trás das nuvens, havia sempre um sol esperando para brilhar.

Aquela manhã, como muitas outras, começou com uma sensação de opressão no peito. O dia estava triste, e os habitantes da cidade pareciam carregar um peso invisível. As crianças brincavam, mas suas risadas não tinham o mesmo brilho de antes. Os adultos passavam apressados, os rostos fechados e os olhos perdidos em suas preocupações. Vicente, porém, tinha um talento especial: ele conseguia transformar a escuridão em luz. E foi assim que, ao passar por uma escada que levava ao parque da cidade, decidiu que era hora de acender seu próprio sol.

Ele subiu os degraus com a determinação de quem sabe que há algo maior à sua espera. A escada, antiga e cheia de histórias, parecia resistir ao tempo. Cada passo era como uma pequena vitória contra a melancolia que o cercava.

Chegando ao topo, Vicente olhou ao redor: o parque, mesmo sob o céu nublado, tinha uma beleza particular. As árvores dançavam suavemente ao vento e as flores, apesar da falta de sol, exalavam um perfume doce.

Vicente respirou fundo e fechou os olhos. Ele se lembrou da trova que costumava ouvir: "Se vejo o mundo às escuras, / embarco em meu sonho... e assim, / subo a escada e, nas alturas, / acendo um

sol para mim!" Essas palavras ressoaram em sua mente, como um mantra que o encorajava a buscar a luz dentro de si.

Decidido a espalhar essa luz, Vicente começou a cantar. A princípio, sua voz era suave, quase como um sussurro. Mas, à medida que se sentia mais à vontade, sua canção se transformou em um hino de alegria.

Ele cantava sobre sonhos, sobre a beleza do mundo e sobre a esperança que sempre renasce, mesmo nas horas mais sombrias. A melodia flutuava pelo ar, como uma brisa leve, e aos poucos, começou a atrair a atenção dos passantes.

As pessoas pararam e começaram a olhar. Um a um, foram se juntando a Vicente. Algumas crianças, curiosas, se aproximaram e começaram a dançar. Os adultos, inicialmente hesitantes, não demoraram a se deixar levar pela música. A atmosfera pesada que envolvia Luz do Sol começou a dissipar-se. Os rostos, antes fechados, foram se iluminando, e os olhos ganharam um brilho que há muito não se via.

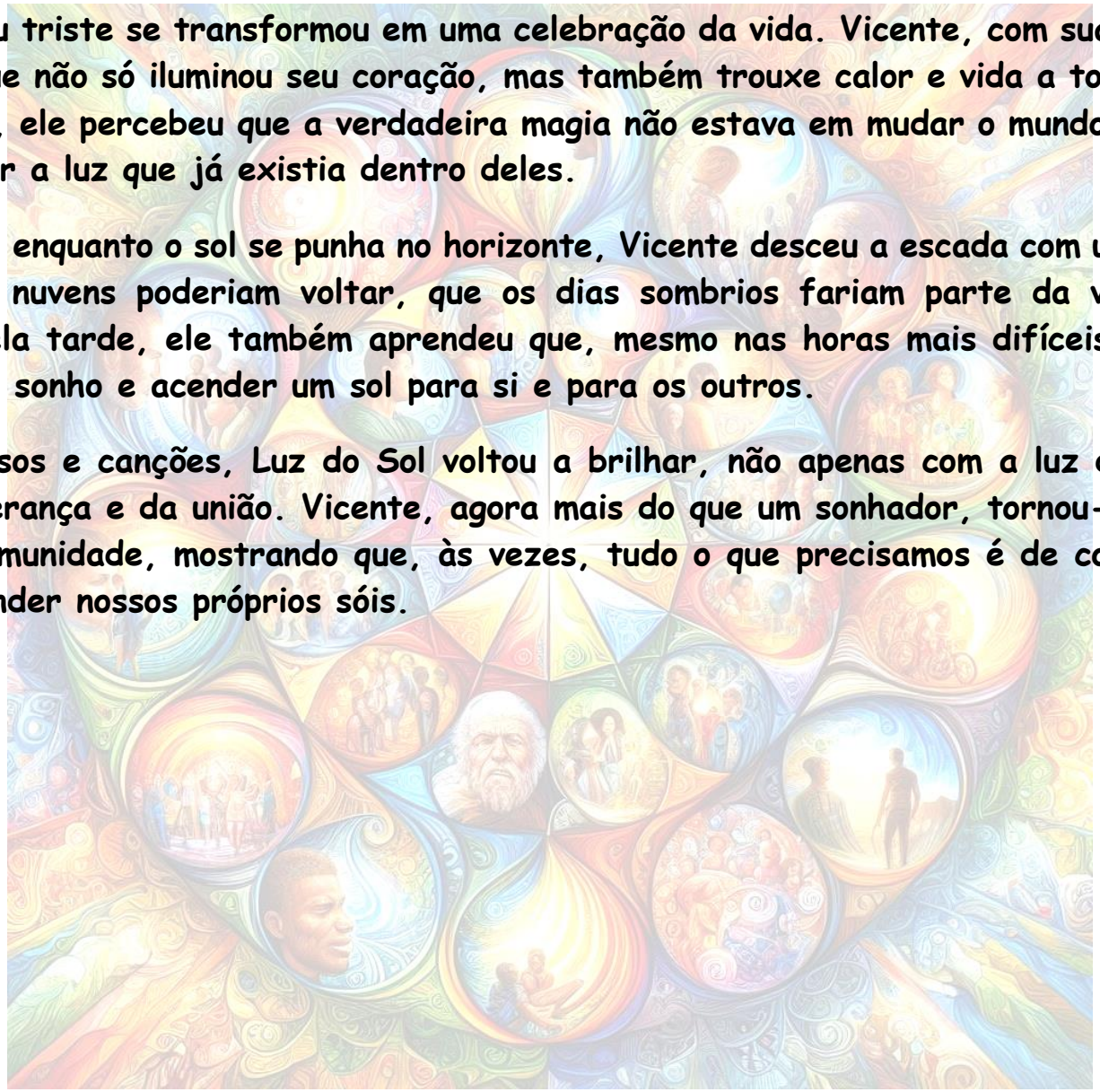
Vicente percebeu que havia acendido algo muito maior do que um simples sol. Ele havia reacendido a chama da comunidade. As pessoas começaram a compartilhar histórias, risadas e até mesmo suas preocupações. O parque, que antes parecia um lugar esquecido, transformou-se em um espaço de união.

Enquanto a tarde avançava, o céu nublado começou a se abrir. Raios de sol começaram a penetrar as nuvens, como se o próprio universo estivesse respondendo àquela explosão de alegria. Vicente, com um sorriso no rosto, olhou para cima e viu que, embora o mundo estivesse às escuras, havia sempre uma luz a ser encontrada, mesmo que fosse dentro de nós mesmos.

O dia que começou triste se transformou em uma celebração da vida. Vicente, com sua voz e seu sonho, acendeu um sol que não só iluminou seu coração, mas também trouxe calor e vida a todos ao seu redor. Naquele momento, ele percebeu que a verdadeira magia não estava em mudar o mundo, mas em inspirar outros a encontrar a luz que já existia dentro deles.

Ao final da tarde, enquanto o sol se punha no horizonte, Vicente desceu a escada com um novo propósito. Ele sabia que as nuvens poderiam voltar, que os dias sombrios fariam parte da vida. Mas, com a experiência daquela tarde, ele também aprendeu que, mesmo nas horas mais difíceis, sempre poderia subir a escada do sonho e acender um sol para si e para os outros.

E assim, entre risos e canções, Luz do Sol voltou a brilhar, não apenas com a luz do sol físico, mas com a luz da esperança e da união. Vicente, agora mais do que um sonhador, tornou-se um verdadeiro farol para sua comunidade, mostrando que, às vezes, tudo o que precisamos é de coragem para subir as escadas e acender nossos próprios sóis.



A Visita da Felicidade

Lucília A. T. Decarli

(Bandeirantes/PR)

A felicidade é rara
e bem poucos a conhecem...
Os que a viram "cara a cara",
nunca mais dela se esquecem!

A felicidade, dizem, é uma dama rara. Não é dessas que se encontra todos os dias na praça, nem das que se deixam levar por promessas vazias ou abraços apressados. Ela tem seus próprios caprichos e, ao que tudo indica, gosta de aparecer quando menos se espera — mas nunca por acaso.

Certa vez, ouvi dizer que um homem a viu de perto. Era um sujeito simples, desses que a vida insiste em testar.

Trabalhava duro, sonhava pouco, mas guardava um sorriso no canto dos lábios, como quem sabe que, mesmo em dias nublados, há um sol por trás das nuvens. Um dia, enquanto varria o quintal ao som do vento, ali, entre as folhas secas e a poeira da estrada, ela apareceu.

A felicidade chegou sem avisar, como uma brisa que refresca sem pedir licença. Não trazia roupas luxuosas, nem se anunciava com fanfarra. Era apenas uma sensação — um calor que lhe subiu pela espinha ao ouvir o riso de seu filho brincando no quintal, ao sentir o cheiro do café fresco vindo da cozinha, ao perceber que, naquele instante, nada lhe faltava.

Ele parou. Olhou ao redor e percebeu: ela estava ali.

Mas a felicidade, como sabemos, não é dessas que ficam para sempre. Ela tem o hábito de visitar e partir, deixando atrás de si um rastro de saudade.

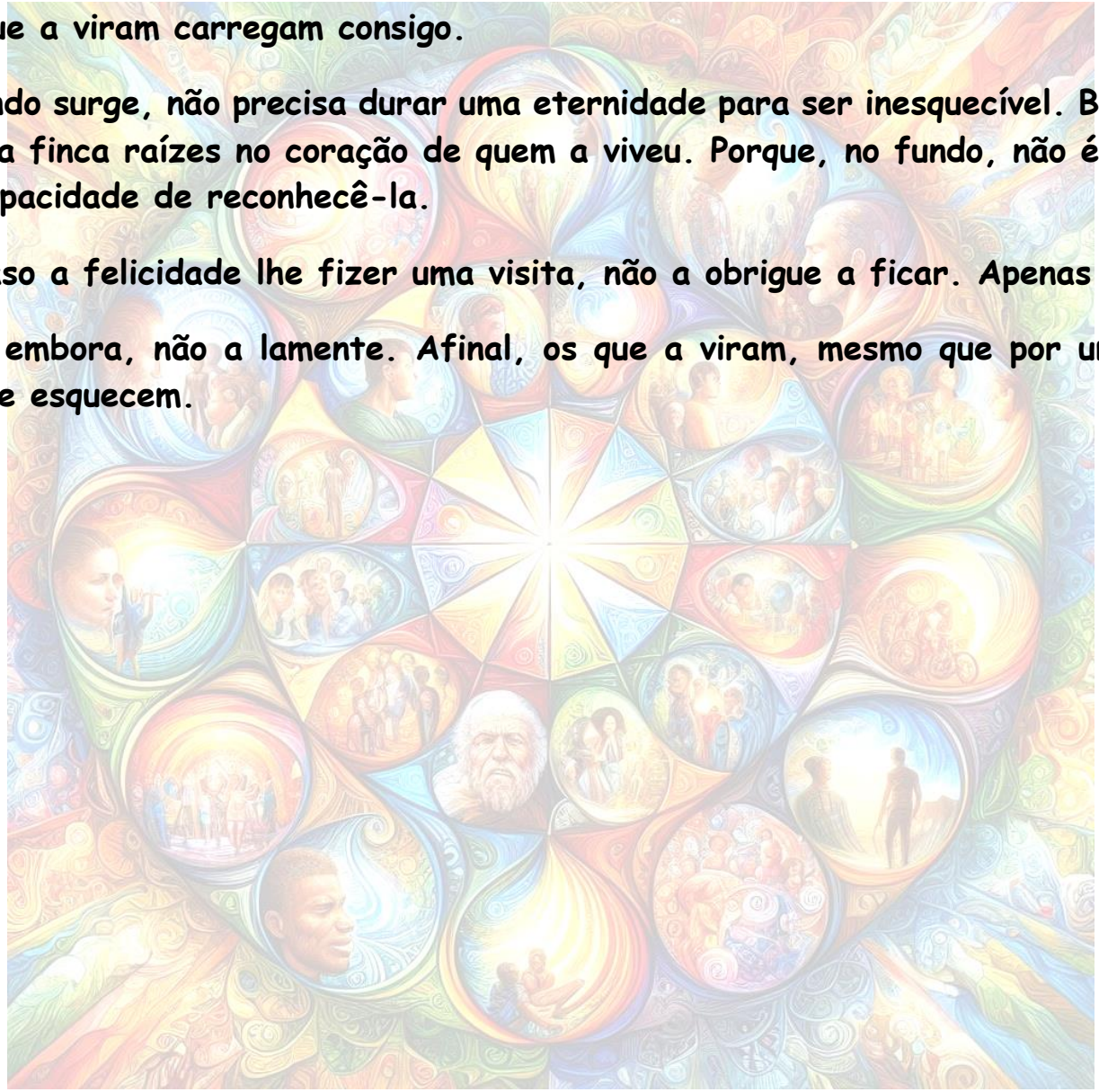
O homem sabia disso; não tentou prendê-la, não fez perguntas, nem exigiu explicações. Apenas a contemplou, "cara a cara", como quem sabe que momentos assim nos transformam. Quando ela se foi, deixou consigo algo precioso: a memória do instante.

E é isso que os que a viram carregam consigo.

A felicidade, quando surge, não precisa durar uma eternidade para ser inesquecível. Basta um momento, uma fagulha, e ela finca raízes no coração de quem a viveu. Porque, no fundo, não é ela que é rara — rara é a nossa capacidade de reconhecê-la.

Então, se por acaso a felicidade lhe fizer uma visita, não a obrigue a ficar. Apenas a viva.

E quando ela for embora, não a lamente. Afinal, os que a viram, mesmo que por um breve instante, nunca mais dela se esquecem.



O Reacender da Luz

Vanda Fagundes Queiroz

(Curitiba/PR)

Onde a sombra cobre e embaça
o sol que anima e clareia,
eu quisera ser quem passa
e reacende a luz alheia.

Na pequena cidade de Luziana, onde as colinas se erguiam como guardiãs da tranquilidade, a vida seguia seu curso em um ritmo sereno. As manhãs eram banhadas pela luz do sol, e as tardes se estendiam suavemente, proporcionando um cenário perfeito para os encontros e as trocas de sorrisos. No entanto, haviam cantos da cidade onde a sombra parecia persistir, onde as pessoas carregavam fardos invisíveis que embaçavam o brilho de suas almas.

Em um desses lugares, morava Sofia. Desde jovem, ela sempre fora uma observadora atenta ao mundo a seu redor. Com um coração generoso, se preocupava com as pessoas que encontrava em seu caminho. Contudo, havia uma tristeza que a acompanhava: ela via muitos dos seus vizinhos lutando contra a escuridão que se instalava em suas vidas. A dor da solidão, a pressão das dificuldades financeiras e as desilusões amorosas se acumulavam como nuvens escuras sobre suas cabeças.

Sofia trabalhava em uma pequena biblioteca da cidade, um lugar que sempre fora seu refúgio. Entre prateleiras repletas de livros, se sentia em casa, cercada por histórias que a transportavam para outras realidades. Mas, ao mesmo tempo, a biblioteca era um espaço de reflexão sobre o que realmente acontecia fora de suas paredes. Muitas vezes, via pessoas entrarem com os olhos pesados, como se carregassem o peso do mundo.

Certa manhã, enquanto organizava alguns livros, percebeu uma mulher sentada em uma mesa, com o olhar perdido nas páginas de um romance. Era Mara, uma vizinha que sempre fora gentil, mas que ultimamente parecia ter se afastado. Aproximou-se, sentando-se à sua frente.

"Olá, Mara. Está tudo bem?"

A mulher ergueu os olhos, e Sofia viu a sombra da tristeza refletida em seu olhar.

"Não sei. Às vezes, sinto que tudo está muito pesado. A vida tem sido difícil e parece que a luz simplesmente se apagou", respondeu, com a voz embargada.

Sofia sentiu uma dor no coração, queria fazer algo, reacender a luz que parecia ter se apagado.

Com o passar dos dias, Sofia decidiu que não poderia ficar apenas observando. Queria ser a pessoa que passava e reacendia a luz alheia. Começou a organizar encontros na biblioteca, convidando os moradores a se reunirem e compartilharem histórias, risadas e até mesmo tristezas. Criou um espaço acolhedor, onde todos se sentissem à vontade para se expressar.

No primeiro encontro, muitos compareceram, e o ambiente logo se encheu de vozes e risadas. Sofia percebeu que, ao compartilhar suas experiências, as pessoas começavam a se abrir e a se conectar. Mara estava lá, e ao ver a alegria tomando conta do ambiente, seu sorriso começou a ressurgir lentamente. A luz que antes estava embaçada começou a brilhar novamente.

Com o passar do tempo, os encontros se tornaram uma tradição na biblioteca. As pessoas trouxeram suas histórias, suas lutas e suas vitórias. Entre contos de superação, surgiram amizades inesperadas. Sofia percebeu que, ao acolher os outros, também estava reacendendo sua própria luz. O ambiente que antes era pesado agora estava repleto de esperança e solidariedade.

Certa tarde, enquanto organizava mais um encontro, Sofia decidiu que era hora de dar um passo adiante. Convidou um escritor local para se apresentar, alguém que sempre trouxe uma nova perspectiva sobre a vida. O evento atraiu uma multidão, e as histórias contadas pelo poeta ecoaram nos corações de todos os presentes. Mara foi uma das mais emocionadas, e ao final da apresentação, lágrimas de alegria escorriam por seu rosto.

"Obrigada, Sofia", disse ela, com a voz cheia de emoção. "Você realmente reacendeu a luz em mim. Sinto-me mais viva agora."

As palavras dela foram um bálsamo para o coração de Sofia, que percebeu que seu esforço estava valendo a pena.

A cidade de Luziana começou a se transformar. As sombras que antes cobriam certas áreas foram sendo dissipadas pela luz da empatia e da amizade. As pessoas começaram a se ajudar, a partilhar o que tinham e a construir uma comunidade mais unida. Sofia viu que seu desejo de reacender a luz alheia havia se espalhado como um fogo, iluminando vidas e corações.

Certa noite, ao olhar para o céu estrelado, refletiu sobre sua jornada. Entendeu que, mesmo nas horas mais sombrias, sempre haveria espaço para a luz. Ao abraçar a dor e a beleza da vida, ela havia encontrado um propósito. Ela quisera ser quem passa e reacende a luz alheia, mas, na verdade, havia se tornado um farol de esperança para muitos.

E assim, em Luziana, a vida continuou a brilhar. Cada gesto de bondade, cada palavra de apoio se tornaram parte de uma sinfonia harmoniosa, onde a sombra não tinha mais poder. "Pois onde a sombra cobre e embaça, o sol que anima e clareia sempre poderá ser encontrado na generosidade de quem se importa, lembrando-nos de que todos podemos ser a luz na vida de alguém."

O Lamento da Terra

José Lucas de Barros

(Serra Negra do Norte/RN, 1934 – 2015, Natal/RN)

Viram cinza os verdes braços
de árvores tão bem formadas
e a terra morre aos pedaços
por onde vão as queimadas!

Na pequena cidade de Verdeluz, onde a natureza sempre foi a protagonista, o verde das árvores e o canto dos pássaros formavam uma sinfonia que encantava a todos. As colinas eram cobertas por florestas densas, e os rios serpenteavam alegremente, trazendo vida e frescor ao ambiente. No entanto, nos últimos anos, algo sombrio começou a se espalhar por aquelas terras outrora vibrantes.

Os moradores, sempre em harmonia com a natureza, notaram que as árvores, antes exuberantes e saudáveis, começaram a perder seu brilho. "Está cinza os verdes braços de árvores tão bem formadas", murmuravam os mais velhos, enquanto as crianças, sem entender a profundidade da tristeza, brincavam entre os troncos que começavam a se tornar estéreis. A terra, que um dia parecia pulsar com vida, agora mostrava sinais de cansaço e desespero.

O responsável por essa transformação drástica era a prática das queimadas. A busca desenfreada por terras para cultivo e pastagem levou muitos a incendiar áreas florestais, sem considerar as consequências. As chamas consumiam tudo em seu caminho, deixando atrás de si uma paisagem desoladora, uma cicatriz permanente na terra que nutria a vida.

"A terra morre aos pedaços por onde vão as queimadas", pensava Lana, uma jovem ativista local que sempre se preocupou com o meio ambiente.

Ela cresceu em Verdeluz e tinha uma conexão profunda com a natureza. Desde criança, costumava passar horas explorando as florestas, aprendendo sobre plantas e animais, e sonhando em um dia se tornar uma defensora da Terra. Ao ver a devastação ao seu redor, ela sentiu que precisava agir. Com o apoio de alguns amigos, decidiu organizar uma campanha de conscientização sobre a preservação da floresta.

Com cartazes coloridos, encontros comunitários e palestras, Lana e seu grupo começaram a mobilizar a população. Eles contavam histórias sobre a importância das árvores, não apenas como provedores de madeira e sombra, mas como guardiãs de um ecossistema que sustentava a vida. A cada reunião, mais pessoas se juntavam à causa, unindo forças para tentar reverter o cenário trágico.

Certa tarde, enquanto caminhava pela floresta, ela encontrou um velho sábio, conhecido por todos como o Guardião da Floresta. Ele estava sentado sob uma árvore imponente, cujos galhos pareciam tocar o céu.

"Você trouxe um peso grande em seu coração, minha jovem", ele disse, olhando nos olhos dela.

Lana se sentou ao seu lado e desabafou sobre suas preocupações. "Sinto que estamos perdendo nossa casa. As queimadas estão destruindo tudo e ninguém parece se importar."

O velho sorriu, mas havia tristeza em seu olhar.

"A natureza sempre encontrará uma forma de se regenerar, mas precisamos cuidar dela com amor e respeito. As árvores têm uma sabedoria que muitas vezes ignoramos", respondeu ele. "Viram cinza os verdes braços, mas se você reacender a esperança, pode fazer com que voltem a florescer."

Inspirada pelas palavras do Guardião, ela decidiu que era hora de agir de forma mais intensa. Com a ajuda da comunidade, organizaram um grande evento: o Festival da Reflorestação. Seria um dia de celebração, conscientização e, principalmente, plantio de árvores. O evento atraiu a atenção de muitos, e pessoas de várias partes da cidade se uniram à causa.

No dia do festival, a atmosfera era mágica. Músicos tocavam, crianças corriam com sorrisos iluminados, e os adultos se preparavam para plantar novas árvores. Lana sentiu que a esperança estava renascendo naquelas pequenas mãos que seguravam mudas de árvores. Ela viu ali uma nova geração disposta a lutar pelo que é certo.

Com cada árvore plantada, ela sentiu que a conexão com a terra se fortalecia. As raízes que se entranhavam na terra eram como promessas de um futuro mais verde. "Juntos, podemos mudar o curso da história", ela dizia para todos os que se reuniam ao seu redor. "Cada árvore que plantamos é um passo em direção à cura da nossa terra."

Os meses se passaram, e o que começou como um pequeno movimento cresceu. As árvores plantadas começaram a brotar, e a vida retornou lentamente às áreas que haviam sido devastadas. As pessoas começaram a perceber a importância de cuidar da natureza, e a consciência coletiva despertou para a necessidade de preservar o que restava.

Certa manhã, ao acordar e olhar pela janela, Lana viu que a floresta estava mais vibrante do que nunca. As árvores, que antes pareciam tristes e cinzentas, agora exibiam uma nova folhagem, como se dançassem ao vento, agradecendo por terem sido resgatadas.

"A terra não morre, ela se transforma", pensou, sentindo uma onda de gratidão.

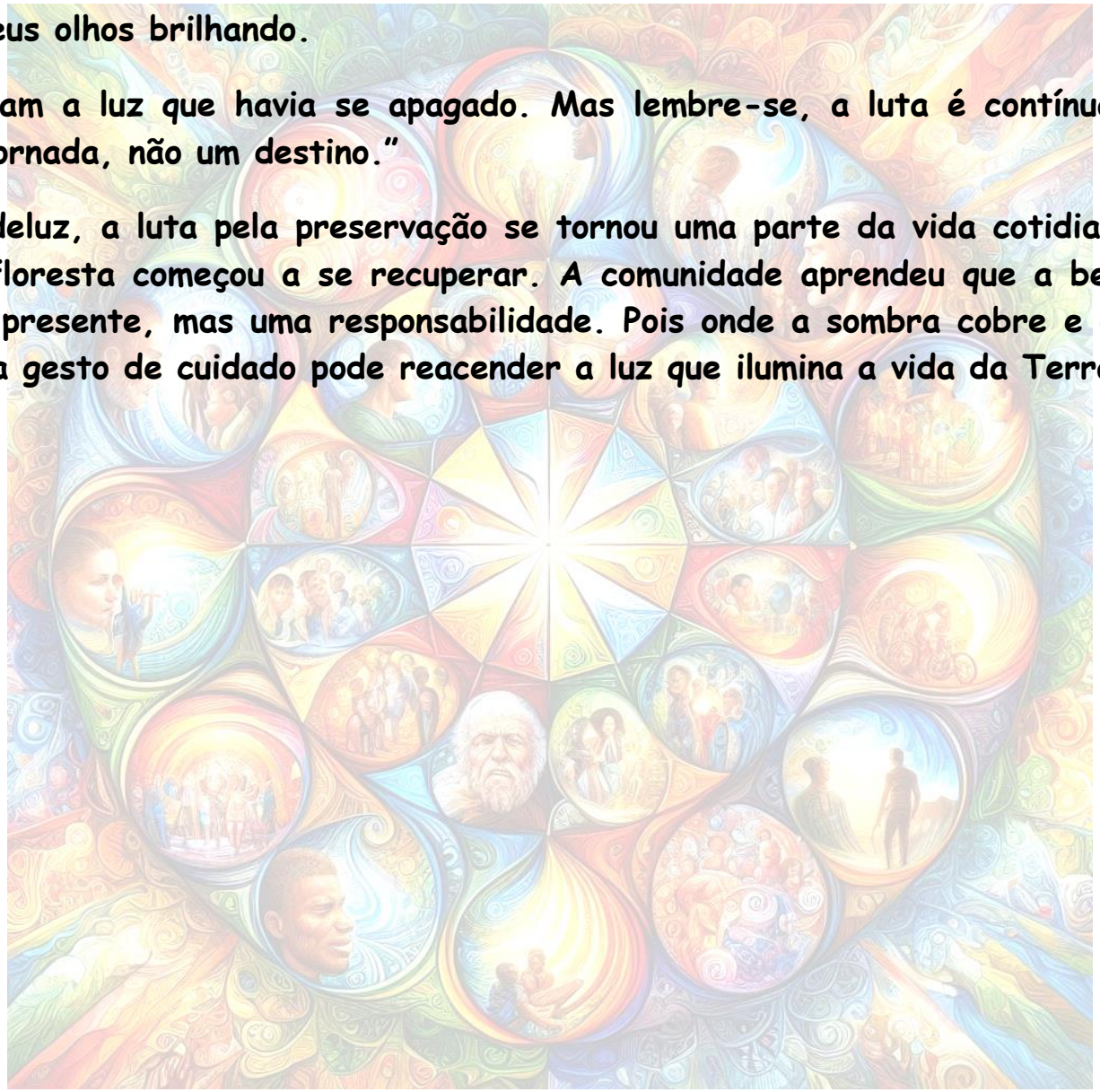
O Guardião da Floresta apareceu novamente, e ela correu até ele.

"Olhe para o que conseguimos fazer!", exclamou, cheia de alegria.

O velho sorriu, seus olhos brilhando.

"Vocês reacenderam a luz que havia se apagado. Mas lembre-se, a luta é contínua. A proteção da natureza é uma jornada, não um destino."

E assim, em Verdeluz, a luta pela preservação se tornou uma parte da vida cotidiana. As queimadas diminuíram, e a floresta começou a se recuperar. A comunidade aprendeu que a beleza da natureza não é apenas um presente, mas uma responsabilidade. Pois onde a sombra cobre e embaça, ainda há esperança, e cada gesto de cuidado pode reacender a luz que ilumina a vida da Terra.



O Mistério da Pimenta

Élbea Priscila de Souza e Silva

(Piquete/SP, 1942 – 2023, Caçapava/SP)

– Esta pimenta é de cheiro?
Pergunta com azedume,
e o garçom fala ligeiro:
– Se não é... boto perfume!

Na agitada cidade de Saborópolis, onde a culinária era uma verdadeira arte e os restaurantes se multiplicavam a cada esquina, havia um lugar que se destacava pela fama de sua comida: o "Cantinho da Pimenta do Pimenta". Frequentado por amantes da gastronomia e por aqueles que buscavam uma experiência gastronômica única, o restaurante era conhecido por suas pimentas exóticas, que prometiam não apenas sabor, mas também um toque de aventura.

Certa noite, o lugar estava lotado. Entre risadas e conversas animadas, estava uma mesa em especial, onde se encontravam Cláudia e seus amigos. Ela era uma entusiasta da culinária, sempre em busca do prato mais picante do cardápio. Acreditava que a vida era muito curta para comer coisas sem graça. Ao olhar o menu, seus olhos brilharam ao ver a pimenta especial da casa, chamada "Pimenta do Inferno".

"Vou pedir essa pimenta!", exclamou, com uma determinação que fazia os outros ao seu redor tremerem. "Eu gosto de desafios!"

Seus amigos, que conheciam bem o seu apetite por aventuras culinárias, trocaram olhares preocupados, mas ninguém teve coragem de desaconselhar a ousadia dela.

Quando o garçom trouxe o prato, Cláudia mal podia conter a empolgação. Mas, ao sentir o aroma que emanava do prato, sua expressão mudou.

"Esta pimenta é de cheiro?" perguntou, com um leve azedume na voz.

O garçom, um jovem bem-humorado chamado Paulo, rapidamente respondeu: "Se não é… boto perfume!"

A resposta provocou risadas na mesa, mas Cláudia estava determinada.

"Não, não, eu quero saber se é realmente apimentada! Não estou aqui para brincadeiras!"

Paulo, percebendo que a situação poderia ficar séria, decidiu que era hora de mostrar seu conhecimento sobre pimentas.

"Olha, posso garantir que essa pimenta é forte. Ela é tão picante que já teve um relacionamento conturbado com o fogo. O fogo a pediu em casamento, mas ela não aceitou porque achou que ele não era 'quente' o suficiente", disse ele, piscando um olho.

A risada na mesa aumentou, e Cláudia, entre o riso e a curiosidade, resolveu experimentar.

Assim que deu a primeira garfada, sua expressão mudou de alegria para choque.

"Meu Deus! Isso é... é... uma explosão! É uma sinfonia de sabores... e dor!" gritou, enquanto seus amigos se divertiam com a cena. "Se essa pimenta é de cheiro, ela deve estar cheirando a fumaça!"

O garçom, percebendo que o momento era único, decidiu entrar na brincadeira.

"Se você não pode lidar com a pimenta, eu posso trazer um pouco de água, mas aviso: a água aqui é tão apimentada quanto a comida!"

Todos riram, e Cláudia começou a se debater em sua cadeira, tentando se recuperar da intensidade da pimenta.

No entanto, a situação começou a escalar. Um outro cliente, que estava em uma mesa próxima, ouviu a conversa e decidiu se juntar.

"Se você não está aguentando a pimenta, pode sempre pedir uma 'pimenta da paz'. É uma pimenta que só faz cócegas!"

Todos riram ainda mais, e Cláudia, agora com um semblante vermelho, estava determinada a não ser derrotada.

"Não! Eu não vou deixar essa pimenta me vencer!" declarou, enquanto pegava outra garfada, desta vez com uma coragem que só os verdadeiros aventureiros têm. Mas a pimenta, como uma verdadeira diva, não estava disposta a deixar a cena sem deixar suas marcas.

O garçom, que estava cada vez mais envolvido, decidiu ajudar.

"Posso trazer um 'antídoto' para você, algo que vai cortar essa ardência. Que tal um sorvete de baunilha? É o famoso 'Sorvete do Alívio'!"

Ele foi buscar o sorvete e, enquanto isso, a mesa de Cláudia se tornava uma verdadeira arena de risadas e gritos de "socorro".

Quando Paulo voltou com o sorvete, Cláudia, já com lágrimas nos olhos, não hesitou. "Me dá isso aqui, rápido!" E, em um ato desesperado, ela se serviu generosamente. O contraste entre o picante da pimenta e o frio do sorvete foi instantâneo, e todos na mesa ficaram em silêncio, esperando a reação dela.

Finalmente, uma expressão de alívio tomou conta do rosto de Cláudia.

"Ah, isso sim é vida! Uma verdadeira salvação!"

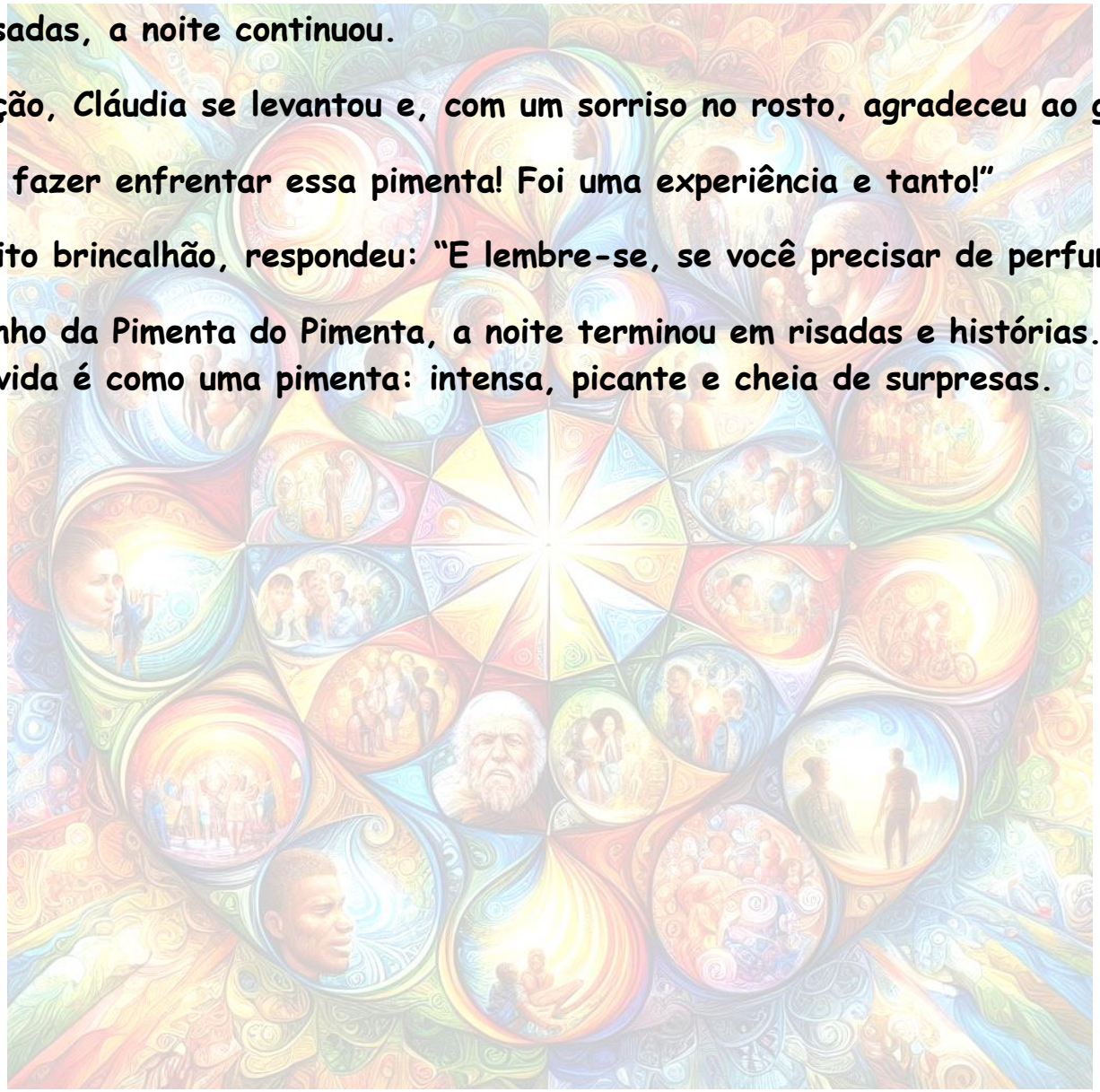
E assim, entre risadas, a noite continuou.

No final da refeição, Cláudia se levantou e, com um sorriso no rosto, agradeceu ao garçom.

"Obrigado por me fazer enfrentar essa pimenta! Foi uma experiência e tanto!"

Paulo, com seu jeito brincalhão, respondeu: "E lembre-se, se você precisar de perfume, é só chamar!"

E assim, no Cantinho da Pimenta do Pimenta, a noite terminou em risadas e histórias. Cláudia aprendeu que, às vezes, a vida é como uma pimenta: intensa, picante e cheia de surpresas.



No Coração da Arte

Antônio Juraci Siqueira

(Belém/PA)

Mata a revolta em teu peito,
não a deixes florescer:
rio com pedras no leito
não pode alegre correr!...

Em uma cidade do interior, onde a vida pulsava em cada esquina e as cores das flores enfeitavam os jardins, havia um ar de expectativa. No entanto, sob a superfície dessa beleza, muitas pessoas carregavam revoltas silenciosas. A cidade, com suas ruas movimentadas e sorrisos superficiais, escondia angústias que frequentemente se manifestavam em olhares tristes e conversas sussurradas.

Entre os habitantes, estava Daniel, um jovem artista cujas obras refletiam a complexidade da vida ao seu redor. Ele era conhecido por sua sensibilidade e por captar a essência das emoções humanas com suas pinceladas. Mas, nos últimos meses, ele se sentia cada vez mais frustrado. A pressão da sociedade, as expectativas familiares e a luta por reconhecimento como artista o deixavam inquieto. Sua alma criativa, antes livre, agora estava aprisionada por uma revolta crescente.

Certa manhã, enquanto caminhava pela feira local, viu algo que o tocou profundamente. Uma mulher idosa, com o rosto marcado pelo tempo, estava vendendo flores. Seus olhos, embora cansados, brilhavam com uma sabedoria única. Ela sorria para cada cliente, oferecendo não apenas flores, mas esperança. Daniel parou para admirar a cena, mas logo a revolta em seu peito começou a se manifestar. "Por que as pessoas não veem a beleza que realmente importa?", pensou, sentindo-se frustrado com a superficialidade ao seu redor.

A mulher percebeu sua inquietação e, quando ele se aproximou, disse: – Caro jovem, mata a revolta em teu peito, não a deixes florescer.

As palavras dela ressoaram em sua mente, como um eco de sabedoria. Daniel hesitou, mas decidiu compartilhar suas preocupações.

– Sinto que a arte e a sinceridade estão se perdendo nesta cidade. Todos parecem tão focados em seguir o que é esperado, esquecendo-se do que realmente importa.

Ela sorriu com ternura.

– A vida é como um rio, meu jovem. Se o leito do rio está cheio de pedras, ele não pode correr alegremente. Se você deixar a revolta dominar, não conseguirá fluir. A arte deve ser um reflexo da vida, e a vida é feita de altos e baixos. Encontre beleza nas pedras e transforme-as em parte da sua jornada.

A conversa com a mulher deixou-o pensativo. Ele percebeu que estava permitindo que a revolta o impedisse de criar. Aquelas palavras o inspiraram a buscar a beleza nas dificuldades, a transformar sua dor em arte. Decidiu que era hora de mudar sua perspectiva e não deixar que a frustração o definisse.

Nos dias seguintes, começou a trabalhar em uma nova série de pinturas. Em vez de se concentrar apenas nas alegrias da vida, ele decidiu capturar também as lutas e as emoções complexas que todos enfrentavam. Usou cores escuras para representar a dor e a revolta, mas também introduziu tons vibrantes que simbolizavam a esperança e a resiliência. Cada pincelada era uma tentativa de mostrar que, mesmo em meio ao sofrimento, a beleza poderia surgir.

Quando chegou o dia da exposição, a cidade estava em festa. As pessoas se reuniram para celebrar a arte e a cultura local.

Daniel estava nervoso, mas também animado. Suas pinturas, que refletiam sua jornada interna e a luta comum de muitos, começaram a atrair a atenção. As pessoas paravam diante de suas obras, algumas com lágrimas nos olhos, outras sorrindo ao reconhecer suas próprias histórias nas telas.

Uma jovem se aproximou dele e disse: – Seus quadros me tocaram profundamente. Nunca pensei que alguém pudesse expressar tão bem o que sinto por dentro.

Ele sorriu, sentindo que a conexão que buscava finalmente se concretizava. Percebeu que sua arte tinha o poder de tocar os corações das pessoas e que, ao compartilhar suas emoções, poderia também aliviar a revolta que muitos carregavam.

A exposição foi um sucesso, e a cidade começou a se transformar. As pessoas começaram a falar mais sobre suas emoções e a compartilhar suas lutas. Daniel se tornou um símbolo de coragem e autenticidade, mostrando que é possível enfrentar a revolta e ainda encontrar beleza na jornada. As conversas nas praças e cafés agora incluíam discussões sobre arte, vida e a importância de abraçar tanto as alegrias quanto as tristezas.

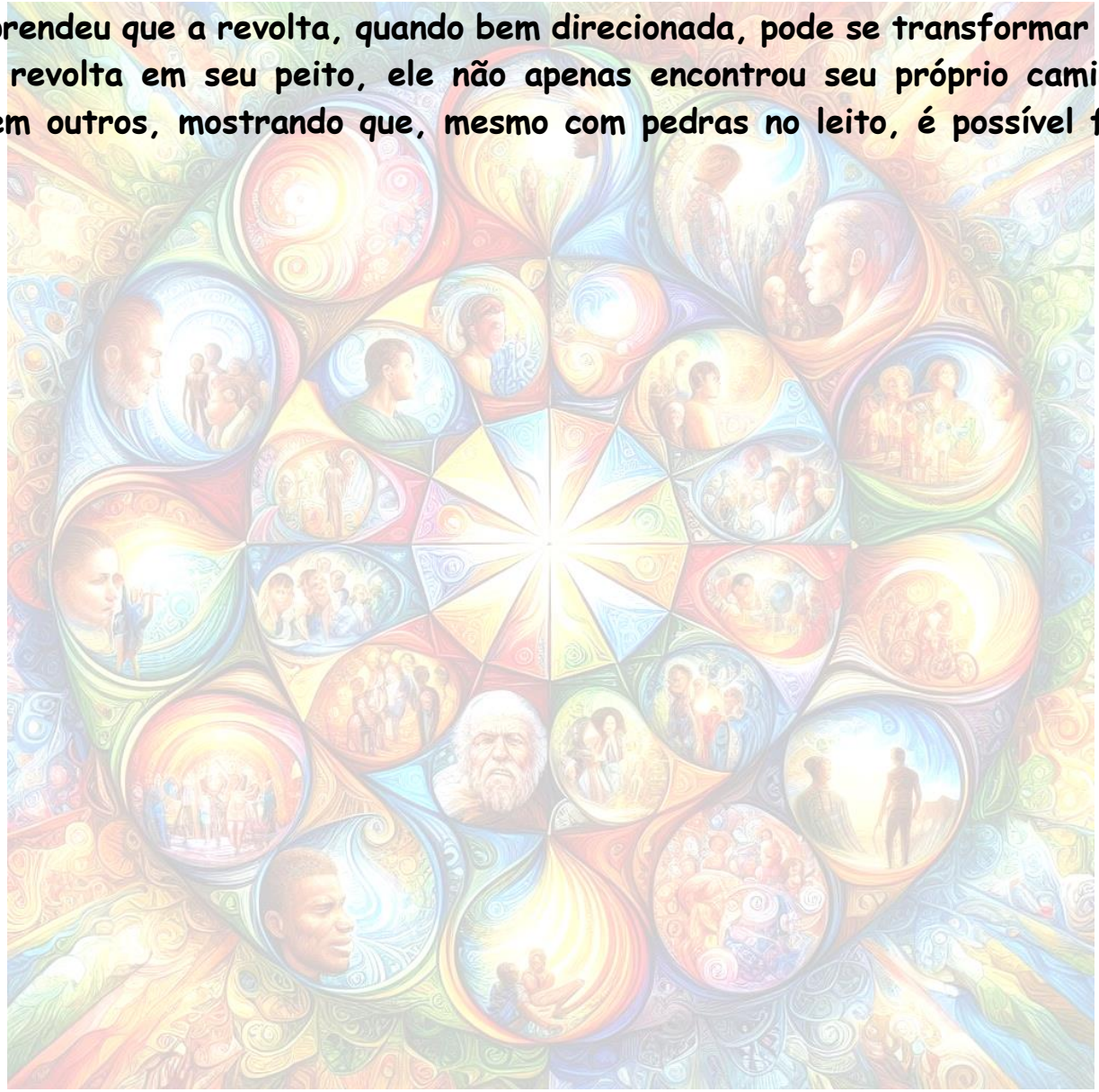
Certa noite, enquanto caminhava pela cidade iluminada, ele encontrou a mulher idosa vendendo flores novamente. Ele se aproximou e a agradeceu.

– Você me ajudou a ver a beleza que estava escondida. Agora, consigo fluir como um rio.

A mulher sorriu, seus olhos brilhando com a sabedoria que só o tempo pode trazer.

– Lembre-se, jovem artista, que a vida é feita de ciclos. Sempre haverá pedras no caminho, mas é sua escolha como lidar com elas.

E assim, Daniel aprendeu que a revolta, quando bem direcionada, pode se transformar em força criativa. Pois, ao matar a revolta em seu peito, ele não apenas encontrou seu próprio caminho, mas também reacendeu a luz em outros, mostrando que, mesmo com pedras no leito, é possível fazer o rio correr alegremente.



A Quarta Vez

Darly O. Barros

(São Francisco do Sul/SC, 1941 - 2021, São Paulo/SP)

– Minha filha, tens certeza?
– Tenho, mãe, é gravidez!
– Se vais dizer: "foi fraqueza",
já não cola, é a quarta vez!

Na charmosa e agitada cidade de Tontolândia, onde os boatos se espalhavam mais rápido que a luz e as fofocas eram um esporte nacional, a vida da família Souza sempre teve um certo tempero. Dona Fulustreca, a matriarca, era conhecida por sua língua afiada e seu talento inigualável para transformar qualquer situação em um drama digno de novela mexicana. Mas nada se comparava à conversa que estava prestes a acontecer em sua casa.

Certa manhã ensolarada, enquanto o cheiro do café fresco invadia a cozinha, sua filha, Januária, entrou com uma expressão que misturava nervosismo e determinação. Era visível que algo a atormentava.

"Mãe, preciso te contar uma coisa", disse ela, com a voz trêmula.

O coração de Dona Fulustreca disparou. "Ai, meu Deus! O que foi agora? Você não pode simplesmente entrar assim, com essa cara de quem viu um fantasma!"

Januária respirou fundo e, com toda a coragem que conseguiu reunir, soltou:

"Estou grávida."

A cozinha, que antes estava cheia de sons alegres, mergulhou em um silêncio constrangedor. Dona Fulustreca olhou para a filha, depois para a xícara de café, e, em seguida, voltou a olhar para Fernanda.

"Minha filha, tens certeza?" perguntou, tentando processar a informação.

"Tenho, mãe, é gravidez!" respondeu, agora com um brilho nos olhos que misturava esperança e medo. Mas Dona Fulustreca não estava pronta para aceitar a notícia sem fazer um verdadeiro interrogatório.

"E você sabe quem é o pai?", perguntou, levantando uma sobrancelha e preparando-se para a próxima etapa da sua investigação.

"É o Aparecido, mãe. Aquele que conheci na festa de aniversário da Tia Lúcia", respondeu Fernanda, tentando parecer mais confiante do que realmente estava.

Dona Fulustreca fez uma careta.

"Aparecido? Aquele safado que sempre vem aqui com a camiseta do Iron Man? Ele não me convence muito, minha filha. Se for pra escolher, eu preferiria que você tivesse ficado com o Lucas, que sempre trouxe flores!"

Antes que Januária pudesse retrucar, Dona Fulustreca continuou, agora com um tom de voz mais firme: "Se vais dizer: 'foi fraqueza', já não cola, é a quarta vez!"

A frase ressoou na cozinha como um eco. Januária, tentando manter a dignidade, olhou para a mãe com um misto de indignação e nervosismo.

"Quarta vez? Mãe, isso é um exagero! Da última vez, eu só estive com o Paulo por um mês!"

Dona Nair não estava disposta a abrir mão de sua narrativa.

"Sim, mas foi um mês intenso! E, se não me engano, você também teve aquele 'acidente' com o Bruno, e não vamos esquecer do 'deslize' com o Felipe. O que você tem a dizer sobre esses?!"

Januária, agora nervosa entre lágrimas, respondeu:

"Mãe, eu sei que você se preocupa, mas não foi por fraqueza! Eu realmente amo o Aparecido!"

Dona Fulustreca, percebendo que sua filha estava realmente decidida, começou a relaxar.

"Está bem, mas você sabe que eu vou ser avó, certo? E eu exijo um nome que preste. Nada de 'Cidinho' ou 'Dona Flor'!"

A conversa tomou um rumo inesperado e, enquanto as duas discutiam nomes, Dona Fulustreca começou a fazer uma lista de possíveis avós que poderiam ajudar a filha a se preparar para a maternidade.

"Olha, minha filha, eu vou te apresentar a Dona Edite. Ela fez crochê até a última gravidez e ainda é a avó mais ativa da Tontolândia. E também a Dona Rita, que tem um blog de dicas para mães! Você precisa de tudo isso!"

Januária riu.

"Mãe, não preciso de uma consultoria para ser mãe. E, sinceramente, você não vai ter tempo para me ajudar. Você vai estar ocupada demais cuidando das suas plantas e fazendo fofocas no salão de beleza!"

Dona Fulustreca, percebendo que a conversa estava tomando um rumo diferente, decidiu que era hora de se colocar no papel de avó.

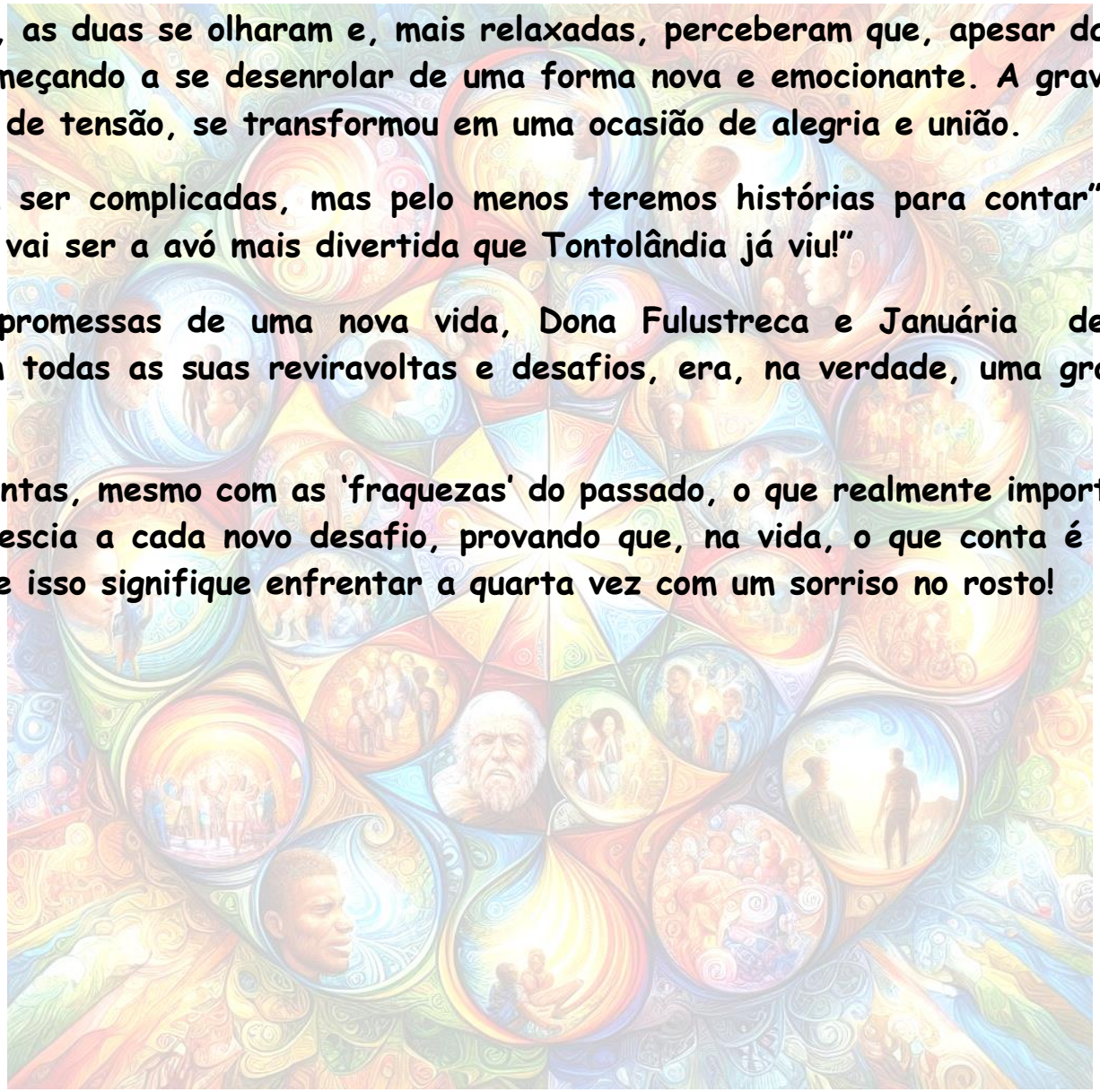
"Ok, mas eu vou te ensinar tudo que aprendi. E, se você deixar, eu vou ser a avó que vai fazer bolos de aniversário extravagantes e levar a criança para dançar no parque. A criança vai ser a mais estilosa da Tontolândia!"

Naquele momento, as duas se olharam e, mais relaxadas, perceberam que, apesar da confusão, a vida estava apenas começando a se desenrolar de uma forma nova e emocionante. A gravidez, que poderia ter sido um tema de tensão, se transformou em uma ocasião de alegria e união.

"As coisas podem ser complicadas, mas pelo menos teremos histórias para contar", disse Januária, sorrindo. "E você vai ser a avó mais divertida que Tontolândia já viu!"

E assim, entre promessas de uma nova vida, Dona Fulustreca e Januária descobriram que a maternidade, com todas as suas reviravoltas e desafios, era, na verdade, uma grande aventura em família.

E, no final das contas, mesmo com as 'fraquezas' do passado, o que realmente importava era o amor e a conexão que crescia a cada novo desafio, provando que, na vida, o que conta é o que se constrói juntos, mesmo que isso signifique enfrentar a quarta vez com um sorriso no rosto!



O Valor dos Gestos

João Costa

(Saquarema/ RJ)

É nobre o gesto de quem
o sofrimento ameniza,
partilhando o que mal tem
com alguém que mais precisa.

Na pequena cidade de Vila Esperança, onde as ruas eram cercadas por árvores frondosas e o aroma de pão fresco pairava no ar, havia um sentimento de comunidade que aquecia o coração dos moradores. As pessoas se conheciam pelo nome e as portas das casas estavam sempre abertas, prontas para acolher quem precisasse. Porém, em meio a essa harmonia, havia um homem que se destacava: seu nome era Miguel.

Miguel era um trabalhador humilde. Todos os dias, ele acordava antes do sol nascer e ia até a padaria onde trabalhava. Seu salário mal cobria as contas, mas ele sempre encontrava um jeito de estender a mão para aqueles que tinham menos. Para Miguel, o valor de uma pessoa não estava na riqueza que acumulava, mas na bondade que era capaz de oferecer.

Certa manhã, enquanto Miguel se preparava para ir ao trabalho, ele ouviu batidas suaves na porta. Ao abrir, encontrou uma jovem, Clara, com olhos tristes e um bebê nos braços. "Desculpe incomodar", ela disse, hesitante. "Estou sem comida e sem dinheiro. Meu filho está com fome."

O coração de Miguel apertou. Ele sabia como era difícil sobreviver com pouco, mas naquele momento, ele não tinha muito a oferecer.

Miguel olhou para dentro de casa e viu a mesa simples, onde havia uma pequena cesta de pães. Em vez de hesitar, ele sorriu e disse: "Entre, por favor." Ele pegou a cesta e a ofereceu à Frida. "Leve isso. É o que posso fazer por você hoje." A jovem ficou surpresa, mas sua gratidão era visível.

"Obrigada! Que Deus te abençoe!" Ela saiu, levando os pães e um pouco de esperança.

A cena se repetiu ao longo das semanas. Miguel ajudava quem aparecia em sua porta, mesmo que isso significasse sacrificar um pouco de seu próprio conforto. Ele não tinha muito, mas o que tinha era compartilhado com generosidade. No entanto, apesar de seu grande coração, Miguel também sentia o peso da vida. Às vezes, a amargura e a tristeza o cercavam, e ele se perguntava se suas ações realmente faziam a diferença.

Certa tarde, enquanto voltava do trabalho, Miguel avistou um grupo de crianças brincando na praça. Entre elas estava Frida, agora sorrindo enquanto seu bebê brincava ao seu lado. Ela o viu e correu até ele, cheia de energia. "Miguel! Quero te agradecer! Desde que você nos ajudou, consegui um emprego em uma lavanderia. Estou conseguindo cuidar do meu filho!"

As palavras dela iluminaram o dia de Miguel.

"Fico feliz em ouvir isso", respondeu ele, sentindo uma onda de alívio. "Todos nós enfrentamos dificuldades, mas é incrível ver como você se levantou."

O tom de Miguel era sincero, e Frida percebeu que suas palavras tinham um impacto positivo.

"Você é uma inspiração para nós. O que você faz é nobre, Miguel. Você nos lembrou que ainda há bondade no mundo."

A conexão entre eles cresceu, e Miguel começou a se envolver mais na comunidade. Ele organizava pequenas campanhas para ajudar aqueles que estavam em situações difíceis. As pessoas começaram a se unir, formando um círculo de apoio. O que começou como um gesto solitário se transformou em uma

onda de solidariedade. A cidade de Vila Esperança floresceu como nunca antes, com moradores que se ajudavam mutuamente.

Miguel percebeu que, ao compartilhar o que tinha, ele não apenas ajudava os outros, mas também se ajudava. A amargura que por vezes o envolvia foi se dissipando, substituída pela alegria de ver a comunidade prosperar. Ele se sentia mais conectado ao seu entorno, e a vida começou a ter um novo significado.

Em uma noite de outono, Miguel organizou um jantar comunitário na praça. Todos trouxeram algo para compartilhar: pratos caseiros, risadas e histórias. O clima era de celebração, e as crianças corriam, enquanto os adultos conversavam animadamente.

Miguel observou tudo isso com um sorriso no rosto, sentindo-se parte de algo maior. O que antes parecia um ato isolado de bondade agora se tornara um movimento de amor.

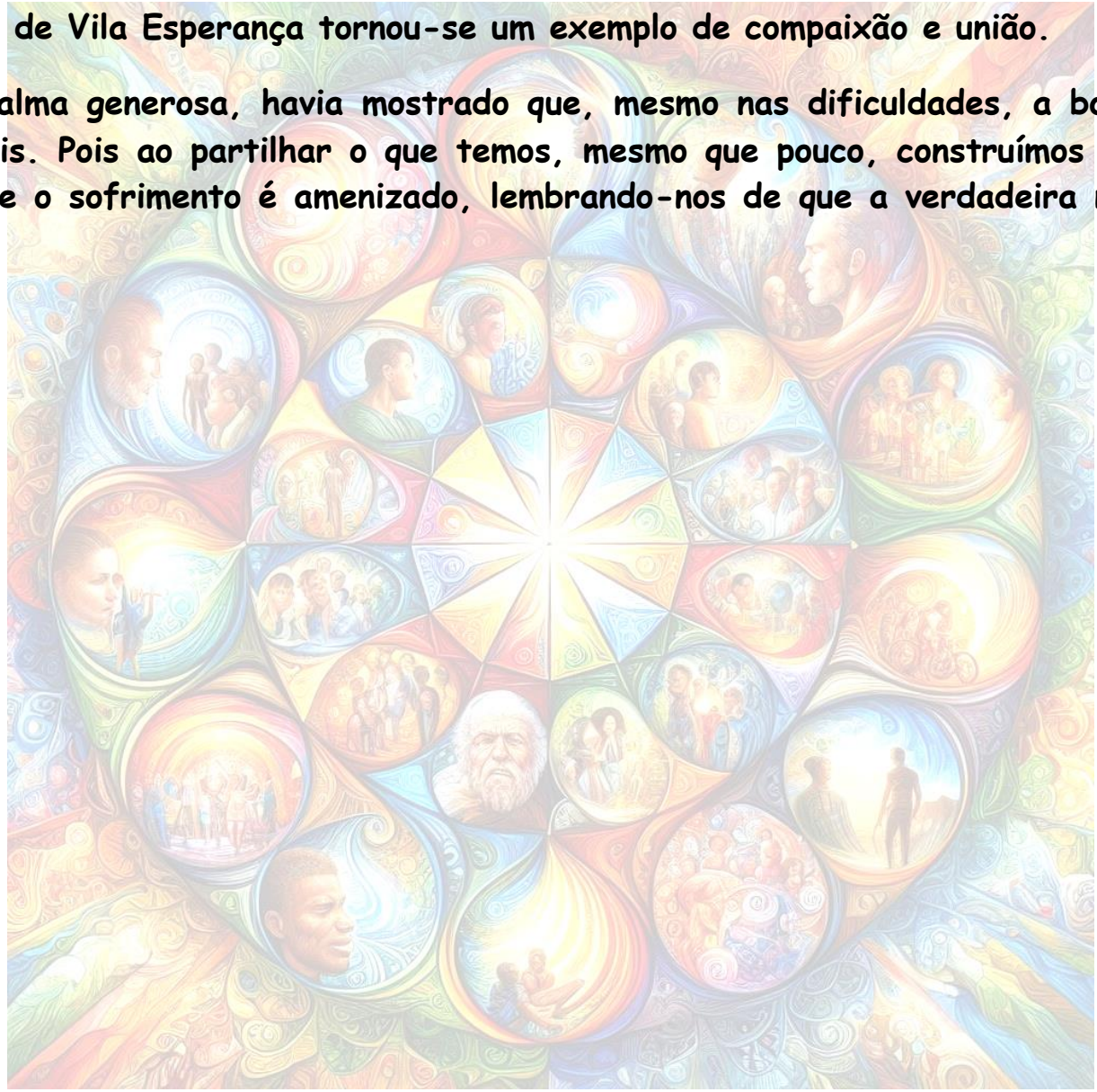
Enquanto as estrelas brilhavam no céu, Miguel subiu em uma pequena caixa para falar com todos.

"É nobre o gesto de quem o sofrimento ameniza", começou. "Partilhando o que mal temos com alguém que mais precisa, encontramos nosso verdadeiro propósito. Cada um de nós tem o poder de fazer a diferença, mesmo que pareça pequena. Juntos, somos mais fortes."

As palmas ecoaram na noite tranquila, e Miguel sentiu uma onda de gratidão. Ele compreendeu que a verdadeira riqueza não estava em posses materiais, mas na capacidade de tocar a vida das pessoas. O amor e a solidariedade que ele havia semeado floresceram de maneiras que ele nunca poderia ter imaginado.

E assim, a cidade de Vila Esperança tornou-se um exemplo de compaixão e união.

Miguel, com sua alma generosa, havia mostrado que, mesmo nas dificuldades, a bondade pode criar laços indestrutíveis. Pois ao partilhar o que temos, mesmo que pouco, construímos um mundo onde a esperança brilha e o sofrimento é amenizado, lembrando-nos de que a verdadeira nobreza reside no coração.



A Alma Sentida

Adolfo Macedo

(Magé/RJ, 1935 – 1996)

Tenho minha alma sentida,
vivo sempre amargurado.
- Minha vida não tem vida,
sem tua vida ao meu lado!

Na cidade de Luz do Sol, onde os dias costumavam ser banhados por uma luz dourada, havia um jovem chamado Lucas. Ele era conhecido por sua sensibilidade e pela profundidade de seus sentimentos. No entanto, por trás de seu sorriso tímido, escondia-se uma alma sentida, marcada pela ausência de um amor que havia se tornado sua razão de viver.

Lucas se apaixonou por Ana na adolescência. Seus olhos brilhavam como estrelas em uma noite clara, e seu riso era como música para os ouvidos dele. Juntos, eles compartilhavam sonhos, segredos e promessas de um futuro repleto de felicidade. Mas a vida, com suas reviravoltas inesperadas, trouxe uma separação que deixou Lucas em um estado de amargura. Ana decidiu seguir seus próprios caminhos em busca de novos horizontes, enquanto Lucas ficou preso em um ciclo de saudade e solidão.

Os meses se passaram, mas a dor da ausência de Ana não diminuía. Lucas caminhava pelas ruas de Luz do Sol, observando os casais felizes e os sorrisos que o cercavam, sentindo-se cada vez mais isolado.

"Minha vida não tem vida", pensava, enquanto sua alma clamava por um pouco da alegria que havia perdido. O vazio que ele sentia era tão palpável que parecia acompanhar cada passo que dava.

Certa tarde, enquanto se sentava em um café à beira da praça, avistou um grupo de amigos rindo e conversando. Ele tentou se envolver, mas a conversa parecia distante, como se ele estivesse assistindo a um filme que não fazia parte.

O garçom, percebendo sua tristeza, se aproximou e disse: "Às vezes, é preciso abrir o coração para que as coisas mudem. A vida é cheia de surpresas."

Mas Lucas apenas sorriu fraco, sem saber como lidar com suas emoções.

Naquele dia, ao voltar para casa, ele decidiu que precisava expressar o que sentia. Pegou seu caderno e começou a escrever. As palavras fluíam como um rio desaguando suas mágoas e esperanças. "Tenho minha alma sentida, vivo sempre amargurado", anotou, cada frase revelando a profundidade de sua dor. Era como se, ao colocar as emoções no papel, ele pudesse torná-las mais leves, mais fáceis de carregar.

Nos dias que se seguiram, continuou a escrever. Seus poemas tornaram-se um refúgio, uma forma de lidar com a ausência de Ana. Ele escrevia sobre os momentos que viveram juntos, sobre o amor que ainda pulsava dentro dele e sobre a vida que parecia estar em pausa. "Sem tua vida ao meu lado", lamentava, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. A escrita proporcionava um alívio temporário, mas a solidão ainda o envolvia como um manto pesado.

Um dia, enquanto participava de um sarau local, decidiu compartilhar um de seus poemas. Nervoso, subiu ao palco e leu em voz alta as palavras que tão sinceramente havia escrito. Ao terminar, um silêncio pairou sobre a sala, seguido por um aplauso tímido. No entanto, algo mágico aconteceu: entre a multidão, uma jovem chamada Beatriz se destacou. Ela estava tão tocada por suas palavras que se aproximou após a apresentação e o parabenizou. "Você tem um dom incrível", disse, com um sorriso que iluminou seu rosto.

Nos dias seguintes, Lucas e Beatriz começaram a se encontrar. Ela se tornou uma amiga especial, alguém que compreendia a dor dele e o incentivava a olhar para o futuro. Conversas longas, risadas e momentos de cumplicidade começaram a preencher o vazio que Ana deixara. Ele percebeu que, embora ainda amasse Ana, havia espaço em seu coração para novas experiências. Beatriz não era uma substituta; ela era uma nova possibilidade, uma luz que começava a brilhar em sua vida.

Com o tempo, começou a se abrir para a ideia de amar novamente.

Ele ainda escrevia, mas agora suas poesias refletiam uma nova perspectiva. A dor não desapareceu, mas transformou-se em um combustível para criar algo belo. Ele começou a escrever sobre a esperança, sobre a possibilidade de recomeços e sobre a beleza de se permitir sentir novamente.

"Minha vida começa a ter vida, com tua vida ao meu lado", ele escreveu em um verso, sentindo a alegria de novas conexões.

Certa noite, enquanto caminhavam juntos sob as estrelas, Lucas olhou para Beatriz e sentiu uma onda de gratidão. Ele percebeu que a vida é feita de ciclos e que o amor, mesmo quando perdido, pode renascer de maneiras inesperadas. A presença de Beatriz era um lembrete de que, mesmo em meio à dor, a vida continua e que novas histórias podem ser escritas.

E assim, Lucas aprendeu que o amor verdadeiro não se apaga, mas se transforma. Ele compreendeu que a alma sentida não é um sinal de fraqueza, mas uma prova de que é capaz de amar profundamente. Pois, mesmo quando a vida parece amarga, a esperança pode nos guiar, mostrando que, com o tempo, podemos encontrar novos caminhos e redescobrir a alegria de viver.

A Batalha Silenciosa

Angélica Villela Santos

(Guaratinguetá/SP, 1935 – 2017, Taubaté/SP)

Com tudo desmoronando
na batalha pela vida,
fica a Esperança, amparando
nossa força esmorecida.

Na cidade de Esperança, onde a vida pulsava em um ritmo frenético, as pessoas costumavam se perder na correria do cotidiano. Ruas movimentadas, lojas sempre abertas e uma atmosfera de pressa permeavam o ar. No entanto, por trás dessa fachada vibrante, muitos enfrentavam batalhas silenciosas, lutando contra as adversidades que a vida impunha. Era um lugar onde as histórias de superação se entrelaçavam com as de desilusão, e, em meio a tudo isso, a esperança se destacava como um farol.

Entre os moradores, havia Miriam, uma mulher de espírito forte, mas que, nos últimos tempos, se sentia cada vez mais sobrecarregada. Mãe de duas crianças, ela trabalhava em um emprego que mal pagava as contas, e a pressão financeira parecia desmoronar seu mundo. As noites eram longas, repletas de insônia e preocupações, enquanto ela se perguntava como conseguiria dar um futuro melhor aos filhos. A batalha pela vida, que antes parecia uma luta normal, agora se tornara um peso insuportável.

Certa manhã, enquanto caminhava para o trabalho, passou por um parque que costumava visitar com as crianças. O local, embora simples, sempre tinha um charme especial, e as risadas dos pequenos ecoavam em sua memória. Mas, naquela manhã, o parque parecia desolado. As flores estavam murchas, e os bancos estavam vazios. Miriam se sentou em um deles, permitindo que a tristeza a envolvesse por um momento. O que havia acontecido com a alegria que antes florescia ali?

Enquanto refletia, um velho senhor se aproximou. Ele tinha um olhar gentil e um sorriso acolhedor. Sentou-se ao seu lado e, percebendo sua aflição, perguntou: "O que pesa em seu coração, minha jovem?"

Ela hesitou, mas, em meio à conversa, acabou por desabafar. Contou-lhe sobre suas lutas, suas inseguranças e o medo de não ser capaz de proporcionar um futuro digno para seus filhos.

O velho ouviu atentamente, e quando ela terminou, ele disse: "Com tudo desmoronando na batalha pela vida, é normal sentir-se esmorecida. Mas lembre-se: a esperança é uma força que nos ampara nos momentos de fraqueza." As palavras dele ressoaram dentro dela. Ele continuou: "A esperança não é uma promessa de que tudo ficará bem, mas uma luz que brilha na escuridão, lembrando-nos de que ainda há caminhos a serem trilhados."

Inspirada pelas palavras do senhor, ela decidiu que não poderia deixar que a tristeza a dominasse. No dia seguinte, começou a buscar alternativas para mudar sua situação. Inscreveu-se em cursos gratuitos oferecidos pela comunidade, focando em habilidades que poderiam ajudá-la a conseguir um emprego melhor. A cada nova aula, sentia um pouco mais de esperança brotar dentro de si.

Com o tempo, percebeu que a luta não era apenas dela; muitos ao seu redor enfrentavam desafios semelhantes. Ela começou a formar uma rede de apoio com outras mães do bairro, compartilhando experiências e criando um espaço de acolhimento. Juntas, organizavam eventos para levantar fundos e ajudar umas às outras, transformando a dor em força coletiva. A solidariedade entre elas se tornava uma fonte de esperança renovada.

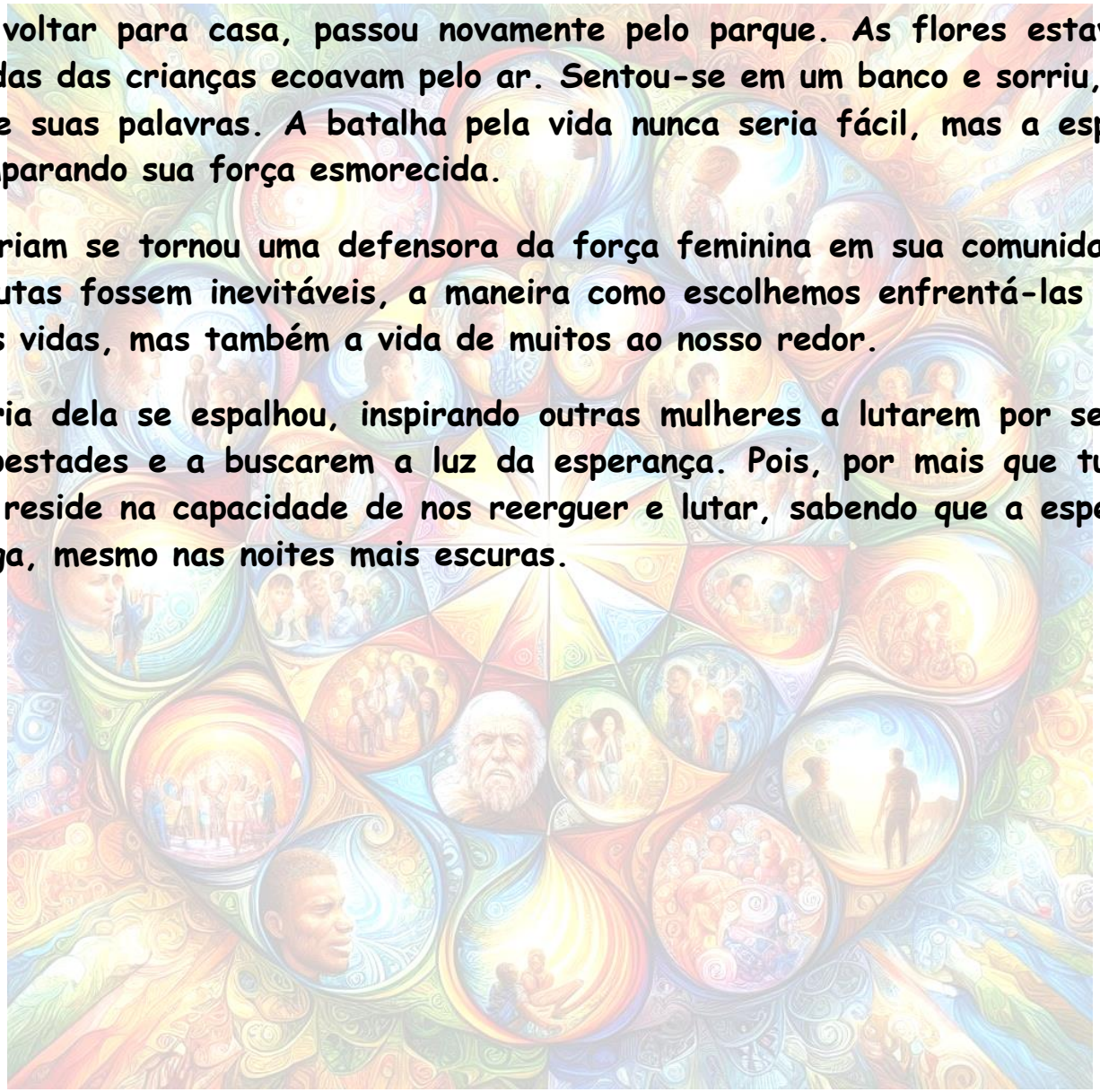
As noites de insônia ainda existiam, mas agora eram acompanhadas de planos e sonhos. Miriam escrevia em um diário, registrando suas vitórias e desafios, e a escrita se tornou um refúgio. Ela encontrou na palavra escrita uma forma de expressar suas emoções e, ao mesmo tempo, uma maneira de inspirar outras mulheres a não desistirem de seus sonhos.

Eventualmente, após meses de esforço e perseverança, conseguiu um novo emprego, que lhe proporcionava não apenas um salário melhor, mas também a possibilidade de crescimento. A cada conquista, sentia que a esperança que antes parecia distante agora pulsava intensamente dentro dela.

Certa tarde, ao voltar para casa, passou novamente pelo parque. As flores estavam começando a brotar, e as risadas das crianças ecoavam pelo ar. Sentou-se em um banco e sorriu, lembrando-se do velho senhor e de suas palavras. A batalha pela vida nunca seria fácil, mas a esperança sempre a acompanharia, amparando sua força esmorecida.

Com o tempo, Miriam se tornou uma defensora da força feminina em sua comunidade. Ela percebeu que, embora as lutas fossem inevitáveis, a maneira como escolhemos enfrentá-las pode transformar não apenas nossas vidas, mas também a vida de muitos ao nosso redor.

E assim, a história dela se espalhou, inspirando outras mulheres a lutarem por seus sonhos, a não temerem as tempestades e a buscarem a luz da esperança. Pois, por mais que tudo desmorone, a verdadeira força reside na capacidade de nos reerguer e lutar, sabendo que a esperança é a chama que nunca se apaga, mesmo nas noites mais escuras.



Máscaras da Vida

Renato Alves

(Rio de Janeiro/RJ)

Fiz da vida um Carnaval,
mas terminei num impasse:
A máscara do irreal
grudou-se na minha face!

Fiz da vida um Carnaval, onde cada dia era uma nova festa, uma celebração vibrante de cores e sons. Desde pequeno, sempre encontrei na música e na dança um refúgio, uma forma de esquecer as dores e as frustrações do cotidiano. As ruas da cidade se tornavam meu palco, e eu, um artista em busca de aplausos e sorrisos. As fantasias que usava não eram apenas trajes, mas armaduras que me protegiam da realidade. Cada máscara que eu colocava me permitia ser quem quisesse, longe das amarras do eu cotidiano.

Naquele Carnaval, tudo era permitido. Sorrir, dançar, amar sem medo. As pessoas se entregavam à euforia, e eu, em meio a essa alegria, me sentia invencível. As cores se misturavam, as risadas ecoavam e a música envolvia tudo como um abraço caloroso. Mas, à medida que os dias passavam, percebi que havia algo mais profundo escondido atrás da festa. A realidade, como um espectro, pairava à espreita, esperando o momento certo para se revelar.

O que começou como uma celebração transformou-se em um labirinto de ilusões. A cada desfile de Carnaval, percebia que as risadas se tornavam mais distantes, os olhares mais vazios. As pessoas, antes tão vibrantes, pareciam presas em suas próprias fantasias, vivendo uma vida que não era a sua. Eu também me vi preso nesse ciclo. A alegria que antes me preenchia começou a se transformar em uma máscara pesada, grudada em meu rosto como um lembrete constante de que a vida estava se tornando uma encenação.

Certa noite, enquanto as luzes do Carnaval brilhavam intensamente, eu me afastei da multidão. O som da música se tornava um ruído ensurdecedor, e a dança, uma repetição mecânica de movimentos. Sentei-me à beira de um lago, onde a água refletia as estrelas como pequenos diamantes no céu. Olhei

para meu reflexo e percebi a verdade que eu havia ignorado. A máscara do irreal não era apenas um adorno; tornara-se parte de mim, uma segunda pele que ocultava quem eu realmente era.

A realidade começou a se infiltrar em meus pensamentos. O que eu havia construído em torno de mim era uma fantasia que me afastava de uma vida autêntica. A busca incessante por aprovação e aplausos me deixava em um impasse, preso entre a necessidade de ser visto e o desejo de ser verdadeiro. O Carnaval, que deveria ser um momento de libertação, transformou-se em uma prisão de ilusões.

Naquela noite à beira do lago, decidi que era hora de desmascarar a verdade. O primeiro passo foi enfrentar a dor que eu havia ignorado por tanto tempo. As memórias de perdas, de desilusões, de momentos em que a vida não foi uma festa. Enfrentei cada uma delas, uma a uma, permitindo que a tristeza e a vulnerabilidade emergissem. Com lágrimas nos olhos, percebi que era essa autenticidade que me tornava humano, que me conectava aos outros de forma genuína.

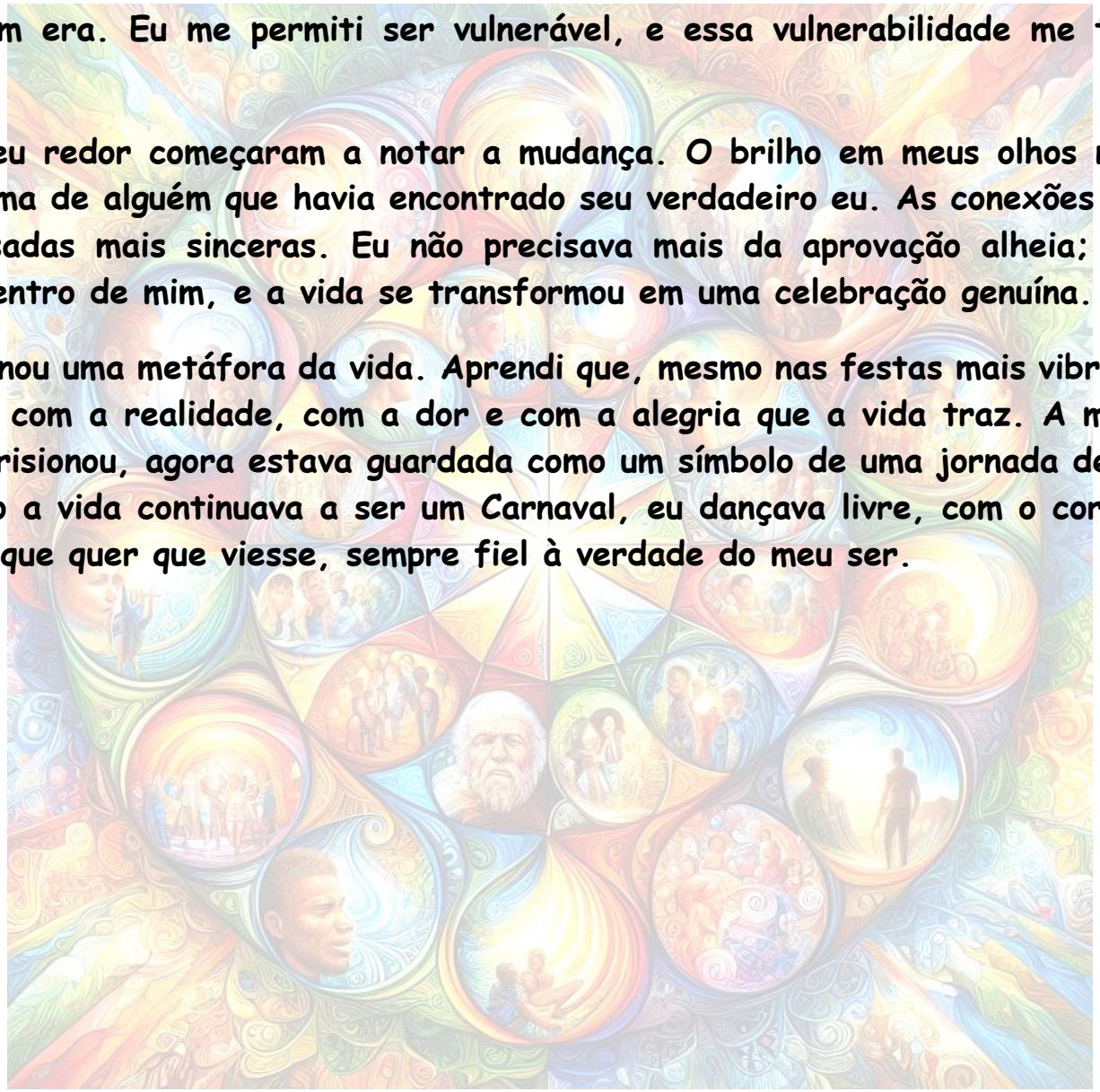
Na manhã seguinte, acordei com o sol filtrando-se pelas janelas. O Carnaval ainda pulsava lá fora, mas eu estava disposto a participar dele de uma maneira diferente. Não como um espectador, mas como alguém que escolhe dançar ao ritmo de sua própria música. Comecei a me despir das máscaras que havia usado por tanto tempo, uma a uma. Cada peça que caía ao chão era um peso a menos, uma libertação da expectativa que havia me aprisionado.

Ao longo dos dias que se seguiram, a vida continuou a ser um Carnaval, mas agora eu participava dele de forma autêntica. Aprendi a rir sem medo, a dançar sem vergonha e a amar sem reservas. A máscara do irreal, que antes grudara-se em meu rosto, agora era apenas uma lembrança de um tempo em que

eu não sabia quem era. Eu me permiti ser vulnerável, e essa vulnerabilidade me trouxe uma força inesperada.

As pessoas ao meu redor começaram a notar a mudança. O brilho em meus olhos não era mais uma ilusão, mas a chama de alguém que havia encontrado seu verdadeiro eu. As conexões se tornaram mais profundas, as risadas mais sinceras. Eu não precisava mais da aprovação alheia; a alegria que eu buscava estava dentro de mim, e a vida se transformou em uma celebração genuína.

O Carnaval se tornou uma metáfora da vida. Aprendi que, mesmo nas festas mais vibrantes, é essencial estar em contato com a realidade, com a dor e com a alegria que a vida traz. A máscara do irreal, que um dia me aprisionou, agora estava guardada como um símbolo de uma jornada de autodescoberta. E assim, enquanto a vida continuava a ser um Carnaval, eu dançava livre, com o coração leve, pronto para enfrentar o que quer que viesse, sempre fiel à verdade do meu ser.



Previsões e Ilusões

Arthur Thomaz

(Campinas/SP)

O profeta idealiza
o futuro, em previsões...
E o poeta o finaliza
colorindo-o de ilusões...

O profeta idealiza o futuro, erguendo-se como uma figura solene em meio ao tumulto do presente. Em uma pequena aldeia, ele caminhava pelas ruas de paralelepípedos, suas vestes longas esvoaçando ao vento. Os aldeões paravam para ouvi-lo, atraídos por suas palavras que pareciam trazer uma luz nas trevas da incerteza. Suas previsões eram como faróis em noites tempestuosas, guiando-os através das tormentas da vida.

"Um dia", ele proclamava com a voz firme, "as colheitas serão fartas, e a paz reinará entre nós. A era da prosperidade está por vir, bastando que nos unamos em fé e determinação."

As palavras do profeta, repletas de esperança e otimismo, ecoavam por toda a aldeia, e, por um momento, acendiam a chama da expectativa nos corações dos ouvintes. Ele era um visionário, um sonhador que via além do horizonte, onde a realidade se confundia com a fantasia.

Mas, em meio a essa atmosfera de esperança, existia outro personagem, um poeta que observava tudo com um olhar perspicaz. Ele estava sempre à sombra das árvores, com um caderno em mãos, onde registrava não apenas as previsões do profeta, mas também as nuances da vida que se desenrolavam ao seu redor. O poeta via a beleza nas pequenas coisas, mas também sentia o peso das dores e desilusões que permeavam a existência dos aldeões.

Enquanto o profeta falava de um futuro glorioso, o poeta ouvia e refletia. Ele sabia que as previsões eram apenas isso: previsões. Não se tratava apenas de um futuro idealizado; era necessário colorir essas palavras com a realidade das emoções humanas. A esperança, sem questionamentos, poderia ser uma armadilha, e ele desejava que as pessoas não se deixassem levar apenas pelas promessas.

Certa manhã, após uma longa noite de reflexão, o poeta decidiu que era hora de compartilhar sua visão. Ele subiu a uma pequena colina, onde o profeta costumava pregar, e começou a recitar seus versos.

"O futuro, caro povo, não é apenas o que se sonha, mas também o que se vive. As ilusões podem ser lindas, mas são as verdades que nos moldam."

Suas palavras dançavam no ar, misturando-se ao vento que passava.

Os aldeões, inicialmente confusos, começaram a ouvir com atenção. O poeta falava sobre a fragilidade da esperança e a beleza das cicatrizes que cada um carrega em sua alma.

"Em cada sorriso escondido, há uma lágrima que não foi enxugada. Em cada sonho realizado, uma renúncia ficou para trás."

Ele coloria o futuro não apenas com a paleta da esperança, mas também com as sombras da realidade.

O profeta, que até então ouvira em silêncio, sentiu-se incomodado. Ele acreditava que seu papel era inspirar e elevar os espíritos, enquanto o poeta parecia querer puxar as pessoas de volta para o chão.

"Mas o que é a vida sem sonhos?", questionou o profeta. "Como podemos viver sem acreditar em um futuro melhor?"

O poeta olhou nos olhos do profeta e respondeu:

"Os sonhos são essenciais, mas não devem nos cegar. O futuro é construído sobre as bases do presente. Precisamos reconhecer nossas dores, nossas falhas, para que possamos realmente transformar o que está por vir."

Havia uma tensão no ar, uma batalha de ideias entre o idealismo do profeta e o pragmatismo do poeta.

Os aldeões, fascinados pela troca, começaram a refletir sobre suas próprias vidas. Era verdade que o profeta trazia esperança, mas também era verdade que o poeta oferecia uma visão mais completa. As ilusões que o poeta coloria não eram meras escapadas; eram uma forma de abraçar a complexidade da vida.

Com o passar dos dias, a aldeia começou a mudar. As pessoas começaram a falar mais, a compartilhar suas histórias, seus medos e suas esperanças. O profeta e o poeta, ao invés de se oporem, começaram a trabalhar juntos.

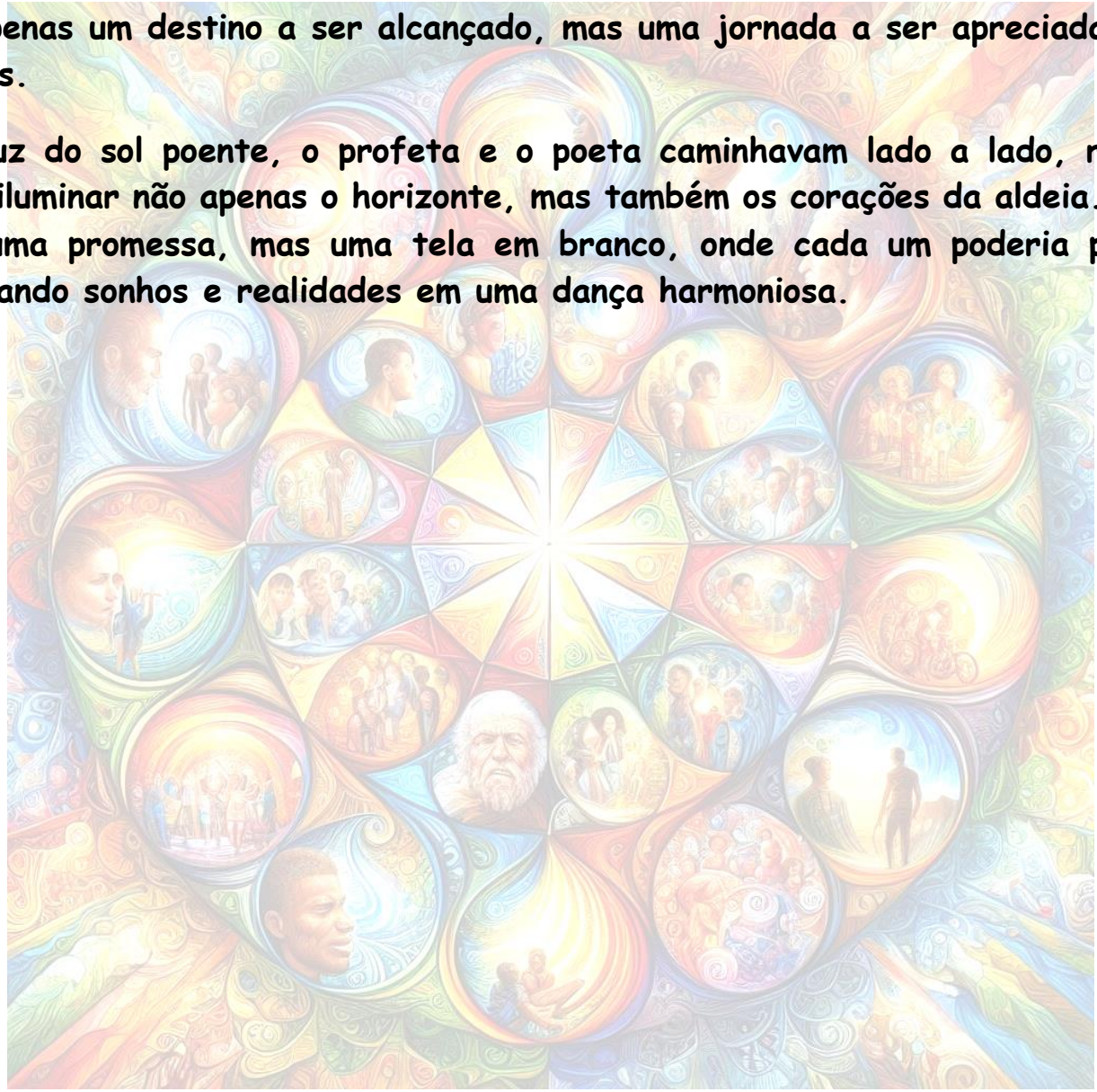
O profeta falava sobre o futuro e a importância de sonhar, enquanto o poeta trazia as verdades do presente, colorindo os sonhos com a realidade das experiências vividas.

Juntos, eles formaram uma aliança poderosa. O profeta idealizava, mas agora com a consciência das lutas que os aldeões enfrentavam. E o poeta finalizava, não apenas com ilusões, mas com a rica tapeçaria de emoções que compunham a vida de cada um. As previsões do profeta agora estavam entrelaçadas com as verdades do poeta, criando uma narrativa mais profunda e rica.

A aldeia floresceu, não apenas em termos de prosperidade material, mas em conexões humanas. As pessoas aprenderam a sonhar, a esperar pelo futuro, mas também a viver intensamente o presente. O

futuro não era apenas um destino a ser alcançado, mas uma jornada a ser apreciada, cheia de cores, sombras e nuances.

E assim, sob a luz do sol poente, o profeta e o poeta caminhavam lado a lado, reconhecendo que, juntos, poderiam iluminar não apenas o horizonte, mas também os corações da aldeia. O futuro, agora, não era apenas uma promessa, mas uma tela em branco, onde cada um poderia pintar sua própria história, entrelaçando sonhos e realidades em uma dança harmoniosa.



A Verdadeira Face

Filemon Martins

(São Paulo/SP)

Da vida não quero a glória
que tanto engana e seduz.
Prefiro não ter história
a renunciar minha cruz.

Numa pequena vila, onde as montanhas se erguiam majestosas e os rios cantavam em seu leito, vivia um homem chamado Elias. Ele era um camponês simples, conhecido por sua generosidade e pela serenidade que exalava. Enquanto os outros aldeões se deixavam levar pela busca incessante por fama e riqueza, ele se dedicava a cultivar sua horta e cuidar de sua família. Para ele, a vida era uma jornada de aprendizado, e não uma corrida em busca de reconhecimento.

Certa vez, durante uma festa na aldeia, um viajante chegou, trazendo consigo histórias de grandes conquistas e glórias. Ele falava de palácios, tesouros e da admiração que recebia por onde passava. Os aldeões, fascinados, rodearam o homem e deixaram de lado suas atividades cotidianas. O viajante, percebendo a atenção que atraía, começou a incitar a ambição nas pessoas, sugerindo que a vida sem glória era uma vida sem valor.

Elias, que observava em silêncio, sentiu um desconforto crescente. Ele conhecia as armadilhas que a busca pela glória podia trazer. Não era a fama que deixava marcas na alma, mas a vivência honesta e autêntica de cada dia. Ao final do evento, ele se aproximou do viajante e, com um olhar calmo, disse: "Da vida não quero a glória que tanto engana e seduz. Prefiro não ter história a renunciar minha cruz."

O viajante riu, achando que o camponês falava de maneira ingênua. "Como pode não querer ser lembrado? A história é o que nos torna imortais!"

Elias, porém, não se deixou abalar. Ele sabia que a verdadeira imortalidade não estava em ser lembrado, mas em deixar uma marca no coração das pessoas ao seu redor, por meio de ações simples e significativas.

Com o passar dos dias, o viajante decidiu ficar na aldeia, convencendo alguns moradores a se juntarem a ele em sua busca por riqueza e fama. Prometeu que, juntos, poderiam conquistar o mundo e ser lembrados por gerações. Muitos se deixaram seduzir por suas promessas, abandonando suas terras e suas tradições em busca de um futuro glorioso.

Enquanto isso, Elias continuou sua vida simples, cuidando de sua horta e ajudando os vizinhos. Ele não se importava com o que os outros pensavam, pois sabia que a verdadeira felicidade residia nas pequenas coisas: o canto dos pássaros, o crescimento das plantas, o riso de uma criança. Ele carregava em seu coração o peso da cruz, mas essa cruz, longe de ser um fardo, era um símbolo de sua resiliência e de sua conexão com a vida.

O tempo passou e o viajante, junto com seus seguidores, partiu em busca de aventuras. Prometeu voltar com riquezas e histórias que deixariam todos deslumbrados. No entanto, meses se passaram sem notícias, e a vida na aldeia continuou seu curso. Aqueles que deixaram suas raízes começaram a sentir a falta do lar, da simplicidade e do calor humano que haviam abandonado.

Um dia, após um ano de ausência, o viajante voltou, mas não como um herói. Ele apareceu desolado, com roupas rasgadas e o olhar vazio. Os que estavam com ele o seguiam, mas seus rostos eram marcados pela fadiga e pela desilusão. O que havia prometido se revelou uma ilusão: a busca pela glória os levou a um caminho de frustração e solidão.

Elias, ao ver o viajante em tal estado, sentiu compaixão. Ele se aproximou e ofereceu-lhe água e comida. "A vida é um ciclo, e às vezes as escolhas que fazemos nos ensinam lições difíceis", disse.

O viajante, agora sem palavras de bravura, apenas assentiu, compreendendo a profundidade do que o camponês havia tentado lhe ensinar desde o início.

Aqueles que retornaram com o viajante, ao observar a simplicidade da vida de Elias, começaram a perceber o valor que havia em suas ações cotidianas. Eles se sentaram ao seu redor e ouviram suas histórias sobre como, mesmo sem fama, ele tocava a vida das pessoas ao seu redor. Ele falava sobre a importância de estar presente para os outros, de cultivar relacionamentos e de encontrar beleza nas pequenas coisas.

Com o tempo, a aldeia se transformou. As pessoas começaram a valorizar o que realmente importava: a comunidade, a solidariedade e a autenticidade. A busca pela glória deu lugar a um desejo de ser útil e de viver com propósito. A vida de Elias se tornou um exemplo, não de fama, mas de integridade.

O viajante, que antes acreditava que a glória era tudo, começou a entender que a verdadeira riqueza estava nas conexões que se formam ao longo da vida. Ele se tornou um contador de histórias, mas agora suas histórias eram sobre humildade, aprendizado e a beleza de uma vida bem vivida.

Elias, por sua vez, continuou a viver de acordo com suas convicções. Ele nunca se preocupou em deixar uma grande história como legado. Para ele, o que realmente importava era o amor que compartilhava e o impacto que tinha nas vidas ao seu redor. Ao final de seus dias, ele partiu em paz, sabendo que havia vivido plenamente, sem renunciar à sua cruz, mas sim abraçando-a como parte essencial de sua jornada.

E assim, nesta pequena vila, a verdadeira glória não estava nas histórias grandiosas, mas nas vidas que foram tocadas pela simplicidade, pela bondade e pela autenticidade de um homem que preferiu não se deixar seduzir pelas ilusões da fama.

Amores na Mocidade

Professor Francisco Garcia

(Caicó/RN)

Amores na mocidade!...
Depois, a contrapartida:
cansaço, dor e saudade
na curva extrema da vida!

Na pequena cidade de Flor do Campo, onde o sol sempre brilhava e as flores coloridas enfeitavam as ruas, vivia uma jovem chamada Nara. Em sua juventude, era conhecida por sua beleza radiante e sua risada contagiante. Ela sonhava com grandes amores, com aventuras que a levariam a lugares distantes e emocionantes. Ao lado de suas amigas, costumava passar as tardes discutindo sobre os romances que lia e imaginando o príncipe encantado que um dia aparecería em sua vida.

Certa manhã, enquanto caminhava pelo parque, encontrou um jovem chamado Lúcio. Ele era diferente de todos que conhecia: tinha um olhar profundo e um jeito tranquilo que a encantava. Os dois logo se tornaram inseparáveis, compartilhando risadas, sonhos e promessas de um futuro juntos. Os dias se transformaram em meses, e aqueles momentos de amor intenso pareciam eternos. Eles faziam planos, falavam sobre construir uma vida juntos e acreditavam que a felicidade seria infinita.

Contudo, com o passar do tempo, a paixão que os unia começou a se transformar. As diferenças entre eles se tornaram evidentes, e as pequenas desavenças que antes eram insignificantes começaram a se acumular. Lúcio, que sempre fora sonhador, agora se via pressionado a assumir responsabilidades que não desejava. Nara, por sua vez, aspirava por aventuras e desafios, enquanto ele buscava segurança e tranquilidade. O amor que antes parecia inabalável começou a fraquejar sob o peso das expectativas e da realidade.

Após alguns meses de tentativas frustradas de resolver suas diferenças, eles decidiram se separar.

O término foi doloroso, e ambos sentiram a perda de um futuro que acreditavam ser certo. Nara, em particular, sentiu uma onda de saudade que a envolveu como um manto pesado. As memórias dos

momentos felizes pareciam agora uma sombra do que poderia ter sido. A cidade que antes vibrava com as cores de sua juventude agora parecia mais cinzenta e solitária.

Com o passar do tempo, ela buscou consolo em novas amizades, mas a dor da perda permanecia. Percebeu que, apesar da beleza dos amores da mocidade, havia uma contrapartida que não se podia ignorar: o cansaço emocional, a dor da saudade e a sensação de que algo precioso havia sido deixado para trás. Ela começou a refletir sobre o que realmente significava o amor e como, muitas vezes, ele podia ser fugaz e decepcionante.

Anos se passaram, e ela se tornou uma mulher mais madura. Viveu novos relacionamentos, cada um trazendo suas próprias lições e desafios. Aprendeu a valorizar não apenas os momentos de alegria, mas também as dificuldades que moldavam seu caráter. As cicatrizes emocionais que carregava se tornaram parte de sua história, e ela começou a aceitar que o amor, em suas diferentes formas, é uma jornada repleta de altos e baixos.

Um dia, durante um passeio pelo parque, encontrou Lúcio novamente. Ambos estavam mais velhos, com marcas de vida que contavam histórias de amores e perdas. Eles se cumprimentaram com um sorriso tímido, lembrando-se da intensidade da juventude. A conversa fluiu naturalmente, e logo estavam rindo das lembranças que compartilhavam.

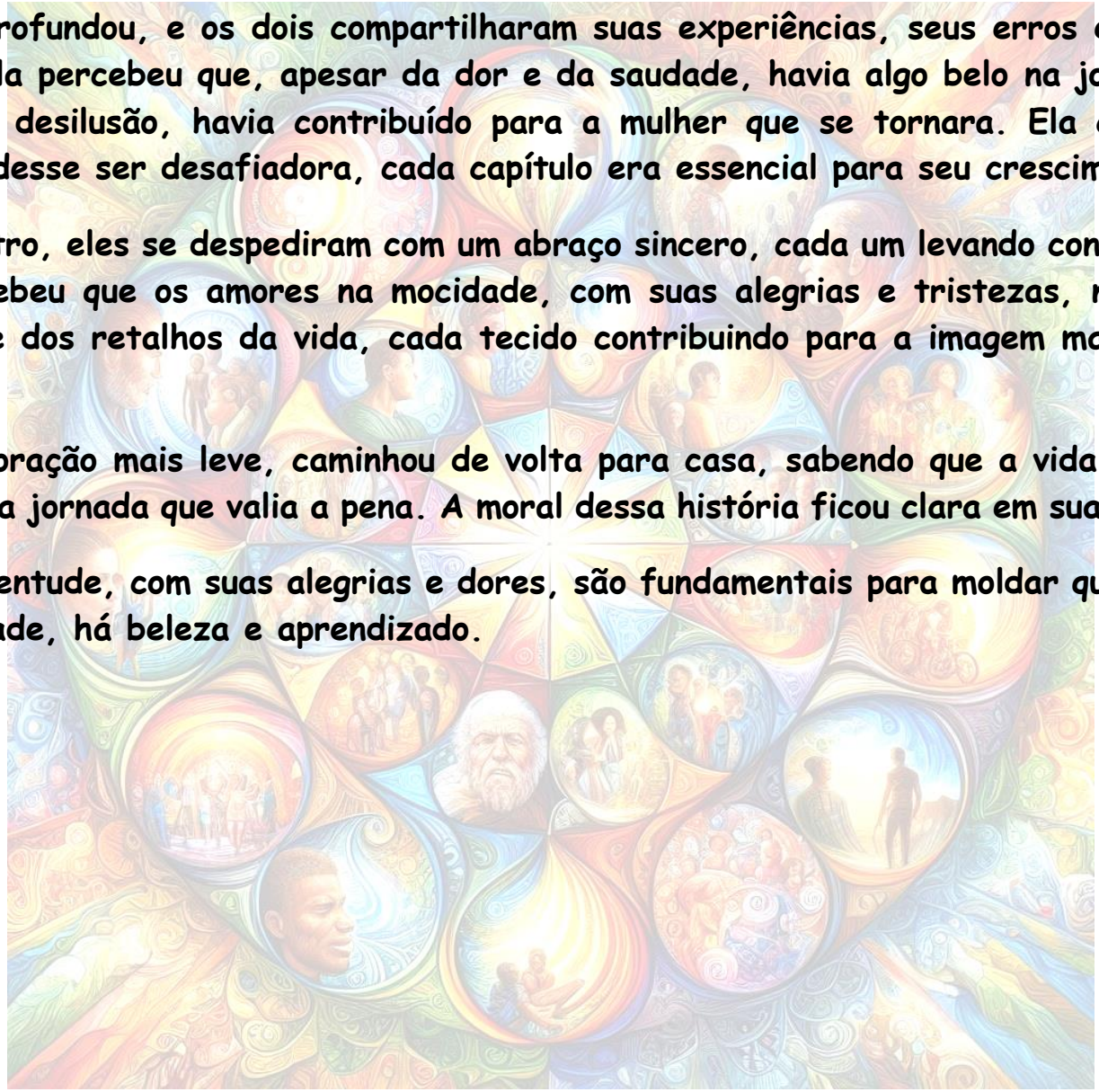
"Você se lembra daquele verão?", perguntou Nara, com um brilho nostálgico nos olhos. "Aquele em que prometemos que seríamos sempre felizes?" ele sorriu, mas havia uma tristeza em seu olhar. "Sim, eu me lembro. Mas a vida nos ensinou que a felicidade é feita de muito mais do que apenas promessas."

A conversa se aprofundou, e os dois compartilharam suas experiências, seus erros e aprendizados ao longo dos anos. Ela percebeu que, apesar da dor e da saudade, havia algo belo na jornada que vivera. Cada amor, cada desilusão, havia contribuído para a mulher que se tornara. Ela compreendeu que, embora a vida pudesse ser desafiadora, cada capítulo era essencial para seu crescimento.

Ao final do encontro, eles se despediram com um abraço sincero, cada um levando consigo uma sensação de paz. Ela percebeu que os amores na mocidade, com suas alegrias e tristezas, não eram em vão. Eles faziam parte dos retalhos da vida, cada tecido contribuindo para a imagem mais ampla de quem ela era.

E assim, com o coração mais leve, caminhou de volta para casa, sabendo que a vida, com suas curvas extremas, era uma jornada que valia a pena. A moral dessa história ficou clara em sua mente e coração:

Os amores da juventude, com suas alegrias e dores, são fundamentais para moldar quem nos tornamos, e mesmo na saudade, há beleza e aprendizado.



A Angústia da Noite

Wanda de Paula Mourthé

(Belo Horizonte/MG)

Esta angústia indefinida,
que sempre à noite me invade,
são sombras próprias da vida
ou disfarces da saudade?

Sempre que a noite se aproxima, uma sensação estranha começa a se instalar em meu peito. É uma angústia indefinida, como um sussurro distante que se transforma em grito à medida que a escuridão se intensifica. As luzes da cidade, que durante o dia vibram em cores e movimento, agora se tornam sombras longas e inquietantes. O dia, com suas distrações e compromissos, parece uma lembrança distante, e o silêncio da noite traz à tona tudo o que tentei esconder.

Às vezes, me pergunto se essa angústia é apenas uma parte da vida. São sombras próprias da existência humana, aquelas que vêm à tona quando nos encontramos sozinhos, com nossos pensamentos e medos? Ou seriam, na verdade, disfarces da saudade, vestígios de algo ou alguém que deixamos para trás? Essas questões dançam em minha mente enquanto a noite avança, como espectros que se recusam a se dissipar.

A saudade é uma palavra que carrega um peso imenso. Não se trata apenas de sentir falta de alguém; é uma mistura de amor, nostalgia e dor, um sentimento que se entranha nas fibras da nossa alma. É como um perfume que se espalha pelo ar, lembrando-nos de momentos passados, de risos compartilhados e lágrimas derramadas. Às vezes, a saudade aparece na forma de memórias felizes, outras vezes, como um eco triste de algo que não pode ser recuperado.

Na calada da noite, as sombras parecem se agigantar. Lembro-me de pessoas que passaram pela minha vida, de amores que se foram e de sonhos que não se realizaram. A escuridão se torna um espaço fértil para a reflexão, mas também para a dor. É nesse momento que percebo como a vida é efêmera, como tudo pode mudar em um instante. Um olhar, uma palavra, uma decisão, e tudo se transforma. A angústia que sinto não é apenas pela perda, mas pela inevitabilidade da mudança.

Os poetas muitas vezes falam sobre a noite como um tempo de introspecção e inspiração. Eles encontram beleza nas sombras, nas incertezas e nas perguntas sem respostas. Mas, para mim, a noite traz um peso que é difícil de suportar. A angústia se transforma em um companheiro incômodo, uma presença que não me deixa em paz. É como se as paredes do meu quarto se tornassem testemunhas silenciosas das minhas inquietações, absorvendo cada suspiro e cada lágrima que escorrega pelo rosto.

Certa vez, conversando com um amigo, compartilhei essa sensação. Ele, com a sabedoria de quem já viveu muitas noites insones, me disse que a angústia é, muitas vezes, um sinal de que estamos vivos. "É a nossa alma pedindo para ser ouvida", ele disse. "Quando a noite chega, somos forçados a confrontar o que está dentro de nós. A saudade, a dor, a alegria – tudo isso faz parte da experiência humana." Suas palavras ressoaram em mim como um refrão familiar, mas, àquela altura, eu ainda lutava para aceitar essa verdade.

Com o tempo, comecei a ver a angústia sob uma nova luz. Ela não era apenas um fardo; era também uma oportunidade de reflexão. A cada noite que passava, eu me permitia sentir, mesmo que isso significasse mergulhar em memórias dolorosas. Cada sombra se tornava uma chance de entender melhor a mim mesmo e ao que havia perdido. Descobri que a saudade não era uma inimiga, mas uma parte intrínseca do amor. Amar significa se abrir para a possibilidade da perda, e a saudade é um tributo a isso.

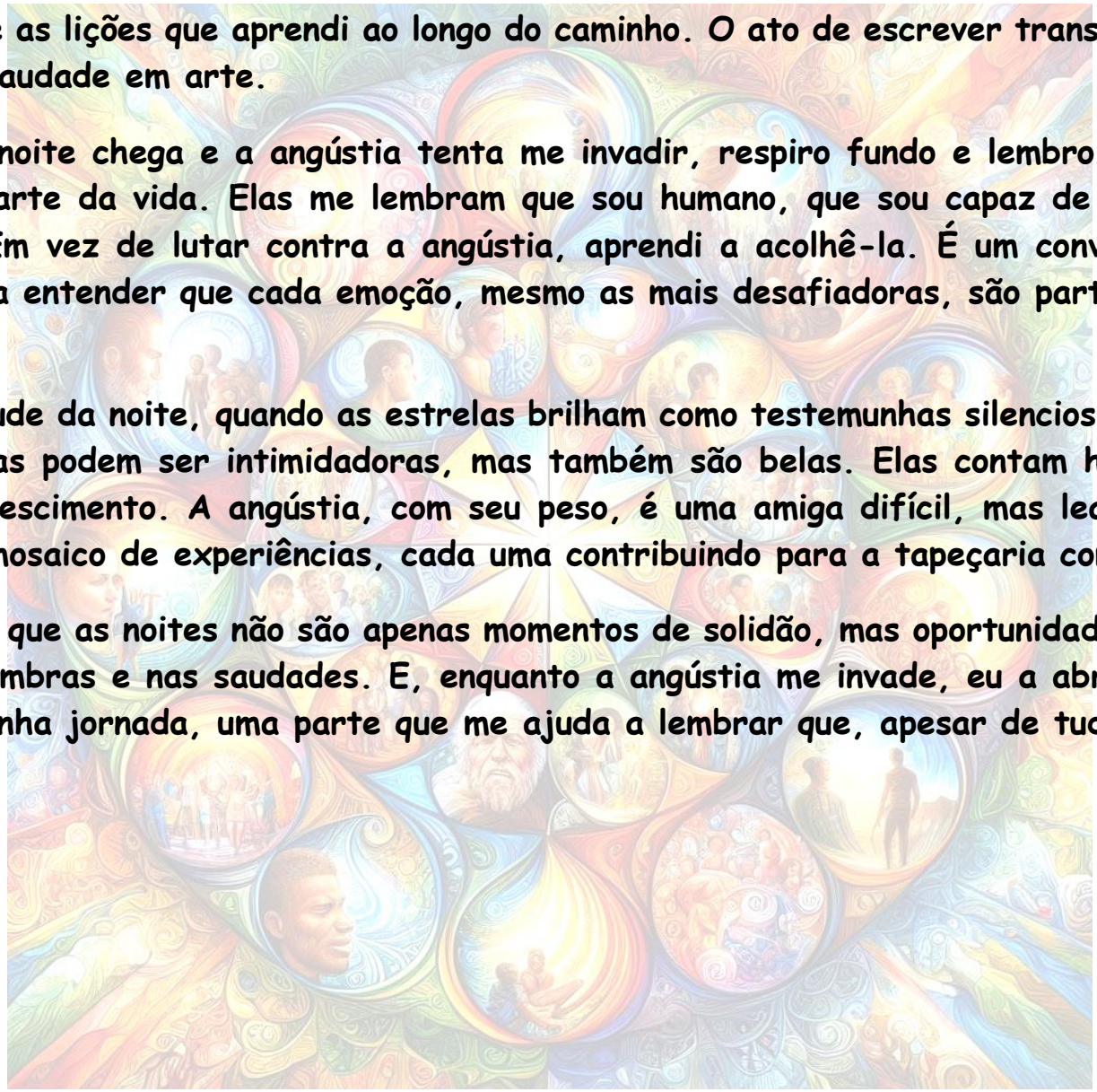
As noites se tornaram um espaço de aprendizado. Comecei a escrever. As palavras fluíam como um rio, levando com elas a dor e a angústia. As páginas se tornaram um refúgio, um lugar onde eu poderia colocar em palavras o que sentia. Escrevi sobre as pessoas que amei, sobre os momentos que me

marcaram e sobre as lições que aprendi ao longo do caminho. O ato de escrever transformou a angústia em criação, e a saudade em arte.

Agora, quando a noite chega e a angústia tenta me invadir, respiro fundo e lembro-me de que essas sombras fazem parte da vida. Elas me lembram que sou humano, que sou capaz de amar e de sentir profundamente. Em vez de lutar contra a angústia, aprendi a acolhê-la. É um convite para explorar meu interior, para entender que cada emoção, mesmo as mais desafiadoras, são parte do que significa viver plenamente.

E assim, na quietude da noite, quando as estrelas brilham como testemunhas silenciosas, eu me permito sentir. As sombras podem ser intimidadoras, mas também são belas. Elas contam histórias de amor, de perda e de crescimento. A angústia, com seu peso, é uma amiga difícil, mas leal, que me lembra que a vida é um mosaico de experiências, cada uma contribuindo para a tapeçaria complexa que sou.

No final, percebo que as noites não são apenas momentos de solidão, mas oportunidades para encontrar significado nas sombras e nas saudades. E, enquanto a angústia me invade, eu a abraço, sabendo que ela é parte de minha jornada, uma parte que me ajuda a lembrar que, apesar de tudo, estou vivo.



O Coração Sonhador

Therezinha Dieguez Brisolla

(São Paulo/SP)

Envergonhado e sem jeito,
meu coração sonhador
conserta o ninho desfeito
enquanto espera outro amor!

Em uma pequena cidade à beira do mar, onde as ondas sussurravam segredos e o sol se despedia em cores vibrantes, vivia um jovem chamado Rafael. Ele era conhecido por seu espírito sonhador e sua sensibilidade à flor da pele. Com seus cabelos bagunçados e um olhar que carregava a luz do horizonte, Rafael caminhava pelas ruas da cidade com um caderno sempre à mão, onde anotava pensamentos, poesias e fragmentos de suas esperanças.

Ele acreditava no amor como algo mágico, um laço que transcende a lógica e as barreiras do cotidiano. Desde pequeno, ele sonhara em encontrar sua alma gêmea, aquela pessoa que faria seu coração bater mais forte e transformaria sua vida em uma aventura. Porém, a realidade o havia ensinado que os amores nem sempre são eternos. Recentemente, ele havia passado por um término doloroso com Lúcia, uma jovem que iluminou sua vida como poucos. A separação foi abrupta, deixando um ninho desfeito em seu coração, repleto de memórias e promessas não cumpridas.

Sentado em seu quarto, cercado por livros e poemas, Rafael sentia-se envergonhado e sem jeito. A dor da perda ainda pulsava em seu peito, mas, ao mesmo tempo, havia uma chama de esperança que se recusava a se apagar. Ele sabia que precisava consertar o ninho que havia se desfeito, não apenas para curar suas feridas, mas também para se abrir a novas possibilidades. O amor poderia ser um ciclo, e ele estava determinado a não deixar que o medo do fracasso o impedisse de voar novamente.

Os dias passaram, e ele começou a se dedicar a si mesmo, a recuperar o que havia se perdido na relação anterior. Ele se permitiu sentir a dor, mas também se permitiu sonhar. Começou a frequentar uma nova cafeteria na cidade, um lugar aconchegante e repleto de pessoas criativas. Ali, entre risos e conversas, ele começou a se abrir para o mundo. O cheiro do café fresco e o som das xícaras se chocando criavam um ambiente acolhedor, onde ele podia se perder em pensamentos e anotações.

Em uma dessas manhãs ensolaradas, enquanto rabiscava algumas linhas de poesia, uma jovem entrou na cafeteria. Seu nome era Raquel, e sua presença iluminou o ambiente. Ela tinha um sorriso contagiante e um olhar curioso, que imediatamente capturou a atenção de Rafael. Eles começaram a conversar, e, a cada trocadilho e risada, ele sentia seu coração despertar lentamente. Era como se ele estivesse consertando seu ninho desfeito, colocando de volta cada pedaço que havia se espalhado com a dor da separação.

Raquel e Rafael começaram a se encontrar regularmente, trocando histórias sobre suas vidas, sonhos e desejos. A conexão entre eles cresceu de maneira orgânica, como uma planta que se adapta ao ambiente. Rafael se sentia mais vivo e mais inspirado do que nunca. Ele redescobriu a alegria de escrever, agora fluindo com versos que falavam sobre recomeços e a beleza de se abrir novamente para o amor.

No entanto, mesmo com a felicidade renascente, Rafael não conseguia esquecer completamente Lúcia. A saudade ainda o acompanhava em momentos de solidão, e ele se perguntava se estava sendo justo com Ana ao permitir que essa sombra ainda existisse em seu coração. Era um dilema que o deixava angustiado: como poderia amar plenamente outra pessoa se ainda havia espaços ocupados por memórias passadas?

Uma noite, enquanto caminhava pela praia com Raquel, ele decidiu que era hora de ser honesto. Com o som das ondas como pano de fundo, ele compartilhou suas inseguranças. "Raquel, eu estou tão feliz por estar aqui com você, mas preciso te contar que ainda sinto a falta de minha ex. É um sentimento que não sei como lidar, e temo que isso possa afetar o que estamos construindo juntos."

A brisa do mar trouxe um silêncio momentâneo, e Rafael sentiu seu coração apertar.

Ela olhou para ele com compreensão: "Rafael, é normal carregar algumas bagagens, mas o que importa é o que decidimos fazer com elas. O amor não é uma competição; é um espaço onde podemos crescer juntos. Se você está disposto a abrir seu coração para mim, estarei aqui, ao seu lado."

Suas palavras foram como um bálsamo para as feridas dele. Percebeu que, embora as sombras do passado ainda estivessem presentes, a luz do novo amor poderia iluminá-las.

Com o passar do tempo, ele aprendeu a equilibrar seus sentimentos. Ele não precisava apagar Lúcia de sua memória, mas poderia permitir que Raquel ocupasse um lugar especial em seu coração. A cada encontro, a cada conversa, seu ninho se tornava mais forte, mais acolhedor. Ele dedicou-se a construir uma nova história, onde o amor não era uma substituição, mas uma continuidade.

O que começou como uma angústia se transformou em um aprendizado profundo sobre amor, perda e renovação. Rafael percebeu que a vida é feita de ciclos, e cada amor traz suas lições. Ele aprendeu a olhar para suas experiências não como fardos, mas como parte da bela tapeçaria que compõe sua existência.

E assim, enquanto o sol se desvanecia no ocaso em mais um dia, ele sentiu seu coração sonhador pulsar com uma nova esperança. Sabia que estava em um caminho de cura, e que, enquanto consertava seu ninho desfeito, estava também se preparando para voar mais alto. Afinal, o amor verdadeiro não se apaga; ele se transforma, se adapta e, na maioria das vezes, nos ensina a amar de uma maneira ainda mais profunda.

O Jogo das Ilusões

Solange Colombara

(São Paulo/SP)

O mentiroso pensou
ter enganado a donzela...
Por interesse casou,
mas quem o enganou, foi ela!

Na pitoresca vila de São Lucas, onde as casas coloridas se alinhavam como um arco-íris e as flores perfumavam o ar, havia um jovem chamado Álvaro. Ele era charmoso e tinha um sorriso que derretia corações. No entanto, por trás daquela fachada encantadora, Álvaro carregava um segredo: ele era um mentiroso contumaz. Sua habilidade de enganar os outros era quase uma arte, e ele usava isso para conseguir o que desejava.

Certa vez, durante uma festa à beira do rio, Álvaro conheceu Isabela, uma donzela de beleza estonteante e inteligência aguçada. Desde que se olharam pela primeira vez, ele ficou fascinado. Isabela não era apenas uma moça qualquer, ela tinha uma aura de mistério e uma sagacidade que o intrigava.

Mas, como sempre, Álvaro viu em Isabela uma oportunidade. Ele decidiu que a conquistaria não por amor, mas por interesse: seu pai, um próspero comerciante, possuía uma fortuna considerável.

Álvaro começou a cortejá-la, usando todo o seu charme e persuasão. Ele contava histórias fantásticas sobre suas viagens, suas conquistas e seus planos grandiosos para o futuro. Isabela, no entanto, era mais esperta do que ele imaginava. Embora se sentisse lisonjeada pela atenção, ela percebia que havia algo de superficial nas promessas dele. Mas o jogo de sedução a divertia, e ela decidiu seguir na dança.

Com o decorrer dos meses, ele foi se envolvendo cada vez mais com Isabela, mas sempre com um pé atrás. Ele a via como um meio para alcançar seus objetivos. Quando finalmente pediu sua mão em casamento, ele estava convencido de que tinha enganado a moça.

Casaram-se em uma cerimônia belíssima, rodeados por amigos e familiares, e Álvaro não podia deixar de pensar o quanto foi bem sucedido o seu plano.

No entanto, a verdadeira trama começou a se desenrolar após o casamento. Isabela, que parecia ser a moça ingênua que ele pensava ter enganado, revelou-se uma mulher astuta e determinada. Ela não era apenas uma herdeira de um grande patrimônio, era também uma empresária perspicaz, bem informada sobre os negócios de seu pai e sobre como o mundo funcionava. Aos poucos, ela começou a perceber que Álvaro não era o homem que ele havia pintado em suas histórias.

Certa noite, enquanto ele se gabava de seus "feitos" em uma conversa, Isabela decidiu dar o troco. Com um sorriso enigmático, ela começou a contar histórias sobre suas próprias "aventuras". Falou sobre como havia viajado por terras distantes, feito investimentos inteligentes e se envolvido em negócios lucrativos.

Álvaro, que estava acostumado a ser o centro das atenções, começou a se sentir desconfortável. Ele percebeu que Isabela não era uma moça desavisada, mas uma mulher que poderia, de fato, ser sua parceira em vez de apenas um troféu.

As semanas se passaram, e ele se viu cada vez mais encurralado. Ela começou a administrar os bens do casal com uma habilidade que ele nunca imaginara. As histórias de suas "aventuras" se tornaram realidade, e logo ele percebeu que sua esposa era mais do que apenas uma herdeira: ela era uma força a ser reconhecida. O que ele via como uma conquista se transformou em um desafio, e a verdade começou a emergir.

Certa manhã, enquanto Álvaro revisava as contas da casa, encontrou um documento que o deixou intrigado. Era um contrato de sociedade que Isabela havia assinado com um grupo de investidores. Ao ler os detalhes, percebeu que ela não apenas conhecia o valor do dinheiro, mas também sabia como

multiplicá-lo. O que ele pensava ser uma vida de luxo às custas da fortuna dela se tornara uma parceria em que ele não tinha controle.

Com o passar do tempo, a confiança que ele tinha em sua própria capacidade de manipulação começou a desmoronar. Sentia-se cada vez mais impotente e, em suas tentativas de manter a aparência de um marido bem sucedido, começou a mentir indiscriminadamente. Mas, para a sua surpresa, ela estava sempre um passo à frente. Sabia de suas mentiras e, em vez de confrontá-lo de imediato, decidiu usar isso a seu favor.

Certa noite, enquanto Álvaro tentava impressionar os amigos em um jantar, ele começou a contar uma história que envolvia uma conquista de negócios que, na verdade, nunca havia acontecido. Isabela, com um sorriso no rosto, interrompeu-o. "Álvaro, você se esqueceu de mencionar aquele investimento que fizemos juntos, não é? O que você está contando é um pouco diferente da realidade."

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Os amigos de Álvaro trocaram olhares confusos, e ele percebeu que a máscara estava prestes a cair.

A partir daquele momento, ela começou a tomar as rédeas da situação. Ela não fez um escândalo, em vez disso, usou sua inteligência e astúcia para transformar a dinâmica do relacionamento. Com um jeito gentil, mas firme, começou a fazer com que Álvaro percebesse o valor da honestidade. Ele, que pensava ter enganado a moça, agora se via engolido por suas próprias mentiras.

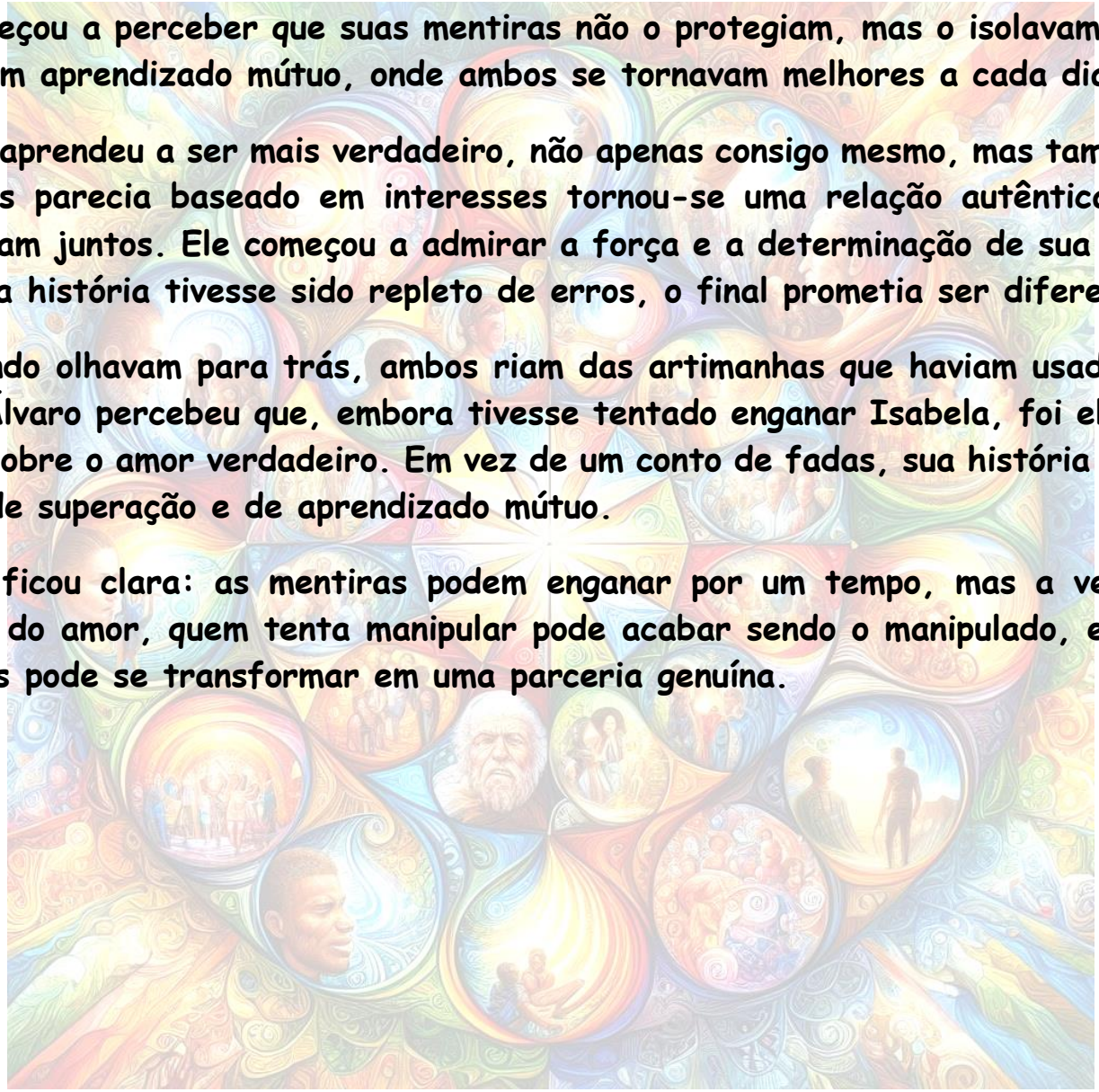
Isabela não apenas se tornou a administradora dos bens do casal, mas também a mentora de Álvaro. Com paciência e compreensão, ela o ensinou sobre a importância da transparência, da verdade e da

parceria. Ele começou a perceber que suas mentiras não o protegiam, mas o isolavam. A vida a dois se transformou em um aprendizado mútuo, onde ambos se tornavam melhores a cada dia.

Com o tempo, ele aprendeu a ser mais verdadeiro, não apenas consigo mesmo, mas também com Isabela. O amor que antes parecia baseado em interesses tornou-se uma relação autêntica, onde ambos se apoiavam e cresciam juntos. Ele começou a admirar a força e a determinação de sua esposa, e, mesmo que o início de sua história tivesse sido repleto de erros, o final prometia ser diferente.

Anos depois, quando olhavam para trás, ambos riam das artimanhas que haviam usado no início de seu relacionamento. Álvaro percebeu que, embora tivesse tentado enganar Isabela, foi ela quem realmente o havia ensinado sobre o amor verdadeiro. Em vez de um conto de fadas, sua história era uma narrativa de crescimento, de superação e de aprendizado mútuo.

E assim, a lição ficou clara: as mentiras podem enganar por um tempo, mas a verdade sempre se revela. Na dança do amor, quem tenta manipular pode acabar sendo o manipulado, e o que parece um jogo de interesses pode se transformar em uma parceria genuína.



À Sombra do Lago

Edy Soares

(Vila Velha/ES)

Lembrança doce e singela
enchendo o peito de afago:
eu e meu pai na pinguela,
jogando pedras no lago...

Na pequena cidade de Fragatópolis, havia um lago que parecia ter saído de um conto de fadas. Suas águas eram calmas e refletiam o céu azul em dias ensolarados, enquanto as árvores em volta dançavam suavemente ao vento. Era um lugar mágico, onde as crianças corriam livres e as memórias se formavam como nuvens no céu. Para mim, o lago era mais do que um simples corpo d'água; era um espaço sagrado, um refúgio de lembranças que guardava momentos preciosos ao lado do meu pai.

Certa tarde de verão, quando eu ainda era uma criança, meu pai decidiu que era hora de me levar até a pinguela, uma pequena ponte de madeira que se estendia sobre o lago. Ele sempre dizia que aquele era o melhor lugar para jogar pedras na água e ver as ondas se espalharem como um abraço de boas-vindas. Com um sorriso no rosto, peguei sua mão e seguimos juntos pela trilha que levava ao nosso destino.

A pinguela, com suas tábuas desgastadas pelo tempo, rangia sob nossos pés, mas para mim era um som familiar, como uma canção que só nós dois conhecíamos. Meu pai, com seu chapéu de palha e seu jeito despreocupado, era a personificação da alegria. Ele me ensinou a escolher as pedras mais lisas, aquelas que pulavam na superfície da água. "Olhe bem, meu filho. A pedra precisa ter o formato certo. E você deve arremessá-la com confiança", ele dizia, enquanto eu o observava com admiração.

Nosso ritual de jogar pedras era mais do que uma simples brincadeira; era um momento de conexão. Cada pedra que lançávamos parecia levar consigo um pedaço de nossas preocupações e medos. Eu me lembrava de como meu pai ria quando uma pedra pulava várias vezes antes de se afundar. "Veja! Essa foi uma campeã!", ele exclamava, e eu ria junto, sentindo a felicidade vibrar em meu peito.

Naquele dia, enquanto jogávamos pedras, ele começou a contar histórias de sua infância. Falou sobre os verões que passara pescando com seu pai e como ele mesmo tinha aprendido a escolher as melhores

pedras. A cada risada, a cada história compartilhada, meu coração se enchia de afeto. A presença do meu pai era um abrigo seguro, e nada parecia mais importante do que aqueles momentos simples à beira do lago.

Com o passar do tempo, fui crescendo, e as responsabilidades da vida começaram a se acumular. A escola, os amigos, e mais tarde, o trabalho, foram ocupando meu tempo e minha mente. As visitas ao lago tornaram-se menos frequentes, e a pinguela, uma doce lembrança da infância, foi se tornando apenas uma imagem distante. Mas, em meu coração, eu sabia que aquelas memórias estavam guardadas como um tesouro inestimável.

Anos depois, ao receber a notícia de que meu pai não estava bem, uma onda de nostalgia me invadiu. Eu me lembrei da pinguela, das pedras e das risadas. Naquele momento, percebi que precisava voltar àquele lugar que tanto significava para nós. Assim que pude, organizei uma viagem para Ribeirão Verde.

Chegando lá, encontrei o lago como eu o lembrava, mas a pinguela parecia ter envelhecido. As tábuas estavam mais desgastadas, e o vento parecia sussurrar histórias do passado. Com o coração apertado, me aproximei da beira da água e, por um instante, fechei os olhos. As memórias vieram à tona como se eu estivesse lá novamente, lançando pedras com meu pai, rindo e aprendendo sobre a vida.

Sentei-me na beira do lago, e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu sabia que precisava de um momento de conexão, mesmo que meu pai não estivesse fisicamente presente. Compreendi que as memórias que guardava eram o verdadeiro legado dele. Com um gesto automático, peguei algumas pedras do chão e comecei a jogá-las na água, como fazíamos antes. Cada arremesso trazia de volta um fragmento do passado, um eco das risadas e das lições.

Neste reencontro com o lago, percebi que, embora meu pai não estivesse mais ao meu lado, ele continuava vivo nas lembranças doces e singelas que preenchiam meu peito. Ele havia me ensinado a importância de valorizar os momentos simples, de encontrar alegria nas pequenas coisas, e naquele dia, ao jogar pedras, eu sentia sua presença como se ele estivesse me guiando novamente.

Enquanto o sol se punha no horizonte, tingindo o céu de laranja e rosa, percebi que a vida era feita de ciclos. Embora a dor da ausência fosse aguda, as lembranças eram um bálsamo que aliviava a saudade. Com cada pedra que lançava, eu dizia um silencioso "obrigado" ao meu pai, por todas as lições e por cada momento que compartilhamos.

Aquela tarde no lago me trouxe paz. Compreendi que a pinguela, as pedras e o lago eram mais do que apenas um cenário; eram símbolos da relação que tivemos e do amor que ainda vive em mim. Ao sair daquele lugar, levei comigo uma nova certeza: mesmo na ausência física, as memórias permanecem vivas, e o amor nunca se apaga.

E assim, ao voltar para casa, meu coração estava mais leve. Eu sabia que, sempre que precisasse, poderia retornar àquela pinguela, onde as lembranças doces e singelas enchiam meu peito de afago, lembrando-me de que, mesmo na solidão, nunca estamos realmente sozinhos.

A Tempestade e a Jornada

Jerson Lima de Brito

(Porto Velho/ RO)

Não tema sua jornada
se o céu estiver cinzento
que às vezes a trovoada
faz parte do ensinamento!

Numa pequena cidade, onde as colinas se encontravam com o céu em um abraço eterno, a vida seguia seu curso tranquila, mas repleta de desafios. Os moradores daquela cidade eram conhecidos por sua resiliência e força de espírito. No entanto, havia um jovem chamado Matheus que frequentemente se deixava abater pelas nuvens cinzentas que pareciam pairar sobre sua vida.

Matheus era um sonhador. Desde criança, alimentava grandes aspirações: queria ser escritor. Suas histórias eram recheadas de aventuras e heróis, mas, à medida que crescia, as incertezas começaram a envolvê-lo. Ele se via diante de um dilema: como transformar seus sonhos em realidade em meio às dificuldades do dia a dia? A pressão para ter um emprego estável, a expectativa da família e o medo do fracasso o deixavam angustiado.

Em uma tarde particularmente nublada, Matheus decidiu que precisava de um tempo para pensar. Pegou seu caderno e saiu em direção ao parque da cidade, um lugar que sempre o inspirava. À medida que caminhava, o céu escurecia, e um vento forte começou a soprar. Ele hesitou, mas a necessidade de encontrar respostas o levou adiante. Ao chegar ao parque, sentou-se em um banco sob uma árvore frondosa e começou a escrever.

Enquanto suas ideias fluíam, ele percebeu que as nuvens no céu estavam se acumulando, e logo a chuva começou a cair. No início, as gotas eram suaves, quase como um sussurro. Mas, em poucos minutos, a tempestade se intensificou, e o que antes era uma leve garoa transformou-se em uma verdadeira trovoada. Ele se viu preso, sem abrigo, e um sentimento de desespero começou a tomar conta dele.

No entanto, em meio ao caos, algo inesperado aconteceu. Ele observou as gotas de chuva batendo nas folhas, criando uma melodia única, um ritmo que parecia dançar com a natureza. As árvores, que antes

pareciam temerosas, agora se erguiam majestosas, como se estivessem celebrando a tempestade. Sentiu uma onda de inspiração. Em vez de se deixar levar pelo medo, decidiu se entregar àquele momento.

Com o caderno em mãos, começou a escrever freneticamente. As palavras fluíam como a chuva, e ele percebeu que a tempestade não era um obstáculo, mas uma oportunidade. A trovoada trazia consigo um ensinamento profundo sobre a vida: os desafios e as dificuldades são partes inevitáveis da jornada. Cada gota de chuva, cada relâmpago, representava uma lição, uma chance de crescimento.

Quando a tempestade finalmente começou a se dissipar, ele sentiu-se renovado. Olhou para o céu, que agora começava a clarear, e sorriu. As nuvens cinzentas não eram apenas um símbolo de desespero, mas também de transformação. Percebeu que, assim como a natureza, sua vida também passaria por fases, com momentos de sol e momentos de chuva. E que não deveria temer esses momentos difíceis, pois eram eles que o moldavam, que lhe ensinavam a ser forte e resiliente.

Ao voltar para casa, Matheus sentiu-se leve. Ele sabia que o caminho à sua frente ainda seria repleto de desafios, mas estava determinado a enfrentá-los de cabeça erguida. A trovoada daquela tarde se tornara um marco em sua jornada, um lembrete de que o crescimento muitas vezes vem das experiências mais difíceis.

A vida, assim como o tempo, é cheia de surpresas. Não devemos temer a jornada, mesmo quando o céu estiver cinzento, pois às vezes a trovoada faz parte do ensinamento. E são essas tempestades que nos preparam para os dias ensolarados, nos ensinando a valorizar cada raio de sol que brilha em nossas vidas.

O Sonho do Poeta

Carolina Ramos

(Santos/SP)

Sofredor desde menino
e tendo o sonho por meta
quis saber qual seu destino
diz-lhe o cigano: - Poeta!

Numa pequena cidade do interior de São Paulo, onde as ruas de paralelepípedos contavam histórias de tempos passados, havia um menino chamado Odair. Desde muito jovem, ele se sentia diferente dos outros. Enquanto seus amigos se divertiam jogando futebol ou brincando na rua, ele passava horas observando as nuvens, sonhando acordado e escrevendo os sentimentos que brotavam de sua alma. Era um sonhador, um poeta em formação, mesmo que as palavras ainda não tivessem encontrado seu lugar nas páginas de um caderno.

Ele cresceu em uma família simples, onde o sofrimento e as dificuldades eram companheiros constantes. Seu pai, um trabalhador incansável, lutava para sustentar a família, enquanto sua mãe, sempre otimista, tentava encontrar a beleza nas pequenas coisas do dia a dia. Desde menino, Odair aprendeu que a vida era uma jornada repleta de desafios, mas seu coração pulsava com a esperança de que os sonhos poderiam, um dia, se transformar em realidade.

Certa manhã, enquanto caminhava pela feira da cidade, viu um grupo de pessoas reunidas em torno de um homem distinto, vestido com roupas coloridas e adornos brilhantes. Era um cigano, conhecido por suas previsões e sabedoria. A curiosidade tomou conta delel, e se aproximou para ouvir o que o homem tinha a dizer. Os murmúrios da multidão eram cheios de expectativa, e o cigano parecia ter uma aura mágica que atraía todos a ele.

Quando chegou sua vez, Odair, nervoso, pediu ao cigano que lhe dissesse qual era seu destino. O homem olhou fundo em seus olhos, como se estivesse penetrando em sua alma. Após um longo silêncio, ele sorriu e disse: "Sofredor desde menino e tendo o sonho por meta, quis saber qual seu destino. E eu lhe digo: Poeta!"

Aquelas palavras ecoaram na mente de Odair como um tambor distante. Ele não sabia ao certo o que o cigano queria dizer, mas algo dentro dele se acendeu. O sonho que sempre carregou como um fardo agora se apresentava como uma identidade. Ser poeta era mais do que escrever; era uma forma de viver, de transformar o sofrimento em arte. Sentiu que, de alguma forma, aquele encontro mudaria sua vida para sempre.

Após a feira, ele passou a dedicar-se ainda mais à sua escrita. Cada dor, cada alegria, cada momento de sua vida se tornava um verso, uma estrofe, uma canção. Ele escrevia sobre as lutas de sua família, as belezas do cotidiano, os amores perdidos e as esperanças renovadas. Com o passar do tempo, suas palavras começaram a ganhar vida própria, como se estivessem aguardando o momento certo para florescer.

Porém, a jornada do poeta não era fácil. Odair enfrentou a rejeição de editoras, a crítica de pessoas que não compreendiam sua arte e, por vezes, até a falta de inspiração. Mas, mesmo nos momentos de desânimo, ele se lembrava das palavras do cigano. O sonho de ser poeta era sua meta, e ele não poderia desistir. Assim, continuou a escrever, mesmo quando as palavras pareciam se esconder nas sombras.

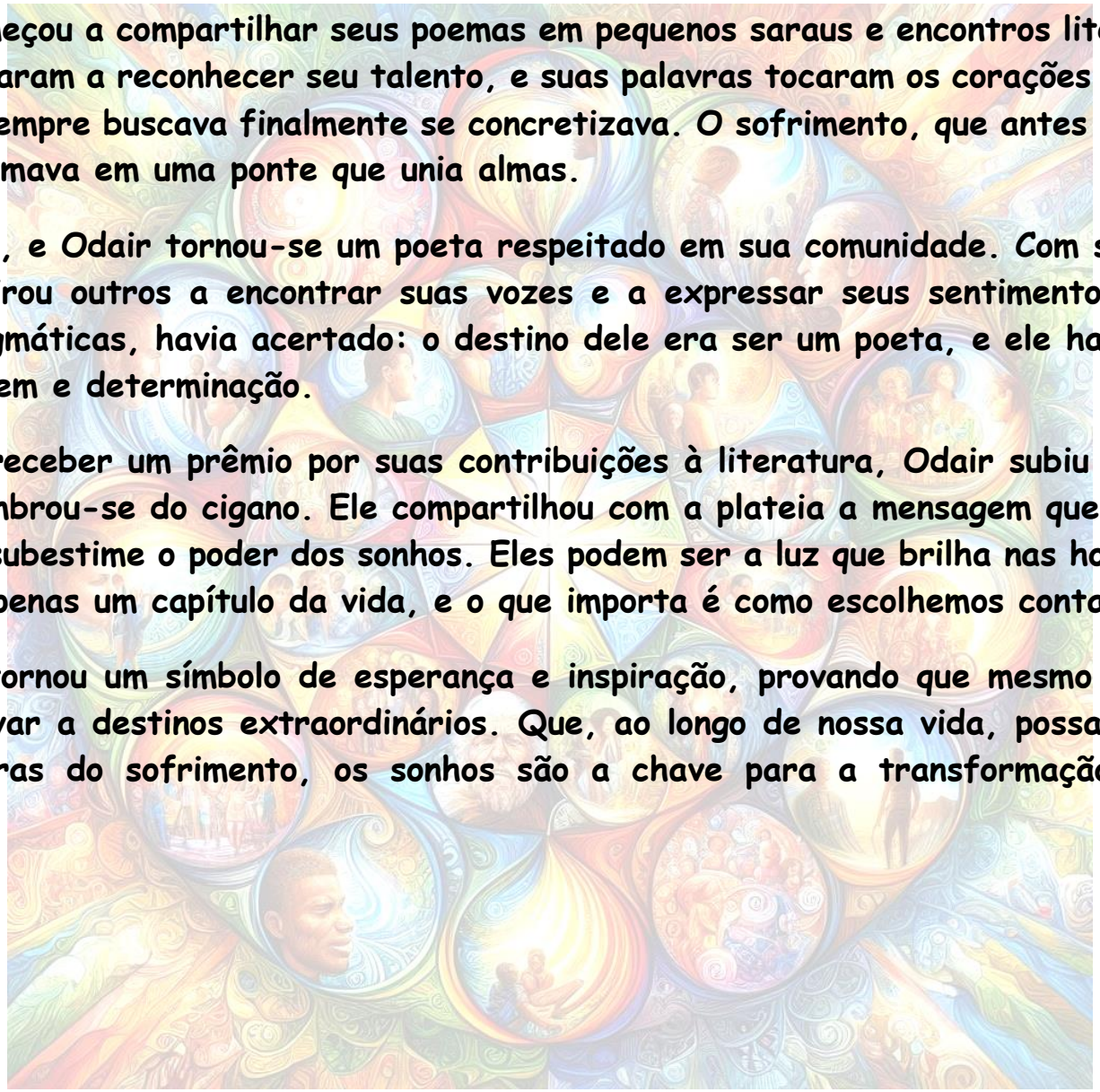
Certa noite, enquanto caminhava à beira do lago que tanto amava, sentou-se à sombra de uma árvore e refletiu sobre sua vida. Ele olhou para a superfície da água, que refletia a luz da lua, e sentiu uma onda de gratidão. As dificuldades que enfrentara o tornaram mais forte, mais sensível ao mundo ao seu redor. Ele entendeu que a dor e o sofrimento são partes essenciais da vida, moldando não apenas quem somos, mas também a arte que criamos.

Com o tempo, começou a compartilhar seus poemas em pequenos saraus e encontros literários na cidade. As pessoas começaram a reconhecer seu talento, e suas palavras tocaram os corações de muitos. Aquela conexão que ele sempre buscava finalmente se concretizava. O sofrimento, que antes parecia um fardo, agora se transformava em uma ponte que unia almas.

Anos se passaram, e Odair tornou-se um poeta respeitado em sua comunidade. Com suas publicações e leituras, ele inspirou outros a encontrar suas vozes e a expressar seus sentimentos. O cigano, com suas palavras enigmáticas, havia acertado: o destino dele era ser um poeta, e ele havia cumprido essa missão com coragem e determinação.

Certa tarde, ao receber um prêmio por suas contribuições à literatura, Odair subiu ao palco e, antes de agradecer, lembrou-se do cigano. Ele compartilhou com a plateia a mensagem que sempre guiou sua jornada: "Nunca subestime o poder dos sonhos. Eles podem ser a luz que brilha nas horas mais escuras. O sofrimento é apenas um capítulo da vida, e o que importa é como escolhemos contar nossa história."

E assim, ele se tornou um símbolo de esperança e inspiração, provando que mesmo as jornadas mais difíceis podem levar a destinos extraordinários. Que, ao longo de nossa vida, possamos lembrar que, mesmo nas sombras do sofrimento, os sonhos são a chave para a transformação e a verdadeira realização.



Mais um Adeus

Eliana Palma

(Maringá/PR)

Adeus com dores combina,
adeus inspira piedade.
Adeus de amor, triste sina
de quem vive de saudade!

O sol estava se pondo em Maringá, tingindo o céu de laranja e rosa, como se o próprio dia estivesse se despindo para dar lugar à noite. As ruas começavam a se esvaziar, e o movimento frenético do centro da cidade diminuía, dando espaço a um silêncio que parecia carregar a melancolia de tantos "adeus" que haviam sido ditos ao longo dos anos. Em cada esquina, um pedaço de história, um resquício de amor ou amizade, ecoava na memória dos que por ali passavam.

Naquela tarde, Maria, uma jovem de cabelos cacheados e olhos brilhantes, caminhava pela Avenida XV de Novembro. Seu coração pulsava descompassado. Ela sabia que estava prestes a se despedir de Humberto, seu primeiro amor, que decidira se mudar para outra cidade em busca de novas oportunidades.

O anúncio da partida havia caído sobre ela como uma tempestade de verão: repentino e avassalador.

"Quando você vai embora mesmo?", ela perguntou, tentando esconder a tristeza na voz.

Humberto, com um sorriso nostálgico, respondeu que partiria na manhã seguinte. O que era uma nova chance para ele, tornava-se um abismo para ela. O amor, que havia sido uma doce melodia, agora era um lamento que ecoava pelas ruas de Maringá.

Enquanto Maria caminhava, lembranças dançavam em sua mente. O primeiro encontro no Parque do Ingá, com suas árvores majestosas e o perfume das flores. As tardes passadas em um banco à sombra, onde eles trocavam promessas e risadas, como se o mundo ao redor não existisse. E agora, todas aquelas memórias pareciam pesadas, como se cada risada carregasse um peso insuportável.

O "adeus" que se aproximava era uma verdadeira sina. Maria sentia o coração apertar ao pensar nas despedidas que já havia vivido — a partida do pai para o exterior, a saída da melhor amiga que se mudara para a capital, as idas e vindas da vida. Cada adeus trazia consigo um rastro de saudade, e ela se perguntava se um dia aprenderia a lidar com isso.

Na esquina da Avenida XV com a Avenida São Paulo, um grupo de amigos se despedia. Riam e se abraçavam, mas Maria percebia que, por trás das risadas, havia um fundo de tristeza. O "adeus" sempre vinha acompanhado de uma sombra. "Adeus com dores combina, adeus inspira piedade", pensou. As despedidas em Maringá eram como melodias que se repetiam, sempre com a mesma harmonia triste.

Com o coração pesado, ela decidiu encontrar Humberto uma última vez. Dirigiu-se ao café onde costumavam ir, um pequeno lugar aconchegante, com mesas de madeira e um cheiro inconfundível de café fresco. Ao entrar, avistou Humberto na mesa do canto, olhando pela janela. Ele parecia distante, perdido em pensamentos, e Maria percebeu que ele também estava sentindo o peso da partida.

— Oi, você veio! — Ele sorriu, mas a alegria não alcançou seus olhos.

— Precisamos conversar — disse Maria, sentando-se à sua frente.

O clima estava carregado, e as palavras pareciam não querer sair. O garçom trouxe os pedidos, mas o café esfriou enquanto eles trocavam olhares que falavam mais do que mil palavras.

— Eu não sei como vou lidar com isso — ela finalmente desabafou. — Vai ser tão difícil te ver partir.

— Eu também não sei, Maria. É como se estivéssemos vivendo um sonho e agora temos que acordar. — ele hesitou. — Mas isso não significa que o que tivemos não foi real.

A conversa fluiu entre risos nervosos, lembranças e promessas de que tudo ficaria bem. Mas, no fundo, ambos sabiam que a vida os levaria por caminhos diferentes. O café esvaziou-se em suas xícaras enquanto as horas passavam, e o sol começava a se esconder, deixando uma sombra sobre a cidade.

Quando finalmente se levantaram para sair, Maria sentiu que aquele momento se tornaria mais uma memória, mais um "adeus" a ser guardado na caixa de saudades. Eles caminharam lado a lado, sem saber se deveriam se abraçar ou apenas se despedir com um aceno. O medo da dor os impedia de se aproximar.

Na porta do café, Humberto parou e, em um gesto inesperado, puxou Maria para perto. O abraço foi apertado, cheio de sentimentos não ditos. Era um "adeus" que transbordava dor, mas também gratidão. Um "adeus" que, mesmo triste, celebrava o que haviam vivido juntos.

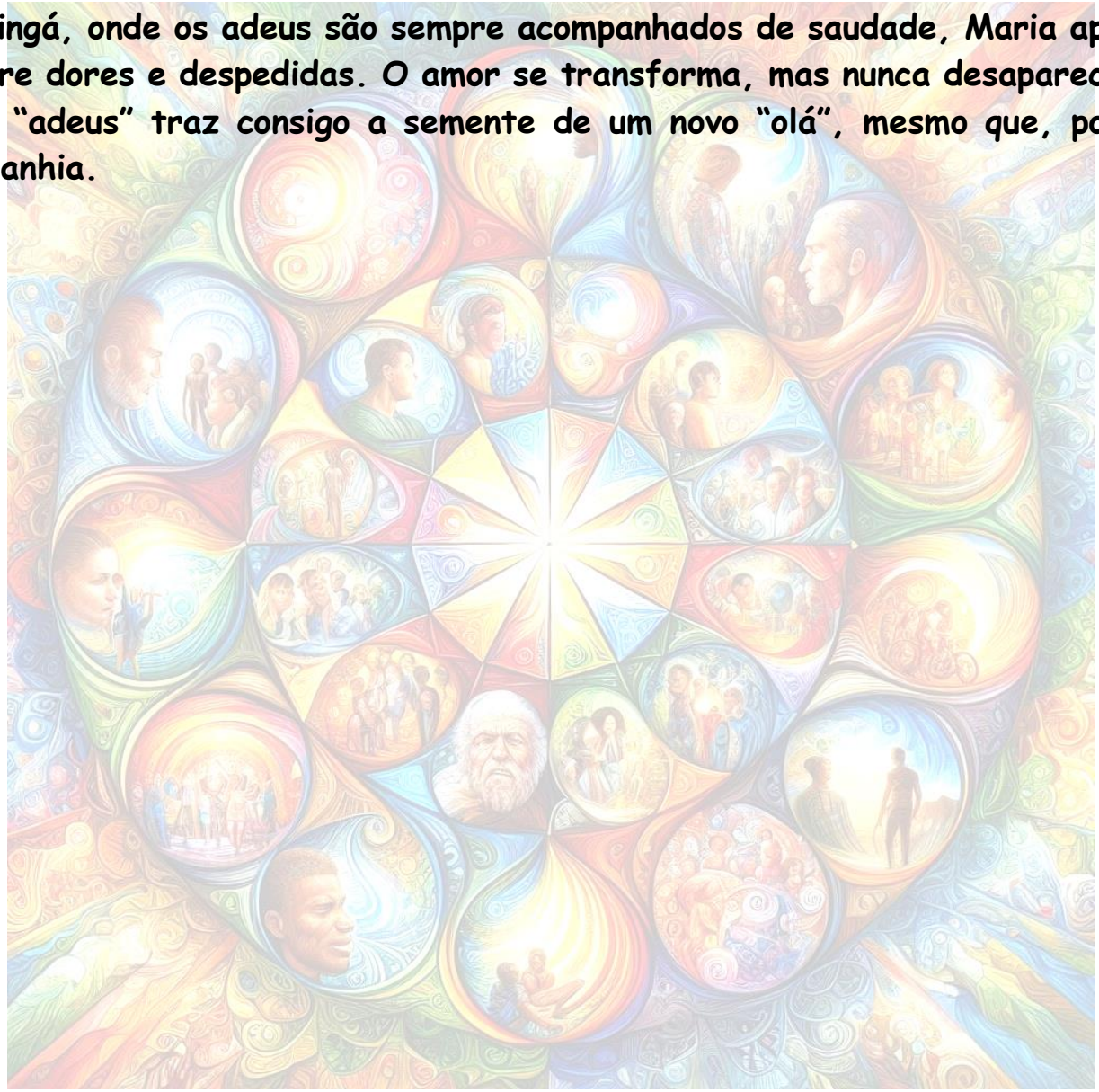
— Adeus, Maria. Cuide-se! — ele disse, com a voz embargada.

— Adeus. E não se esqueça de mim — respondeu ela, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

O "adeus" ecoou, pesado e doce como um canto de despedida, deixando no ar a promessa de que, apesar da distância, as memórias permaneceriam.

Enquanto ele se afastava, Maria ficou ali, observando o homem que um dia fora seu amor. O céu estava agora escuro, e as luzes da cidade começavam a brilhar. Em cada ponto luminoso, ela via uma lembrança, uma risada, um abraço.

E, assim, em Maringá, onde os adeus são sempre acompanhados de saudade, Maria aprendeu que a vida segue, mesmo entre dores e despedidas. O amor se transforma, mas nunca desaparece completamente. E, ao final, cada "adeus" traz consigo a semente de um novo "olá", mesmo que, por ora, a saudade seja a única companhia.



A Espetaria Fatal

José Feldman

(Floresta/PR)

Meu amigo... Quem diria?
Terminou todo "enrolado"...
Foi comer na espetaria,
e ficou todo espetado!

Era uma tarde ensolarada de sábado, e Aparecido, um sujeito curioso e um tanto desajeitado, caminhava despreocupado pela rua principal da cidade. Ele tinha acabado de sair do mercadinho, onde comprara pão, leite e, é claro, sua fiel coxinha de frango. Porém, algo chamou sua atenção naquela caminhada rotineira: uma placa vibrante e chamativa, escrita em letras garrafais e com uma seta piscando, anunciava:

"ESPETARIA DO ZEZÃO – OS MELHORES ESPETINHOS DA REGIÃO!"

Parou imediatamente. Espetinhos? Ele adorava espetinhos! Só de pensar na carne suculenta, no cheiro de churrasco e nos acompanhamentos, sua barriga já roncava. Era impossível resistir. "Ora, por que não experimentar?", pensou ele, enquanto ajeitava o chapéu que insistia em escorregar da cabeça.

Ao entrar no estabelecimento, uma música animada tocava ao fundo, e o ambiente tinha um clima acolhedor. Havia mesas de madeira, um balcão cheio de molhos e um menu escrito com giz numa lousa. Mas o que mais chamou a atenção foi a decoração... digamos... exótica. Havia espetos "por toda parte": espetos na parede, espetos pendurados no teto, espetos atravessando esculturas de carne falsa. Até o mascote da casa, um porquinho de pelúcia, estava espetado em um espeto gigante sobre o balcão.

"Bem-vindo, meu amigo!" gritou Zezão, o dono do lugar, um homem parrudo com um bigode impressionantemente comprido. "O que vai querer? Hoje temos promoção: espeto de carne, frango, linguiça e até vegetariano!"

Aparecido, sem pensar duas vezes, respondeu:

"Vou querer um de cada! Quero experimentar tudo!"

Zezão deu uma risada calorosa.

"Assim que eu gosto! Sente-se aí que já já saem os espetos mais gostosos que você já provou!"

Aparecido sentou-se em uma mesa próxima à parede, onde havia mais espetos decorativos, e começou a observar o movimento. O cheiro de churrasco invadia o ar, e ele já salivava. Minutos depois, Zezão veio trazendo uma bandeja cheia de espetinhos. A carne parecia perfeita, dourada, com uma crosta suculenta. Aparecido não perdeu tempo e começou a devorar os espetos, um atrás do outro, enquanto Zezão ria satisfeito.

"Tá gostoso, hein, meu amigo?" perguntou o dono, cruzando os braços.

"Gostoso? Isso aqui é um espetáculo!" respondeu ele, com a boca cheia.

Porém, ao se empolgar com o último espeto de carne, Aparecido, desajeitado como era, fez um movimento brusco com a mão. O espeto escapou dos seus dedos, ricocheteou no prato, bateu na mesa, e antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, o espeto veio girando pelo ar… "e acertou sua nádega."

O restaurante inteiro parou. Aparecido estava ali, com um espeto fincado em uma das nádegas, pulando de dor e tentando manter a pose.

"AI! ZEZÃO! TÔ ESPETADO!" gritou ele, enquanto os outros clientes tentavam segurar o riso.

Zezão, que já tinha visto de tudo na vida, ficou boquiaberto por uns segundos, mas logo correu para ajudar.

"Calma, meu amigo, é só um espeto pequeno! Já já a gente resolve isso!"

Entre risos e lágrimas de vergonha, Aparecido foi ajudado por Zezão e outro cliente, que cuidadosamente tiraram o espeto de sua nádega. O clima, apesar da situação, era de total descontração. Quando tudo se resolveu, Zezão olhou para Aparecido e disse:

"Olha, meu amigo, aqui na Espetaria do Zezão o lema é que todo mundo sai satisfeito… mas você se empolgou demais, hein? Isto não vai virar costume, né?"

Aparecido, ainda vermelho de vergonha, não conseguiu segurar a risada. E, apesar de tudo, antes de ir embora, ele ainda levou mais dois espetinhos para viagem.

Moral da história:

Na vida, cuidado ao brincar com espetos… às vezes, eles brincam de volta!

Dados Biográficos do Autor

JOSÉ FELDMAN, poeta, trovador, escritor, professor e gestor cultural. Formado em patologia clínica, trabalhou por mais de uma década no Hospital das Clínicas de São Paulo. Foi enxadrista, professor, diretor, juiz e organizador de torneios de xadrez a nível nacional durante 24 anos; como diretor cultural organizou oficina de trovas e apresentações musicais. Morou 40 anos na capital de São Paulo, onde nasceu, ao casar-se mudou para o Paraná, radicando-se em Maringá/PR.

Consultor educacional junto a alunos e professores do Paraná e São Paulo. Membro da Ordo Equitum Calami et Calicis (Dux Magnus); Ordem Sagrada do Templo e do Graal; Confraria Luso-Brasileira de Trovadores; Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (Taubaté/SP); Academia Movimento União Cultural (Taubaté/SP); Academia Virtual Brasileira de Trovadores (RJ); Confraria Brasileira de Letras (Campo Mourão/PR); Academia de Letras de Teófilo Otoni (MG); Academia de Letras Brasil-Suiça (Berna/Suíça) e outras. Certificados e medalhas de Mérito Cultural em Academias do Brasil, Portugal e Romênia. Possui os blogs Singrando Horizontes desde 2007, Voo da Gralha Azul (com trovas de trovadores vivos e falecidos). Assina seus escritos por Floresta/PR. Dezenas de premiações em crônicas, contos, poesias e trovas no Brasil e exterior.

Livros Publicados: "José Feldman e Izo Goldman (Coleção Terra e Céu: trovas); "Labirintos da vida" (crônicas e contos); "Peripécias de um Jornalista de Fofocas & outros contos" (humor); "35 trovadores em Preto & Branco" (análises); "Canteiro de trovas"; "Almanaque Poético Brasileiro vol. 1" (organizador); "Caleidoscópio da Vida".

Livros em andamento: "Pérgola de textos", "Chafariz de Trovas", "Asas da poesia", "Reescrevendo o mundo: Vozes femininas e a construção de novas narrativas".

Biblioteca Sunshine